

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL**

**Tese de Doutorado**

**É POSSÍVEL UMA PSICANÁLISE NÃO-HETERONORMATIVA?  
COMPLEXO DE ÉDIPO E HOMOSSEXUALIDADE NOS ARTIGOS DA REVISTA  
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**

**Daiane Maus Marques**

**Orientador: Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi**

Porto Alegre, julho de 2015.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**É POSSÍVEL UMA PSICANÁLISE NÃO-HETERONORMATIVA?  
COMPLEXO DE ÉDIPO E HOMOSSEXUALIDADE NOS ARTIGOS DA REVISTA  
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Doutora em Psicologia Social e Institucional.

Daiane Maus Marques

Orientador: Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi

Porto Alegre, julho de 2015.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Daiane Maus Marques

**É POSSÍVEL UMA PSICANÁLISE NÃO-HETERONORMATIVA?  
COMPLEXO DE ÉDIPO E HOMOSSEXUALIDADE NOS ARTIGOS DA REVISTA  
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**

Comissão de Avaliação

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paula Sandrine Machado  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Leila Fontes Vieira  
UFPE

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Djambolakdjian Torossian  
UFRGS

Porto Alegre, julho de 2015.

*Dedico esta tese à querida Liane Pessin, minha professora de graduação em Psicologia, que além de ensinar os fundamentos da teoria de Freud de forma apaixonada, mostrou com ternura e encantamento que é possível acreditar em uma clínica da ética e do respeito.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu filho. Quando iniciei o doutorado, ele ainda não existia. Agradeço ao carinho e compreensão, principalmente na fase final da escrita, em que o pequeno, de dois anos e meio, deixava a mamãe “estudar no quarto” enquanto ele ficava na sala, mesmo dizendo “Eu não gosto que você trabalhe, fica aqui”. A minha autodisciplina foi fundamental para que eu conseguisse escrever, sabendo que, ao abrir a porta de casa, teria muitas aventuras divertidas para viver. Agradeço ao meu pequeno pelos momentos revigorantes nos intervalos da escrita e pela paciência enquanto a mamãe não chegava em casa. Depois, com quase três anos, ele explicava para a família: “A mamãe não pode sair porque ela tem que estudar”. De vez em quando ele vinha estudar comigo, fazia seus desenhos ou “me ajudava” no computador, sentando-se no meu colo. Ficará marcado na minha lembrança o abraço que recebi quando estava fazendo esta parte do texto e perguntei a quem ele achava que eu começaria a agradecer com um “muito obrigada por ter me ajudado”. Ele citou algumas pessoas e quando o apontei, ele veio correndo me dar um silencioso e terno abraço; depois, seguiu falante, como de costume. Marcelo, muito obrigada por ter me ajudado. Claudio, meu marido e amigo, agradeço por sempre tentar fazer o possível para que eu tivesse o tempo que eu havia programado para o ofício do doutorado e por seguir na esperança por dias melhores, sem reclusões para escritas. Mônica, mesmo um pouco mais distante fisicamente nesta etapa, agradeço por sempre reconhecer e valorizar o meu esforço. Muito bom contar contigo, trocar ideias e construir momentos tranquilos e serenos ao longo deste período intenso.

Elo, Zenaide, Alzemilda, Deisi, meu querido e minhas queridas, obrigada pelo apoio incondicional, mesmo muitas vezes questionando: “Por que não paras de estudar?” Obrigada por entenderem que, às vezes – muitas vezes –, eu não pude estar presente.

Família Rizo, sem palavras. Meus pares. O presente mais bonito que essa ideia de seguir a vida acadêmica me deu. A amizade como potência! Priscila, Grace, Paula, Michele, Thiele, Carla, Karine, Andresa.

Colegas do Nupsex – meu grupo de pesquisa –, obrigada pelas contribuições, pelas críticas, pelos incentivos e por me acolherem. Que bom que existe grupo de *e-mail*, nesse tempo de Doutorado – considerando o meu trabalho e meu filho pequeno –, pois, por meio

dele, senti-me sempre muito presente, mesmo que à distância. Sinto muito orgulho de participar desde o início desse grupo!

Em especial, agradeço ao Henrique, meu orientador. Não tenho palavras para descrever minha gratidão. São aquelas coisas da ordem do indizível. Obrigada por estar sempre disponível e, ao mesmo tempo, pelo exercício de autonomia que permitiu que eu praticasse. Obrigada pela confiança, pela paciência, pelo incentivo. Você fez com que eu me sentisse condutora do meu processo, com a confiança de que eu nunca estava sozinha.

## RESUMO

Este estudo busca compreender como a produção teórica no campo da psicanálise tradicional no Brasil aborda a homossexualidade e sua relação com o conceito psicanalítico de “complexo de Édipo”, uma vez que: a) há o reconhecimento científico de que a homossexualidade *per se* não é uma patologia, o que pode ser observado em manuais diagnósticos como o DSM e o CID; b) a instrução normativa do Conselho Federal de Psicologia orienta os psicólogos e as psicólogas a não agirem de forma a “curar” e/ou a estigmatizar a homossexualidade; c) existem críticas paradoxais (tanto positivas quanto negativas) aos textos freudianos em relação à homossexualidade; d) se encontra a difusão na cultura de uma abordagem não-acadêmica que entende a homossexualidade como falha no processo de Édipo; e) pesquisa anterior aponta para o fato de que sujeitos que passaram pela clínica psicológica indicam que a homossexualidade foi vista pelo terapeuta ou pela terapeuta como algo que desvia do desenvolvimento normal; f) o processo definido como psicanalismo por Robert Castel, de uma forma geral, aponta para o modo pelo qual a psicanálise se institucionalizou e produziu efeitos no social, possibilitando pensar que o que foi publicado em termos de teoria e clínica psicanalítica influenciou a sociedade contemporânea ocidental. Quanto à perspectiva metodológica, a pesquisa foi desenvolvida a partir de uma orientação arqueogenalógica, utilizando a produção teórica de Michel Foucault como forma de refletir sobre as condições de possibilidade de surgimento de um determinado discurso psicanalítico. Portanto, buscou-se compreender os jogos de verdade que atravessam esse discurso, problematizando conceitos e sentidos naturalizados. Utilizou-se como *corpus* de pesquisa os artigos publicados pela Revista Brasileira de Psicanálise no período de 1980 a 2010. Evidenciou-se que os enunciados da família tradicional, da universalidade do complexo de Édipo, da ameaça do anti-Édipo e da raiz filogenética fazem parte da rede discursiva da psicanálise tradicional. Esta, por sua vez, pode ser pensada como estruturada pelas mesmas bases do discurso do cristianismo, destacando-se os enunciados da culpa e da fatalidade. Ressalta-se nesse contexto o enunciado de homossexualidade remetendo a uma conotação de anomalia dentro do discurso psicanalítico. Infere-se que a homossexualidade, se inserida no construto teórico analisado como equivalente à heterossexualidade, abalaria a rede discursiva da psicanálise tradicional, uma vez que a mesma é produto e reitera o dispositivo da sexualidade, que afirma a heterossexualidade como norma.

**Palavras-chave:** Complexo de Édipo; Homossexualidade; Heterossexualidade; Psicanálise; Discurso; Enunciado.

## ABSTRACT

This essay seeks to comprehend how the traditional Brazilian psychoanalysis theoretical production approaches the subject of homosexuality and its relation to the psychoanalytic prospect of “Oedipus complex”, once: a) there is a scientific acknowledgement that homosexuality *per se* is not a disease, what could be observed on diagnostic manuals such as DSM and CID; b) a normative act from Brazilian Federal Council of Psychology guiding psychologists neither stigmatize homosexuality nor to look for a cure for homosexuality; c) there are both positive and negative paradoxical critics concerning Freud’s texts about homosexuality; d) there is a cultural diffusion of a non-academic concept of homosexuality resulting from a failure to master the Oedipus complex; e) earlier researches indicates that many of those who experienced psychological clinics point that therapists usually considers homosexualism as something that departs from a standard behaviour; f) in a general form, the process defined by Robert Castel as *psychanalysme* points the ways psychoanalysis institutionalized itself on society and produced effects on it, making it possible to think that what was once published concerning psychoanalytic theory and clinics influenced contemporary Occidental society. Concerning the methodological approach, this research was developed based on an arch genealogical orientation, utilizing Michel Foucault theoretical production to sustain the possibility of emergence of a new psychoanalytic discourse. This essay also seeks to comprehend the truth games that go through such psychoanalytic discourse, problematizing concepts and meanings taken as naturals. Articles published on Revista Brasileira de Psicanálise from 1980 to 2010 were used as research *corpus*. It became evident that the discourse either from the traditional family, from the Oedipus complex universality, from the anti-Oedipus threaten, and from phylogenetic roots brings out part of the traditional psychoanalytic discourse, which could be thought as a structure similar to the one presented on Christianity, mainly on what concerns feelings of guilty and fatality. Based on this context, it is possible to highlight how homosexuality is treated as an abnormality in the psychoanalytic discourse. We may imply that homosexuality, if considered as equivalent to heterosexuality in the theoretical construct analysed in this essay, it would affect traditional psychoanalysis’ discursive network, once it is considered a product and it reiterates the sexuality device, which affirms heterosexualism as a norm.

**Keywords:** Oedipus complex; Homosexuality; Heterosexuality; Psychoanalysis; Discourse; Enunciation.



## RÉSUMÉ

Cette étude cherche à comprendre comment la production théorique dans le champ de la psychanalyse traditionnelle au Brésil décrit l'homosexualité et son rapport avec le concept psychanalytique de « complexe d'Œdipe », tandis que : a) il y a une reconnaissance scientifique que l'homosexualité *per se* n'est pas une pathologie, ce qui peut être observé dans des manuels diagnostiques comme celui du DSM et celui du CID ; b) l'instruction normative du Conseil Fédéral de Psychologie oriente les psychologues de ne pas agir de façon à "guérir" et/ou stigmatiser l'homosexualité; c) Il existe des critiques paradoxales (positives et négatives) aux textes freudiens concernant l'homosexualité; d) nous voyons une diffusion dans la culture d'une approche non-académique qui comprend l'homosexualité comme un défaut dans le processus d'Œdipe; e) notre recherche antérieure indique que des sujets qui ont eu une expérience de thérapie psychologique disent que l'homosexualité a été vue par le(la) thérapeute comme une déviation d'un développement normal ; f) le processus défini comme psychanalisme par Robert Castel, d'une façon générale, indique comment la psychanalyse s'est institutionnalisée et a produit des effets dans le social, ce qui nous permet de penser que ce qui a été publié en théorie et clinique psychanalytique a influencé la société contemporaine occidentale. Quant à la démarche méthodologique, la recherche a été développée à partir d'une orientation archéogénéalogique qui se sert de la production théorique de Michel Foucault comme un moyen de réfléchir sur les conditions de possibilité de émergence d'un discours psychanalytique déterminé. Nous avons alors cherché à comprendre les jeux de vérité qui traversent ce discours à partir de la problématisation des concepts et des approches naturalisés. Nous avons utilisé comme *corpus* de recherche, les articles publiés par la Revue Brésilienne de Psychanalyse dans la période de 1980 à 2010. Nous avons remarqué que les énoncés de la famille traditionnelle, de l'universalité du complexe d'Œdipe, de la menace de l'anti-Œdipe et de la racine phylogénétique font partie du réseau discursif de la psychanalyse traditionnelle. Celle-ci, nous pouvons le penser, est structuré sur les mêmes bases du discours du christianisme où les énoncés de culpabilité et de fatalité sont soulignés. Nous soulignons dans ce contexte que l'énoncé d'homosexualité renvoie à une connotation d'anomalie dans le discours psychanalytique. Nous concluons que l'homosexualité, lorsqu'elle est insérée dans le cadre théorique analysé comme équivalente à l'hétérosexualité, ébranle le réseau discursif de la psychanalyse traditionnelle, parce que celle-ci est le produit et au même temps une outil de renforcement du dispositif de la sexualité en affirmant l'hétérosexualité comme la norme.

**Mots-clés :** Complexe d'Œdipe; Homosexualité; Hétérosexualité; Psychanalyse; Discours; Énoncé.

## RESUMEN

Este estudio busca comprender cómo la producción teórica en el campo del psicoanálisis tradicional en Brasil aborda la homosexualidad y su relación con el concepto psicoanalítico de “complejo de Edipo”, una vez que: a) existe el reconocimiento científico de que la homosexualidad *per se* no es una patología, lo que puede ser observado en manuales diagnósticos como el DSM y el CID; b) la instrucción normativa del Consejo Federal de Psicología orienta a los psicólogos y a las psicólogas a no actuar de forma a “curar” y/o a estigmatizar la homosexualidad; c) existen críticas paradoxales (tanto positivas como negativas) a los textos freudianos con relación a la homosexualidad; d) se encuentra la difusión en la cultura de un abordaje no académico que entiende la homosexualidad como falla en el proceso de Edipo; e) investigación anterior señala para el hecho de que sujetos que pasaron por la clínica psicológica indican que la homosexualidad fue vista por el terapeuta o por la terapeuta como algo que desvía del desarrollo normal; f) el proceso definido como psicoanálisis por Robert Castel, de una forma general, señala para el modo por el cual el psicoanálisis se institucionalizó y produjo efectos en lo social, posibilitando pensar que lo que se publicó en términos de teoría y clínica psicoanalítica influyó a la sociedad contemporánea occidental. Cuanto a la perspectiva metodológica, la investigación fue desarrollada a partir de una orientación arqueogenealógica, utilizando la producción teórica de Michel Foucault como forma de reflexionar sobre las condiciones de posibilidad de surgimiento de un determinado discurso psicoanalítico. Por lo tanto, se buscó comprender los juegos de verdad que atraviesan ese discurso, problematizando conceptos y sentidos naturalizados. Se utilizó como *corpus* de investigación los artículos publicados por la Revista Brasileña de Psicoanálisis en el período de 1980 a 2010. Se evidenció que los enunciados de la familia tradicional, de la universalidad del complejo de Edipo, de la amenaza del anti-Edipo y de la raíz filogenética forman parte de la red discursiva del psicoanálisis tradicional. Esta, por su vez, puede ser pensada como estructurada por las mismas bases del discurso del cristianismo, destacándose los enunciados de la culpa y de la fatalidad. Se resalta en ese contexto el enunciado de homosexualidad remitiendo a una connotación de anomalía dentro del discurso psicoanalítico. Se infiere que la homosexualidad, si inserida en el constructo teórico analizado como equivalente a la heterosexualidad, afectaría la red discursiva del psicoanálisis tradicional, una vez que la misma es producto y reitera el dispositivo de la sexualidad, que afirma la heterosexualidad como norma.

**Palabras Clave:** Complejo de Edipo; Homosexualidad; Heterosexualidad; Psicoanálisis; Discurso; Enunciado.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 A QUESTÃO DE PESQUISA</b> .....	<b>16</b>
<b>1.1 Preliminares</b> .....	<b>16</b>
<b>1.2 Freud e o complexo de Édipo</b> .....	<b>18</b>
<b>1.3 Ambiguidades</b> .....	<b>22</b>
<b>1.4 A psicanálise para além da teoria clássica</b> .....	<b>29</b>
<b>1.5 Psicanalismo</b> .....	<b>33</b>
<b>1.6 Chegando mais próxima da questão</b> .....	<b>43</b>
<b>1.7 Buscando o campo</b> .....	<b>44</b>
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	<b>54</b>
<b>3 UNIVERSALIDADE DO ÉDIPO, MITO, RAIZ FILOGENÉTICA</b> .....	<b>59</b>
<b>3.1 Valorização do Édipo</b> .....	<b>59</b>
3.1.1 A Carta.....	59
3.1.2 Édipo – um rei na teoria psicanalítica.....	61
<b>3.2 A força do mito</b> .....	<b>62</b>
<b>3.3 A história primeva da humanidade – raiz filogenética</b> .....	<b>67</b>
<b>4 FAMÍLIA, AMEAÇA ANTI-EDÍPICA, PERVERSÃO</b> .....	<b>71</b>
<b>5 HOMOSSEXUALIDADE QUANDO A PALAVRA-CHAVE É COMPLEXO DE ÉDIPO</b> .....	<b>82</b>
<b>5.1 A invisibilidade nos excertos anteriores</b> .....	<b>83</b>
<b>5.2 A homossexualidade não considerada como possibilidade</b> .....	<b>85</b>
<b>5.3 Laio – quando a homossexualidade aparece</b> .....	<b>88</b>
<b>5.4 Anormalidade</b> .....	<b>90</b>
<b>5.5 Oásis</b> .....	<b>95</b>
<b>6 A HOMOSSEXUALIDADE COMO PALAVRA-CHAVE</b> .....	<b>97</b>
<b>6.1 O que é a homossexualidade</b> .....	<b>98</b>
<b>6.2 Tratando a homossexualidade</b> .....	<b>104</b>
<b>6.3 Revendo/questionando a psicanálise</b> .....	<b>109</b>
<b>6.4 O complexo de Édipo</b> .....	<b>111</b>
<b>6.5 A homossexualidade como algo possível</b> .....	<b>113</b>
<b>6.6 Freud – simpático aos homossexuais e às homossexuais</b> .....	<b>119</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>130</b>
<b>APÊNDICE A – Tabela com artigos com o termo “complexo de Édipo”</b> .....	<b>138</b>
<b>APÊNDICE B – Tabela com artigos com o termo homossexual e homossexualidade</b> ....	<b>139</b>

## APRESENTAÇÃO

### Uma Tese – muitas teses

A Psicanálise. A Homossexualidade. O Doutorado Acadêmico. Palavras fortes. Antes de apresentar o problema de pesquisa, inicio esta apresentação abordando o processo de escrita desta tese, que considero um bom preâmbulo para o conjunto que segue. A escrita vinha me deixando aflita, pois eu queria escrever algo bonito. Algo que pra mim fosse como uma obra de arte, uma obra de arte particular. Porque arte, a meu ver, é o que afeta, o que mexe, o que faz pensar para além do que está escrito. Quanta ambição! Mas queria que, pelo menos para mim, fosse arte, ou apenas uma pseudoarte, mas que, ao ler, eu voltasse a sentir o frio na espinha que em outros textos já senti. Mas a tese é grandiosa! É A Tese! E comecei a pensar como poderia então construí-la como uma de muitas teses que já se passaram na minha vida/no meu corpo. Teses diversas, ideias-afetos, que por mim passaram, fizeram sentido e me fizeram sentir, mas permaneceram indizíveis. Assim parece ser mais tranquilo. Desse modo, o que proponho é tornar palavra esse aglomerado de idéias/pensamentos/sensações que a pesquisa foi me mostrando. Como fazer isso sem embrutecer? Como fazer isso e preservar os bons momentos com autores-autoras-trechos-linhas? Como fazer isso, uma vez que, ao longo desses quatro anos de doutorado, somados ao tempo anterior do mestrado – mais dois anos –, nem sempre os momentos foram bons? Muitas vezes foram sofridos, doloridos, dor sentida no corpo exausto que passava imensas horas seguidas diante de escritos de outros e de outras e que não produzia nada palpável. Como tornar palavra tudo isso que está diante de meus olhos cerrados, um universo, um mar infindo? Mar revoltoso. Neste momento um pouco mais calmo, pois parece que adentrá-lo é menos voraz que avistá-lo da margem. Quero realmente sentir prazer ao ler o que escrevi. Na verdade, esse egoísmo talvez impere nesta escrita. Não importa muito o que o outro e a outra<sup>1</sup> sentirem na leitura, também o contrário seria demasiada ambição. Queridos e queridas que irão orientar, avaliar ou conversar comigo nesse processo, imagino que possam iniciar este contato com o texto um tanto apreensivos e apreensivas

---

<sup>1</sup> Farei o texto da tese a partir de uma perspectiva feminista, tendo em vista que não concordo com a representação da escrita usando o sujeito masculino universal com que é construída nossa linguagem. Opto, entretanto, por seguir uma forma um pouco distinta da forma frequentemente utilizada pelos estudos feministas (com usos de traços como ele/ela ou de símbolos como el@ ou elx). Buscarei aproximar a linguagem escrita da linguagem oral, fazendo o uso de ambos os termos por extenso quando a palavra supuser duas possibilidades (ele e ela).

diante das palavras anteriores... Fiquem tranquilos e tranquilas, não vou abrir mão do teor acadêmico necessário ao grau que estou galgando, pois bem, esta é uma Tese de Doutorado. Mas é possível falar disso com todo rigor e dureza necessários, porém mantendo uma certa afabilidade. Pelo menos é nisso que acredito. Até porque almejo que essa conversa seja uma escrita de possibilidades, assim, não esperem do que se segue A Tese, talvez deparemos-nos com algumas teses ou *anti-teses*. Obviamente, ao ser produzido dentro de um contexto acadêmico, este texto ocupará um certo estatuto de poder. Ele fará parte de uma institucionalização de saberes. Ao longo do trabalho, vou falar um pouco sobre a genealogia foucaultiana. A título de apresentação, trago um trecho de Foucault sobre a genealogia para sinalizar por qual caminho esta escrita segue:

Trata-se da insurreição dos saberes não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição de saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores que estão ligados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. E se a institucionalização do discurso científico toma corpo numa universalidade ou, de um modo geral, num aparelho pedagógico, se esta institucionalização de discursos científicos toma corpo numa rede teórico-comercial como a psicanálise, ou num aparelho político, com todas suas aferências, como no caso do marxismo, no fundo pouco importa. É exatamente contra os efeitos de poder próprios de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar combate. (FOUCAULT, 2005, p. 14)

E é a este combate que os convido. Assim, peço que entendam que se o que vou propor é com apoio da genealogia, realmente não poderia chamar A Tese como A Verdade. Eu estaria sendo extremamente incoerente.

### **O (des)prazer na escrita**

Pois bem, após muita pesquisa, muitas leituras, muitos rabiscos e esquemas, a tese precisava ser escrita. Sempre senti prazer ao escrever e ao longo do processo de pesquisa comecei a ter medo do academicismo matar essa emoção.

Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele se estende às raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria se fosse proibido de escrever. Sobre tudo isto: pergunte a si mesmo na hora mais silenciosa de sua madrugada: *preciso escrever?* Desenterte de si mesmo uma resposta profunda. (RILKE, 2007, p. 25)

Durante muito tempo minha resposta, sem hesitação, foi “Sim, eu preciso”. No meio do percurso, com a mão amarrada, tentei deixar a escrita, fiz de conta que não precisava mais, que agora seria apenas A Tese, o texto acadêmico, nada passional. Resultado: páginas vazias, chatos parágrafos, um corpo extremamente dolorido, uma mão negando-se a empunhar a caneta ou dedos não querendo buscar o teclado. Fisiologicamente, vi isso acontecer, e aqueles e aquelas que mais próximos e mais próximas a mim convivem podem confirmar. Só vinha-me a questão: como vou conseguir compor mais de 50 páginas? Catástrofe. Sim, não havia sujeito atrás daquelas linhas; eram apenas letras geladas postas uma ao lado da outra, junto a longas citações que, infortunadamente a contragosto, eram transcritas ao seu lado.

Voltei então à pergunta de Rilke, da qual havia esquecido em algum momento da minha trajetória. Sim, preciso! E mais que isso: eu quero escrever!

Então comecei a me questionar se não era pelo assunto que eu evitava a escrita. Certamente não. O assunto continuava a me indagar. Tudo que eu havia lido, pensado, recortado, assinalado começou a pipocar diante de meus olhos cerrados, por vezes entreabertos. Piscando e visualizando os *flashes* de possibilidades. O problema era que eu havia eliminado o sujeito da escrita, o sujeito do pensamento. Mas ainda era tempo. Assim, o que seguem, prezados e prezadas, são páginas que incluem também as (anti)teses que me sujeitam.

Estou bem ciente de que há outro trabalho para além da escrita. Sei disso. Isso difere a tese de um texto literário. Isso eu fiz. Fiz recortes. Usei marca-textos. Li um número tal de páginas que nunca imaginei, mesmo no meu maior otimismo, que seria tamanho. Isso foi pulsante. E ao longo da pesquisa tornou-se cada vez mais pulsante. Agora é hora de apresentar a reunião disso e as possibilidades de conversas. Foram esquemas, tabelas, frases soltas e um sujeito ansioso diante de tudo isso para tornar palavras aquilo com que convive e com que conviveu. Tentar tornar palavra o indizível, esse conjunto de pensamentos que se tornam um emaranhado. Tornar inteligível aquilo que pulsa e se esconde em cada linha fosforescente indicada pelo marca-texto amarelo ou apontada por setas nos textos lidos.<sup>2</sup> É uma tarefa difícil, pois, de alguma forma, preciso conseguir representar as voltas de meu espírito,

---

<sup>2</sup> Neste ponto não me refiro ao *corpus* da pesquisa (artigos da Revista Brasileira de Psicanálise que contenham as expressões homossexual, homossexualidade, homossexualismo ou complexo de Édipo), pois a leitura deles não foi realizada no sentido de buscar algo escondido; falo em relação a todo processo de composição da tese, a partir de livros, congressos, bancas, etc.

aprisioná-las no texto; o bom desse difícil é que, no momento que tento representar o que é irrepresentável, o texto se torna algo diferente daquilo que afetou meu espírito, e, na maioria das vezes, me delicio ao ler o resultado.

Logo adiante haverá um capítulo sobre metodologia. Palavra dolorida esta, mas indispensável para possibilitar as conversas que há pouco mencionei. Não haverá receitas, mas mostrarei de que forma tracei o itinerário e como o percorri para alcançar algumas considerações que irão surgir ao longo dos capítulos.

## 1 A QUESTÃO DE PESQUISA

### 1.1 Preliminares

Geralmente uma tese (e procurei muitas delas para poder afirmar isso) inicia trazendo o problema de pesquisa. Proponho que tenham um pouco de paciência, pois não vou conseguir fazer isso de início. Preciso preparar o clima e investir em algumas preliminares. Para eu chegar na famosa questão da pesquisa (enxuta e pronta), percorri caminhos diversos e acredito que isso não seja mérito ou infortúnio apenas meu. Essa etapa faz parte e acompanha muitos daqueles e daquelas que pesquisam. Proponho, neste momento falar desse processo, uma vez que, ao longo das próximas páginas, espero que eu consiga demonstrar isto de alguma forma: teses, *anti-teses*, caminhos, descaminhos e decisões em encruzilhadas vão fazer parte daquilo que, em algum momento, se destacará como “questão de pesquisa”, não necessariamente nas palavras, mas em toda uma trajetória que elas foram escolhidas. Quero falar na razão pelas escolhas. Então convido quem estiver acompanhando esta leitura para, como eu disse na apresentação, acompanhar as voltas de meu espírito e trilhar os passos em que ele foi aprisionado, como em um clique de uma fotografia, momento em que emergiu a questão em si.

Quando defendi minha dissertação de mestrado, em que trabalhei com o tema da diversidade sexual e da clínica psicológica a partir do estudo das trajetórias de vida de sujeitos homossexuais que passaram por atendimento psicológico, cheguei a algumas considerações e a diversos questionamentos, o que me impeliu a seguir pesquisando. O que pude perceber nas entrevistas durante a realização do mestrado é que os enunciados que constituem a clínica, do ponto de vista de quem a procura (diversas vezes a mãe do sujeito), encontram rapidamente eco nos enunciados do consultório presentes no relato dos entrevistados e das entrevistadas, demonstrando que ambos fazem parte da mesma formação discursiva, ou seja, que se sustenta em um discurso psicológico, ou simplesmente “psi” que ainda produz a homossexualidade como anomalia. Assim, o “paciente” ou a “paciente” acaba ficando imerso ou imersa nesse contexto, em que ele ou ela muitas vezes só tem como existir no espaço terapêutico na perspectiva da anormalidade. A partir do relato dos entrevistados e das entrevistadas, foi possível perceber que saberes que se legitimam no interior do jogo de verdades da psicologia



estabelecem uma busca pela causa da homossexualidade, o que possibilita pensar essa forma de exercício da sexualidade como desvio. Mesmo que o código de ética profissional determine que o psicólogo e a psicóloga não possa contribuir com a estigmatização e patologização da homossexualidade,<sup>3</sup> no contexto da clínica a investigação das causas da orientação sexual homossexual, algo que não aconteceria se ela fosse heterossexual, emerge insistentemente. Ficou evidente nos relatos que a fala de alguns psicólogos e de algumas psicólogas é atravessada ou constituída por uma rede enunciativa que relaciona a prática sexual do paciente e da paciente a algum tipo de abuso sofrido ou também a falhas da figura materna e/ou paterna (homossexualidade como desvio da norma). Tal afirmação reitera a ideia de que a construção da orientação homossexual para alguns psicólogos e para algumas psicólogas parece ser inteligível apenas na ordem da falha ou do trauma, aspecto muitas vezes tido por verdade no discurso de algumas psicologias que se construíram no contexto do dispositivo da sexualidade<sup>4</sup> a partir da lógica heteronormativa<sup>5</sup>. (MAUS-MARQUES, 2010).

A psicanálise é a base teórica utilizada por muitos psicólogos e muitas psicólogas em seus trabalhos clínicos. Tanto para aquele ou para aquela que aborda a psicologia do desenvolvimento quanto para quem se intitula psicanalista ou segue a linha psicanalítica, os pressupostos fundantes da teoria inaugurada por Freud estão presentes na escuta clínica. Russo (2006), ao falar do movimento psicanalítico brasileiro, refere o destaque da psicanálise na inauguração da psicologia como profissão:

Na esteira da expansão psicanalítica – expansão enquanto terapia, enquanto profissão e enquanto modo de compreensão do ser humano –, surgiu e se expandiu uma nova especialidade: a psicologia. Reconhecida como profissão em 1967 a partir do trabalho dos ‘psicotécnicos’, a psicologia se psicanalizou

---

<sup>3</sup> O Conselho Federal de Psicologia Brasileiro, em 1999, regulamenta que os psicólogos e psicólogas não poderão atuar profissionalmente no intuito de patologizar a homossexualidade (Conselho, 1999). Anteriormente a despatologização já havia encontrado reconhecimento em manuais científicos, são exemplos a revisão DSM II, em 1974, e do CID 10, que teve o termo homossexualidade (per se) retirado da lista de patologias mentais, a partir da assembléia geral da OMS (Organização Mundial da Saúde) ocorrida em 17 de maio de 1990.

<sup>4</sup> O dispositivo da sexualidade é um conceito desenvolvido por Foucault (2006) e será retomado e trabalhado ao longo do texto. Neste ponto é importante salientar que ele evidencia a sexualidade como a verdade maior sobre o indivíduo, o que faz com que os corpos e os prazeres sejam alvos de grande controle a partir de padrões de normalidade.

<sup>5</sup> A lógica heteronormativa está vinculada ao termo heteronormatividade que se refere à forma como a heterossexualidade é eleita como sexualidade padrão e cria uma situação de hierarquização em relação a todas outras expressões de sexualidade. (NARDI; MACHADO, 2015).

velozmente, transformando o atendimento clínico ou terapêutico na sua atividade preferencial. (RUSSO, 2006, p. 420)

Nesse sentido, devido à importância da psicanálise na formação de gerações de médicos, médicas, psicólogos, psicólogas, e de outros profissionais e outras profissionais, além do fato de alguns de seus princípios estarem amplamente presentes na cultura ocidental, pareceu-me que um primeiro grande recorte de pesquisa poderia ser o entendimento da homossexualidade pela teoria psicanalítica. Tomada essa decisão, agora me via diante da volumosa produção associada à teoria psicanalítica e às inúmeras correntes desenvolvidas desde sua criação. O próximo passo foi a decisão de focar a pesquisa apenas na obra de Freud.

A importância e a valorização de Freud para a teoria psicanalítica parecem ser irrefutáveis. No parágrafo acima eu mencionei “focar apenas na obra de Freud”, mas sei que isso é gigantesco ainda. Uma ideia foi, então, centrar no termo “complexo de Édipo”, por ser considerado por muitos autores e muitas autoras, como veremos no decorrer deste texto, um dos pilares centrais da obra freudiana no que tange ao desenvolvimento sexual e à formação do sujeito. Tendo em vista o objetivo de continuar investigando o lugar ocupado pela homossexualidade no campo “psi”, centrar no referido complexo permite situar a homossexualidade assim como é tomada em sua construção conceitual, uma vez que as formas de resolução, para Freud, associam-se à definição da orientação sexual do sujeito a partir de uma marcada distinção de como ocorre em meninos e em meninas.

## **1.2 Freud e o complexo de Édipo**

Depois da decisão de tomar por foco a obra de Freud e, mais especificamente, o complexo edípico, fiz uma imersão na sua vida por meio de diversas biografias (GAY, 2002; JONES, 1975; LOUREIRO, 2006; SOUSA; ENDO, 2009) e da leitura e releitura de várias obras do próprio Freud. Muitos são aqueles e aquelas que escreveram sobre ele. Ler biografias faz com que aquele ser distante se personifique. Ler os textos e sentir-me tão próxima das vicissitudes da vida de Freud fez com que aumentasse minha afeição e meu carinho por ele. Durante muitos e muitos dias ele se tornou meu companheiro de viagem, em primeira pessoa ou a partir do que contaram seus biógrafos, e tive a companhia de um sujeito bem humorado, calmo diante as ferrenhas críticas de médicos e sociedades médicas da época, sentimental

diante das críticas e divergências de seus discípulos. A ideia não é fazer uma longa descrição da vida de Freud. Considerarei alguns pontos que justifiquem o caminho que venho trilhando para delimitar a questão de pesquisa.

“A vida de Freud instaurou no século XX um verdadeiro divisor de águas. Ele inundou os espíritos com inquietações, dando forma ao desejo humano.” (SOUSA; ENDO, 2009, p. 11). Juntamente com todos os elogios direcionados a este teórico revolucionário em diversas questões, temos que ter claro que a teoria freudiana é amplamente influenciada pelas tendências culturais europeias dos séculos XVIII, XIX e XX e que boa parte dos autores e das autoras aborda a biografia de Freud para compreender as condições para o surgimento de sua teoria, uma vez que a trajetória pessoal de seu fundador se mescla aos casos que ele analisa no decorrer de sua obra (LOUREIRO, 2006).

Sobre as influências de sua vida particular, Gay menciona que:

Tais mistérios da infância deixaram sedimentos que Freud reprimiu durante anos, e só viria a recapturar, através de sonhos e de uma trabalhosa autoanálise, no final dos anos 1890. Sua mente se constituía dessas coisas – a jovem mãe grávida de uma rival, o meio-irmão de alguma misteriosa maneira como companheiro de sua mãe, o sobrinho mais velho do que ele, seu melhor amigo e também maior inimigo, o pai bondoso com idade suficiente para ser seu avô. Ele fiaria o tecido de suas teorias psicanalíticas a partir dessas experiências íntimas. Quando precisou delas, elas voltaram a ele. (GAY, 2002, p. 23)

Um exemplo do uso da autoinvestigação é o livro *A Interpretação dos Sonhos*, lançado em 1900. Freud passou sistematicamente analisando seus próprios sonhos para compor essa obra que é um marco na sua extensa produção. Nesse livro, ele relata pela primeira vez um modelo para a estrutura e para o funcionamento da psique (LOUREIRO, 2006; GAY, 2002).

Loureiro (2006) cita o conceito do complexo de Édipo para exemplificar o uso das experiências pessoais de Freud na composição de sua teoria. Afirma que as suas lembranças infantis foram definitivas para que ele pudesse ver-se diante de um complexo de fantasias e de sentimentos que caracterizaria como universal; somadas, é claro, à escuta de alguns pacientes e de algumas no que se refere à sexualidade infantil e a produções culturais que apresentavam o mesmo embasamento, como é o caso da tragédia *Édipo Rei*, de Sófocles.

A sexualidade era um tema científico em efervescência nessa época. Em 1845, um desconhecido médico alemão chamado Adolf Patze, em um pequeno livro, já menciona a

manifestação do impulso sexual em crianças. Já em 1867, o psiquiatra inglês Henry Maudsley menciona manifestações sexuais tanto em crianças quanto em filhotes de animais (GAY, 2002).

Segundo Foucault (2006), a proliferação do discurso sobre o sexo seria uma forma de se afastar toda sexualidade que não fosse ligada à economia da reprodução. Todo sexo fora da família nuclear seria banido. Com isso, foi possível construir o enunciado que remete a um desenvolvimento normal da sexualidade e estabelecer todos os desvios que deveriam ser vigiados por controles pedagógicos e médicos. Foucault (2001) destaca que no fim do século XVIII a família nuclear começa a ser estruturada e o corpo da criança passa a ser central. O corpo infantil tem que ser vigiado. A masturbação ocupa o lugar entre o discurso cristão da carne e a psicopatologização sexual. Afirma que é a família, a partir do início do século XIX, detentora do poder imediato, outorgado pelo saber médico (atuando como um controlador externo), que faz surgir o normal e o anormal no que se refere ao sexual. “A família é que vai ser o princípio de determinação, de discriminação da sexualidade, e também o princípio de correção do anormal.” (FOUCAULT, 2001, p. 322).

Nesse campo de contingências descrito por Foucault (2001, 2006), Freud inicia os estudos que vão levá-lo a pensar o Édipo. Começa a pensar a relação da sexualidade infantil dentro da família, mais adiante o levando a formular o famoso triângulo familiar. Nos Três Ensaio sobre a Sexualidade, Freud aborda as pulsões sexuais e a pulsão de autoconservação. Ao longo de sua obra ele vai reformulando essa questão e, em Além do Princípio do Prazer, de 1920, ele amplia essa formulação inicial, incluindo o conceito de pulsão de vida (que engloba as pulsões sexuais e de autoconservação), contrapondo-o ao conceito de pulsão de morte. A libido – termo bastante usado na teoria psicanalítica – seria a energia da pulsão sexual. Consiste em um fluxo de energia que circula no aparelho psíquico, investindo e desinvestindo determinados objetos. Freud estabelece fases da evolução do investimento libidinal a partir da qual formula as fases do desenvolvimento psicosexual: oral, anal, fálica, latência e genital. É nesse emaranhado teórico que emergem as formulações mais consistentes sobre o complexo de Édipo.

De acordo com Freud, o complexo de Édipo tem início entre os 3 e 5 anos de idade. É um período de sentimentos intensos em relação aos pais, tanto de amor quanto de ódio. A dissolução do complexo estaria ligada à capacidade da criança em renunciar a seu objeto de

amor e a identificar-se com os valores da cultura. Freud atribui características bastante distintas para a resolução do complexo nos meninos e nas meninas.<sup>6</sup>

Loureiro (2006) aborda o conflito, fazendo uma análise da dissolução do mesmo:

É o momento em que a criança passa a integrar a ordem social, pois se submete às normas culturais das quais a interdição do incesto pode ser tomada como paradigma, já que vigora em todas as sociedades. A estrutura triangular do Édipo, à qual Freud atribui caráter universal, é vivida de modo absolutamente singular por cada sujeito, de acordo com as vicissitudes de sua história libidinal infantil. Tal singularidade estará em jogo na própria estruturação da personalidade do sujeito (exemplo: o caráter mais ou menos severo de sua consciência crítica), na futura escolha de objetos amorosos (exemplos: traços físicos ou psíquicos que despertam a atração) e também na definição dos contornos de sua psicopatologia. (LOUREIRO, 2006, p. 381)

Moreira (2004) percorre a obra freudiana para descrever o desenvolvimento do complexo de Édipo. Apresenta o processo de teorização do Édipo em quatro movimentos: “o Édipo na teoria dos sonhos”, “o Édipo no interior da problemática do Pai Totêmico”, “o mecanismo da identificação no Édipo” e, por fim, “Édipo e Complexo de Castração”. A autora ressalta a importância deste conceito para a Psicanálise:

O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Para a teoria psicanalítica, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo não é somente o “complexo nuclear” das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexuação. Será a partir do Édipo que o sujeito irá estruturar e organizar o seu vir-a-ser, sobretudo em torno da diferenciação entre os sexos e de seu posicionamento frente à angústia de castração. Freud irá remeter, na sua teorização sobre o Édipo, a autores e personagens clássicos da literatura mundial, como o “Hamlet” de Shakespeare e a trama do parricídio dos “Irmãos Karamazov”, obras que reencenaram o mito de Édipo da tragédia de Sófocles. (MOREIRA, 2004, p. 219)

---

<sup>6</sup> A partir das teorias das fases psicosssexuais infantis, temos que é na fase fálica que se processa o complexo de Édipo. No caso do menino, por medo da castração, ele se identifica com o pai, ameaçado por ele ou pelo temor de se transformar em um ser como a mãe. (PARISOTTO et al., 2003). Na menina, a evolução da fase fálica inicia com a fantasia de que as mulheres possuem um pênis. Ainda intensamente ligada à mãe, vive a fantasia de dar um filho a esta ou de gerar um filho dela. Com a constatação de que a mãe não possui pênis e tampouco ela o possui, sente-se injuriada narcisicamente e invadida por uma intensa inveja do pênis. Ressente-se com a mãe por esta não possuir e nem lhe ter dado um pênis e volta-se para o pai, em um primeiro momento, para recuperar este pênis perdido e, posteriormente, com o intuito de ter um bebê do pai. O bebê assume o lugar do pênis e a atividade dá lugar à passividade. Diferente do menino, a castração na menina introduz o Édipo. (FREUD, 1933).

A partir do entendimento de que o complexo de Édipo é um conceito estruturante da psicanálise freudiana, uma dúvida pertinente ao que busco pesquisar é: como esse conceito se articula com a homossexualidade? Ao longo do processo de definição da questão e do *corpus* da pesquisa, deparei-me com posicionamentos distintos referentes a tal articulação. A seguir, inicio uma conversa, a qual chamei de Ambiguidades, em que percorro um pouco a questão da homossexualidade em relação à psicanálise de Freud.

### 1.3 Ambiguidades

Algo que me instiga a continuar a pesquisar é o fato de, apesar dos relatos de pessoas que passaram por atendimento psicológico (analisados em minha dissertação de mestrado) afirmarem que existe um discurso de anormalidade em relação à homossexualidade – quando interrogados e interrogadas –, psicanalistas afirmam que isso não é regra. Durante a composição do projeto, li muitos artigos, entrevistas e participei de eventos que tratavam do tema. Alguns psicanalistas e algumas psicanalistas relativizavam a questão, assim como outros e outras diziam que se necessitava estudar mais a respeito. A partir da revisão teórica, foi possível perceber que há autores e autoras que consideram Freud um ativista dos homossexuais e das homossexuais para a sua época, pois, quando se fala no assunto, diversas vezes aparece o trecho da carta que Freud escreveu a uma mãe esclarecendo que homossexualidade não é doença. Apesar disso, frequentemente a orientação sexual distinta da heterossexualidade é entendida como um desvio do processo “normal” na obra de Freud. Ainda cabe lembrar que essa mesma psicanálise fundada por “um ativista”, até pouco tempo não admitia homossexuais em sua associação mais tradicional, a IPA (Associação Internacional de Psicanálise). Segundo Roudinesco (2008), a IPA reeditou tacitamente a ideia da proibição de formação psicanalítica para homossexuais, embora não mencionasse isso de forma escrita em seus estatutos, o que fez com que pudesse se afirmar que ela não existisse e com isso não precisasse ser abolida. Roudinesco ainda afirma que foi preciso esperar manifestações públicas de homossexuais, como, por exemplo, a do psicanalista homossexual Ralph Roughton no Congresso Internacional da IPA, em 1997, em Barcelona, para tornar visível a questão. Ainda de acordo com a autora, foi a partir de 2002, no mandato de Daniel

Widlöcher, que adotou-se uma política de não discriminação aos homossexuais, o que nos mostra que esta existia. Como vemos, há algumas incoerências e contradições nessas histórias.

Vieira (2009), Ceccarelli (2012) e Maya (2007) relatam que Freud escreve em 1935 para uma mãe norte-americana dizendo que ela não deve se envergonhar do filho homossexual. Segue trecho emblemático, repetidamente citado:

Eu creio compreender, após ler sua carta, que seu filho é homossexual. Eu fiquei muito surpreso pelo fato que a senhora não mencionou esse termo nas informações que deu sobre ele. Posso eu vos perguntar por que evitou esta palavra? A homossexualidade não é evidentemente uma vantagem, mas não há nada do que sentir vergonha. Ela não é nem um vício, nem uma desonra e não poderíamos qualificá-la de doença. (FREUD, 1967, p.43)

Ou ainda, de acordo com Vieira (2009), Ceccarelli (2012) e Marques (2010), Freud escreve uma carta opondo-se, em 1921, ao presidente da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), Ernest Jones, quando ele recusa-se a aceitar a entrada de um homossexual para a formação como psicanalista.

Vieira (2009) fez um interessante estudo acerca das múltiplas faces da homossexualidade em Freud, destacando o pensamento revolucionário do autor em relação à homossexualidade, mas apresentando, em contrapartida, uma série de equívocos e contradições teóricas no sentido de dar seguimento a um modelo positivista que acaba levando a homossexualidade aos critérios de fixação e narcisismo, diferente da heterossexualidade, que pode ser entendida como produtora de alteridade.

Encontramos várias obras de importantes pensadores e pensadoras que fazem críticas ao modelo edipiano. Foucault (2006) traz uma valiosa contribuição ao desvincular o termo “desejo” da ideia de falta, estabelecendo que todo desejo é construído e não está ligado apenas à sexualidade, uma vez que essa também é fruto de um dispositivo de poder. Essas críticas foram pouco incorporadas nas obras psicanalíticas. Se concordarmos com Foucault, a psicanálise é fruto desse mesmo dispositivo que situa a sexualidade como central.

Judith Butler (2003), buscando o diálogo entre Freud e Foucault, desconstrói o caráter fundante das predisposições “normais/naturais” do desejo apresentadas por Freud, que desenvolve o complexo de Édipo e afirma existir algo anterior a este. Segundo a teoria edipiana, o desejo pelo mesmo sexo é deslocado para o desejo heterossexual em função de predisposições inatas. Butler afirma que tais predisposições são construções da cultura, da

matriz heterossexual e não de fatos sexuais primários do psiquismo, ou seja, são efeitos de uma lei (norma) imposta pela cultura e conseqüentemente do ideal de ego, também formado pela cultura. O tabu da homossexualidade cria a possibilidade de “predisposições”, somente assim sendo possível o conflito edípiano da forma que é apresentado. Muitas vezes, a forma como a teoria freudiana é tomada faz parecer que estas predisposições são colocadas como uma meta-narrativa, como se fosse algo pré-discursivo, anterior à linguagem e à cultura. Fato que, segundo a autora, não faz sentido.

Nessa direção, a autora indica que a lei repressiva vai atuar de modo a classificar o que é dizível e o que é indizível. Para ser possível acontecer o complexo de Édipo, é preciso entender as predisposições sexuais como algo que é dado *a priori* e não construído pela cultura. Apenas partindo desse pressuposto seria possível justificar o deslocamento do desejo para o sexo oposto em vez da identificação/internalização com o objeto perdido. Poderíamos perguntar se a identificação com o objeto perdido não seria mais simples, “mais natural” para o trabalho do ego, o que levaria, segundo a explicação psicanalítica, a um desejo pelo mesmo sexo, em vez de ter que, posteriormente, fazer um deslocamento para se identificar com o outro objeto, levando a um desejo heterossexual?

Deleuze e Guattari, nesse sentido, criticam a psicanálise no que tange ao idealismo que a sustenta:

Chamamos de idealismo da psicanálise todo um sistema de rebatimentos, de reduções na teoria e na prática analíticas: redução da produção desejante a um sistema de representações ditas inconscientes, e a formas de causação, de expressão e de compreensão correspondentes; redução das fábricas do inconsciente a uma cena de teatro, Édipo, Hamlet; redução dos investimentos sociais da libido aos investimentos familiares, rebatimento do desejo sobre coordenadas familiares, ainda o Édipo. Ela responde à demanda, as pessoas chegam com seu Édipo. A psicanálise não faz mais do que elevar Édipo ao quadrado, Édipo de transferência, Édipo de Édipo, no divã como uma terrinha lamacenta. Porém, familiar ou analítico, o Édipo é fundamentalmente um aparelho de repressão das máquinas desejantes, e de modo algum uma formação do próprio inconsciente. Não queremos dizer que o Édipo, ou seu equivalente, varie conforme as formas sociais consideradas. Antes acreditaríamos, com os estruturalistas, que é um invariante. É por isso que atacamos o Édipo, não em nome de sociedades que não o comportariam, mas naquela que o comporta eminentemente, a nossa, capitalista. Não o atacamos em nome de ideias pretensamente superiores a sexualidades, mas em nome da própria sexualidade que não se reduz ao “sujo segredinho familiar”. (...) O que a psicanálise chama de resolução do Édipo é absolutamente cômico, é precisamente a operação da dívida infinita, a análise



interminável, o contágio do Édipo, sua transmissão de pais para filho. É alucinante a quantidade de bobagens que se pôde dizer em nome do Édipo, a começar sobre a criança. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 27)

Deleuze e Guattari (1976, 1992) criticam ferozmente o Édipo e o associam à máquina capitalista, porém mantém o inconsciente, embora seja um inconsciente diferente das estruturas que estamos acostumados e acostumadas a apreender na psicologia. A psicanálise, segundo os autores, se centra na neurose, de forma a desconsiderar o inconsciente esquizo. Freud descobre o desejo enquanto libido, mas ele aprisiona esse desejo em uma cena de família – no Édipo. Claro que as condições de possibilidade para o uso da representação edípica eram apropriadas para que Freud lançasse sua teoria, mas ele acabou acentuando apenas a cena familiar.

Para a psicanálise, o Édipo passou a ser a formação do próprio inconsciente e, para Deleuze e Guattari, essa seria apenas uma das *n* formas possíveis. O Édipo vem a ser um mecanismo de repressão das forças desejantes quando entendido como única possibilidade positiva. Os autores passam da psicanálise ao fascismo, falam de um fascismo generalizado, que manipula o desejo por opressão e repressão, ameaçando o que eles chamam de “máquinas revolucionárias”. A partir desses conceitos, eles vêem a própria psicanálise como uma forma de fascismo, e, ao abordar o capitalismo (também como forma de aprisionamento do desejo), afirmam: “A psicanálise é como o capitalismo: tem por limite a esquizofrenia, mas não cessa de repelir o limite e de tentar conjurá-lo.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 32). Mais adiante, colocam: “não nos dirigimos aos que consideram que a psicanálise vai bem e tem uma visão justa do inconsciente, (...) nos dirigimos aos inconscientes que protestam.” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 34).

Em contrapartida aos autores e às autoras pós-estruturalistas citados e citadas, há aqueles e aquelas que defendem Freud, buscando *n* justificativas que demonstrem que ele mantinha a homossexualidade e a heterossexualidade em um mesmo patamar, afirmando que o problema não é a obra de Freud e sim os psicanalistas pós-freudianos e as psicanalistas pós-freudianas. Ceccarelli (2012) afirma que Freud teve uma posição revolucionária frente à homossexualidade, provocando importantes rupturas. Nas palavras do autor:

A mudança de paradigma trazida por Freud foi de peso. Ao desnaturalizar a sexualidade humana, Freud mostrou que todas as escolhas sexuais respondem

a determinações inconscientes em busca da realização de desejo, sem que haja algo que possa ser chamado de sexualidade normal e muito menos natural. (CECCARELLI, 2012, p. 110)

Nesse sentido, trago mais uma vez o autor em uma citação bastante importante para a proposta de pesquisa. Ele fala da produção bibliográfica, reitera a ideia de que psicanalistas dão à homossexualidade o caráter de desvio, diferentemente de Freud que, segundo o autor, a equivale à heterossexualidade:

Apesar das revolucionárias posições de Freud, de sua abertura de espírito e das rupturas por ele provocadas, a questão da “escolha” homossexual continua sendo um problema para os psicanalistas. A vasta produção bibliográfica sobre o tema é significativa, para não dizer sintomática. Entre os psicanalistas encontramos desde os que vêem a homossexualidade como um desvio, uma patologia, enfim, como algo que pode e deve ser tratado, até os mais próximos de Freud, que a entendem como uma posição libidinal ao mesmo título que a heterossexualidade. (CECCARELLI, 2012, p. 110)

Maya (2007) também faz uma análise da obra freudiana de uma forma particular. Afirma que “a leitura dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), no qual Freud apresenta sua concepção de objeto originalmente desatrelado da pulsão, descortinou algo novo que permitia pensar a homossexualidade como uma prática sexual igual à outra qualquer.” (MAYA, 2007, p. 85).

Roudinesco (2009) afirma que, em relação à homossexualidade, Freud inova, distinguindo-se dos sexólogos da época ao não classificá-la como uma anomalia da sexualidade. Aponta a importância do conceito da bissexualidade psíquica em todos os indivíduos. Destaca ainda que, “em determinados momentos, Freud não exclui a existência de uma predisposição orgânica na gênese da homossexualidade, embora permaneça convencido de que, tanto para um homem quanto para uma mulher, o fato de ser criado por mulheres favorece a homossexualidade”. (ROUDINESCO, 2009, p. 47). Explica que o sujeito, para Freud, é marcado pela tragédia do desejo, sendo o homossexual, por sua vez, um sujeito ainda mais trágico do que o neurótico comum, tendo em vista que “sua escolha sexual instala-o à margem da sociedade burguesa”. (ROUDINESCO, 2009, p. 47). Nesse ponto, ela fala do potencial criador que ele deverá usar como recurso para assumir o próprio drama. Retorna a Freud por meio do ensaio dedicado a Leonardo da Vinci, em que o autor deixa de usar o termo “invertido” em favor do termo “homossexual”. Arán (2000) também faz alusão a este texto

enfazando que ele pensa a subjetivação a partir do modelo de estética, no qual Freud contrapõe a ideia de sublimação a de recalque. A autora busca pensar o conceito de feminilidade a partir de Monique Schneider, Joel Birman e Monique David-Ménard, percebendo que há em comum – nesse autor e nessas autoras – a crítica à centralidade do Édipo, a ideia do excesso pulsional e a proposta da estética a partir do texto “Leonardo da Vinci”, de 1910. Roudinesco (2009) ainda pontua que Freud amplia a noção de perversão para além dos homossexuais, embora entenda que a maioria deles sejam perversos. Diz que os homossexuais de Freud são civilizados e acredita que o mesmo não entenderia, hoje, a vontade dos homossexuais em encaixar-se no modelo capitalista burguês, uma vez que eles seriam da ordem do sublime e não do normalizado.

A partir do exposto, temos claramente visões ambíguas e controversas, diferentes formas de ver a psicanálise, diferentes formas de ver a homossexualidade na psicanálise. Fomento o tema com uma “inquirição” a que fui submetida muitas vezes: de que Psicanálise estaria eu falando? Nesses anos envolvida com o tema, mais que definir objeto/campo de pesquisa, a pergunta deixava escapar algo que me trazia mais angústia. A psicanálise não pode ser tão generalizada. Concordo. Mas por que dar tamanho valor a este nome? Conceitos opostos, diferentes (Serão opostos? Serão diferentes?) sob o mesmo guarda-chuva. No diário de pesquisa, nomes se somam: psicanálise clássica, psicanálise cafona, psicanálise selvagem, psicanálise pós-laciana, psicanálise tradicional, psicanálise pós-freudiana.

Nisso tudo existe algo escorregadio. A psicanálise sexista, preconceituosa, moralista, nunca é A Psicanálise, mas sim uma psicanálise + um predicativo que confira algo de inferioridade do ponto de vista de quem anuncia o predicativo. Assim, A Psicanálise permanece sendo intocada, inquestionável. Quando há críticas, elas são para uma psicanálise-especificada; mas para anunciar seus posicionamentos, nenhuma corrente se autodefine, e continuam a se autodenominar A Psicanálise.

Ao pensar sobre isso, em certa altura da pesquisa, lembrei de Foucault (2005) no livro Em defesa da sociedade. Já pelo título senti que podíamos trilhar um caminho interessante, uma vez que A Psicanálise divide-se em psicanálises, muitas vezes em sociedades psicanalíticas distintas, mas cada uma vendo-se como A Sociedade. Também temos os grupos, as associações, os núcleos, ou seja, as mini-sociedades... Em trocadilho com o título da obra de Foucault, podemos pensar que estamos diante de algo que poderíamos talvez chamar de Em

defesa da Psicanálise da minha sociedade psicanalítica. Se já na capa da edição de 2005 temos que “a política é a arte da guerra por outros meios”, podemos delinear como essa política psicanalítica vai fazendo seus confrontos. Foucault, no início da obra, vai falar principalmente do período que englobaria os anos de 1960 a 1975 na França, um período de várias críticas, dentre as quais, para nós, tendo em vista a temática aqui desenvolvida, um grande exemplo seria a obra de Deleuze e Guattari, *O anti-Édipo*, que Foucault chama de *acontecimento* capaz de deixar rouco o murmúrio psicanalítico.

Portanto, eu diria isto: nos últimos dez ou quinze anos, a imensa e prolífera criticabilidade das coisas, das instituições, das práticas, dos discursos; uma espécie de friabilidade geral dos solos, mesmo, talvez, sobretudo, os mais familiares, os mais sólidos e mais próximos de nós, de nosso corpo, de nossos gestos de todos os dias; e isso que aparece. Mas, ao mesmo tempo que essa friabilidade e essa espantosa eficácia das críticas descontínuas e particulares, locais, descobre-se, por isso mesmo, nos fatos, algo que talvez não estivesse previsto no início: seria o que se poderia chamar de efeito inibidor próprio das teorias totalitárias, quero dizer, em todo caso, das teorias envolventes e globais. Não que essas teorias envolventes e globais não tenham fornecido e não forneçam ainda, de uma maneira bastante constante, instrumentos localmente utilizáveis: o marxismo, a psicanálise, estão precisamente aí para prová-lo. Mas elas só forneceram, acho eu, esses instrumentos localmente utilizáveis com a condição, justamente, de que a unidade teórica do discurso fique como que suspensa, em todo caso recortada, cindida, picada, remexida, deslocada, caricaturada, representada, teatralizada, etc. (FOUCAULT, 2005, p. 10)

E é por aí que chegamos a uma segunda característica do que está acontecendo faz algum tempo: essa crítica local se efetuiu, parece-me, por aquilo, através daquilo que se poderia chamar de “reviravoltas de saber”. Por “reviravoltas de saber”, quero dizer o seguinte: se é verdade que, nesses anos que acabaram de passar, era comum encontrar, pelo menos num nível superficial, toda uma temática: “não! Chega de saber, o que interessa é a vida”, “chega de conhecimentos, o que interessa é o real”, “nada de livros, e sim grana”, etc., parece-me que debaixo de toda essa temática, através dela, nessa mesma temática, o que se viu acontecer foi o que se poderia chamar de insurreição dos “saberes sujeitados”. E, por “saber sujeitado”, entendo duas coisas. De uma parte, quero designar, em suma, conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais. Concretamente, se preferirem, não foi certamente uma semiologia da vida em hospício, não foi tampouco uma sociologia da delinquência, mas sim o aparecimento de conteúdos históricos o que permitiu fazer, tanto do hospício como da prisão, a crítica efetiva. E pura e simplesmente porque apenas os conteúdos históricos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar. Portanto, os “saberes sujeitados” são blocos de saberes

históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição. (FOUCAULT, 2005, p. 11)

Junto a Foucault, podemos questionar “a ambição de poder que a pretensão de ser uma ciência traz consigo”. Quem é mais psicanalista? A possibilidade de devir, de intensidade, a meu ver, se perde no momento que esse saber menor entra na lógica da ambição pelo poder, de ser A Psicanálise. Deleuze e Guattari falam da potência do molecular... Parece que volto àquilo que chamei de escorregadio. Um exemplo pode ser o livro *As homossexualidades na psicanálise*,<sup>7</sup> a intenção pode ser maravilhosa, mas quando já no seu título tem a ambição de ser A Psicanálise, produz efeitos na cultura que se somam aos efeitos que a psicanálise vem construindo. Aí está o perigo. Totalitarismo. Fascismo.

Foucault afirma que:

A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para desassujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. (FOUCAULT, 2005, p. 15)

O que pude perceber ao longo da pesquisa é que existe uma série de movimentos dentro da psicanálise com uma intensidade de mudança, mas que agarram-se aos fatores fundantes da teoria. Ou, ainda, a psicanálise é tão forte enquanto discurso que mesmo os saberes “menores” (DELEUZE; GUATTARI, 2010), tentativas de desterritorializações, acabam sendo engolidos pelo estatuto de poder que ela ocupa. E é nesse campo que adentramos, uma batalha de saberes. Todos esses saberes buscando ser o Saber. A ideia é avançarmos para entendermos o que atravessa esse discurso.

#### **1.4 A psicanálise para além da teoria clássica**

---

<sup>7</sup> Livro lançando a partir de um Simpósio de mesmo nome que apresenta argumentos afirmando que a psicanálise não patologiza a homossexualidade na atualidade e que Freud, em seus escritos, não teria feito nenhuma relação entre homossexualidade e patologia. (QUINET; JORGE, 2013).

Uma grande questão que se coloca, tomando a psicanálise como igreja,<sup>8</sup> como indica Castel (1978), é que ela ocupa um lugar de soberana em seu pedestal, comportando-se como tal. Digamos que essa Psicanálise acaba fazendo vistas grossas ao que está acontecendo ou culpando psicanálises-predicativos por alguns deslizes. Vejamos um exemplo. Em determinado *site* da internet, uma instituição de ensino à distância publica um texto sobre o complexo de Édipo. Tal instituição apresenta vários cursos *on-line* na área de psicologia e dois, que destaco, sobre psicanálise: “Psicanálise: teoria e prática” e “Fundamentos sobre Psicanálise Lacaniana”, ambos reconhecidos pelo Ministério da Educação (MEC), conforme indicado no *site*. O texto em questão tem uma abordagem objetiva (cerca de uma página) e uma linguagem simples. Em dado momento, afirma-se:

Às vezes podem ocorrer, por algum motivo, determinados fatores que impedem esse desenvolvimento normal, aí as conseqüências podem ser bastante dolorosas. Dependendo do caso, o Complexo pode estragar completamente a vida do adulto, como: os homens que não conseguem vencê-lo tornam-se frequentemente afeminados, acovardados e medrosos; as mulheres adquirem uma virilidade excessiva e prejudicial. Homens e mulheres tornam-se impotentes e frios, demonstrando grande timidez sexual. Experimentam sentimentos de inferioridade e o medo permanente de não serem aprovados nas coisas que fazem. Sentem-se culpados por atos que não realizaram sem que haja motivo algum para isso. Tornam-se excessivamente agressivos ou, ao contrário, sentem-se desarmados diante da vida. Frequentemente, o complexo de Édipo provoca a homossexualidade, masculina ou feminina. (FREUD, 1996)<sup>9</sup>

No trecho acima fica evidente uma visão heteronormativa na qual a vida do adulto passaria a ser completamente *estragada* se ele não estivesse enquadrado no padrão do que é ser homem e do que é ser mulher. Os homens que não “vencessem” o Complexo se tornariam

---

<sup>8</sup> Castel relaciona a história da psicanálise ao que ele denomina de “da seita à igreja”. Ele compara o início do trabalho de Freud com o trabalho de um profeta que traz uma boa nova e aglomera seguidores como se fossem discípulos. Nessa configuração, é como se estivéssemos falando de um trabalho artesanal, em que o mestre passa o ofício para o aprendiz. Com o tempo, a psicanálise foi se organizando de outra forma, deixando de ser uma seita e passando a ser uma igreja. Podemos pensar, por exemplo, na criação da Associação Psicanalítica Internacional como um importante marco nesse processo. O poder começa a ser rotinizado, burocratizado – antes, na seita, há uma figura carismática que exerce esse papel. Na ideia de Igreja, as relações se tornam mais complexas, e há interesses acadêmicos e de diversas associações. Se antes falávamos de uma transmissão de conhecimentos como em um trabalho artesanal, agora estamos diante de um trabalho semi-industrial, em que já existe uma hierarquia e procedimentos mais definidos.

<sup>9</sup> Retirado do *site*: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/53912/o-complexo-de-edipo>

afeminados, enquanto as mulheres poderiam desenvolver uma “virilidade excessiva e prejudicial”. É importante destacar que, ao final do parágrafo, há uma referência a Freud, embora não seja afirmada, especificamente, qual obra. Em letras minúsculas, no rodapé da página, há a seguinte frase: “Esta apresentação reflete a opinião pessoal do autor sobre o tema, podendo não refletir a posição oficial do portal educação”, mas, em contrapartida, não indica o nome do colunista ou da colunista. Mais adiante, no mesmo texto, podemos ler:

Em alguns casos extremos, o rapaz se torna homossexual. Freud, quando trabalha com essa questão relata também a noção de narcisismo, que está muito relacionada ao tipo de escolha homossexual.<sup>10</sup>

Mais uma vez, em uma abordagem determinista em relação ao risco presente na resolução equivocada do Édipo, ao utilizar a expressão “casos extremos”, o texto destaca a “anormalidade” da homossexualidade. No parágrafo no qual a frase acima está inserida há a indicação de Garcia-Roza, 1988. Provavelmente a referência deva ser em relação ao livro Freud e o inconsciente, do psicanalista brasileiro Luiz Alfredo Garcia-Roza, da editora Zahar. Deixo claro que não estou fazendo considerações ao autor e ao livro citados, mas indicando que, no texto tomado como exemplo, há indicação de pesquisa em fontes tradicionais da psicanálise. Meu objetivo não é verificar a veracidade do que essas fontes afirmam e sim demonstrar como os conteúdos psicanalíticos estão disponibilizados na internet. Aí pergunto: isso é A Psicanálise? Não preciso me debruçar nos textos de origem ou nas grandes batalhas teóricas travadas no *establishment* da instituição psicanalítica. Há excelentes teóricos psicanalistas fazendo tais discussões. O que falo é sobre percorrer outros caminhos. Neste ponto, o caderno de campo é fundamental. Congressos, simpósios e revistas foram desenhando algo que tento compor junto com a análise dos artigos teóricos, que são o ponto central deste trabalho. Outros textos de teor semelhante circulam livremente pela internet. Nesta tese, também não me coloco em uma posição crítica, incitando que tais textos não deveriam circular ou algo do gênero. Simplesmente estou indicando que isso, independente do predicativo que se use – simplista, selvagem, de folhetim –, também é psicanálise. Aí a importância de desenvolver o conceito de psicanalismo trazido por Castel, ponto que será abordado na sequência. Se a psicanálise, em alguns trechos, tem uma abordagem como a que destaquei,

---

<sup>10</sup> Retirado do *site*: <http://www.portaleducacao.com.br/psicologia/artigos/53912/o-complexo-de-edipo>

essa abordagem não nasceu sozinha – ela é fruto de possibilitadores para tal plano de contingências. O que circula na internet também é psicanálise e, muitas vezes, é aquela que vai ser acessível a um público bem maior do que aquela que faz parte do circuito clínico, do circuito acadêmico. O circuito *sensu comum* pode ser um analisador bastante importante. É evidente que existem outros textos nas páginas do Google, textos críticos, argumentativos e criativos, mas texto que trate a homossexualidade como algo anormal ou inferior não é mérito apenas daquele portal de educação apresentado anteriormente: eles são numerosos. Vejamos alguns outros exemplos:

Se tudo se desenvolve normalmente, a tendência é a menina se identificar com a mãe, desenvolvendo assim atitudes femininas, enquanto o garoto passa a se basear no modelo masculino, herdado do pai. Porém, quando o temor de ficar sem a posse daquele que ela hostiliza for maior que tudo, pode ocorrer uma empatia com a pessoa do sexo oposto, gerando possivelmente no futuro atitudes homossexuais.<sup>11</sup>

Mais uma vez, no texto acima, temos a homossexualidade apresentada como anormalidade. Este texto foi retirado de um *site* chamado InfoEscola. Ele não está ligado a nenhuma instituição de ensino específica, sendo um espaço de consulta de diversos assuntos com artigos específicos. Algo relevante é o número de pessoas que “curtiram” o *site* no Facebook: 2.005.464.<sup>12</sup> A autora é mestre em Teoria Literária, embora isto não apareça na página do artigo, apenas em outro *link* junto ao seu nome.

O próximo trecho foi retirado de um *blog* chamado Educação Sexualidade – o amor e a sexualidade em uma abordagem emancipatória. Apesar de o nome dar a ideia de algo distinto, a abordagem continua sendo a apresentação dos fundamentos psicanalíticos tomando a homossexualidade como uma falha do processo edípiano. Esse *blog* é alimentado por uma Doutora em Educação Sexual e professora universitária. Eis o trecho:

Lacan sobre o complexo de Édipo afirma também que a [...] homossexualidade masculina seria então um disfuncionamento do segundo tempo do Édipo, que é essencialmente a inversão da metáfora paterna: é a

---

<sup>11</sup> Retirado do *site*: <http://www.infoescola.com/psicologia/complexo-de-edipo/>

<sup>12</sup> Número consultado em 06/05/2015 no *site*: <https://www.facebook.com/infoescola/likes>



mãe que dita a lei ao pai. O pai como privador da mãe fracassa. O que tem como resultado: "é mamãe que o tem" (recusa da castração).<sup>13</sup>

Os *sites* mencionados se intitulam como portais de educação. Prefiri não abordar outros destinados à espiritualidade ou que envolvem religião, pois estaríamos entrando em um terreno ainda mais tenso e movediço.

A partir do psicanalismo (CASTEL, 1978), cuja definição, de uma forma geral, remete ao modo como a psicanálise se institucionaliza e a seus efeitos no social, é possível pensar que o que está na cultura é, de alguma forma, o que a sociedade contemporânea tomou da teoria psicanalítica. Considero fundamental neste ponto do texto discutir o psicanalismo.

## 1.5 Psicanalismo

Robert Castel lança na França, em 1973, o livro *O Psicanalismo*. De uma forma geral, a partir de textos (RATTO, 2006; PONTE, 1999) que empregam o termo psicanalismo, percebe-se que o vocábulo acabou sendo aplicado no sentido de definir uma cultura psicológica. Castel fala, indubitavelmente, do sentido apresentado acima, disso que chamei de psicanalização do cotidiano (MAUS-MARQUES, 2010) em minha dissertação de mestrado, ao evidenciar termos psicanalíticos circulando na internet e nas falas de entrevistados e entrevistadas. Entretanto, a abordagem do autor referido é bem mais complexa e articula uma série de outros fatores. Para Castel (1978), o psicanalismo não é a psicanálise, que, por sua vez, é o conjunto teórico-prático que aborda os efeitos do inconsciente em um enquadre específico, abstraindo as questões sócio-políticas. “O psicanalismo é o efeito-psicanálise imediato produzido por esta abstração.” (CASTEL, 1978, p. 04). Castel desenvolve uma detalhada argumentação em que é possível evidenciar que a dimensão sócio-política que é deixada de lado no *setting* (intrap síquico), a partir da “neutralidade” do analista ou da analista, ecoa no espaço extrap síquico. Nas palavras de Castel: “É assim que ela (a psicanálise) produz o psicanalismo tão diretamente como um corpo exposto dá sombra.” (CASTEL, 1978, p. 04). O contrato analítico, de certa forma, é o que permite esta neutralidade, uma vez que funciona

---

<sup>13</sup> Retirado do *site*: <http://educacaoesexualidadeprofclaudiabonfim.blogspot.com.br/2010/10/complexo-de-edipo-fases-do.html>

como uma espécie de moldura que vai delinear o espaço onde é possível contratualizar inclusive o afeto, que necessita ser dizível, representável. Nesse espaço dual, a psicanálise busca trabalhar com o *real* deixando em suspenso a realidade, uma vez que o sujeito na sessão vai se ver consigo e não com outros e outras. A neutralidade. O analista ou a analista também é um sujeito neutralizável, uma vez que, independentemente de questões de sua constituição (judeu, judia, ateu, ateia, católico, católica), ele ou ela conseguirão manter o ambiente asséptico do *setting*. “Ficção necessária, a neutralidade é uma construção.” (CASTEL, 1978, p. 43). Para existir a neutralidade, segundo Castel, é necessário o conformismo político do analista ou da analista e do analisando ou da analisanda e/ou que o contrato seja muito forte para invalidar a divergência de posições sociais e políticas. Considero que a questão da orientação sexual, na maioria das vezes, não se enquadre no primeiro ponto, mas toda vez que se enquadrar no segundo e que estivermos diante de uma neutralidade analisadora que enxergue a homossexualidade como desvio, trará consequências bastante negativas ao sujeito homossexual em análise.

O fato de estar ou ter estado em análise (salvo aqueles que deixaram o divã num momento de revolta) tem por consequência muito mais frequentemente uma atenuação do radicalismo político (ou um forçamento do conformismo sociopolítico) do que o efeito inverso. (CASTEL, 1978, p. 45)

Castel escreve seu livro na França, em uma época de grandes críticas à psicanálise. “Ventos revoltosos levantaram-se contra a psicanálise. Por enquanto é sobretudo no serralho que se agita. Faz baixar algumas cabeças, endireita outras e murmura em torno dos divãs as musiquinhas contestatórias.” (CASTEL, 1978. p. 13). Busca-se, a partir daí, recuperar a psicanálise, um retorno à essência, um retorno a Freud. De uma forma geral, penso que quando escutamos dizer que o problema não é a psicanálise e sim os psicanalistas ou as psicanalistas e que, se a essência está mantida, é possível recuperá-la, emerge, então, a defesa da psicanálise.

De forma análoga, em relação à homossexualidade, com uma onda de críticas à psicanálise como a relatada por Castel na década de 1970,<sup>14</sup> surge um retorno a Freud nesta

---

<sup>14</sup> É importante destacar que o cenário da França em que Castel escreve o livro é de grande agitação política, pós maio de 1968. O Brasil está em forte ditadura militar nesse período e, como veremos adiante, a ditadura de alguma forma favoreceu o falar de si individualmente, já que uma atitude

década (2010) para defendê-lo como apologista da homossexualidade. (QUINET; JORGE, 2013). Costa (2014) faz uma crítica positiva do livro organizado por Quinet e Jorge (2013), na qual fica evidente que há uma tentativa de mostrar quem foram os responsáveis por patologizar a questão da homossexualidade. O esforço teórico busca demonstrar que não foi Freud nem Lacan. O que considero fundamental aqui é a ideia que se mantém de que a essência, assim, continuaria preservada. Com esta argumentação, entretanto, fica claro que tal patologização existe.

Castel (1978) fala sobre o caráter subversivo e revolucionário atribuído pelos psicanalistas e pelas psicanalistas à teoria, da mesma forma como vimos acontecer no Simpósio citado. Ele afirma que não podemos considerar o aspecto revolucionário da teoria uma vez que ela segue seu trabalho no intrapsíquico aparte do sociopolítico. Ela se coloca acima do social e do político. Além disso, ela reafirma modelos que nada têm de subversivos, ela anda ao passo do modelo social/familiar dominante.

O fato da psicanálise ter perturbado nossa concepção de sexualidade não significa em absoluto que tenha contribuído para modificar muito as relações sociais entre os sexos. Uma segunda confusão consiste em assimilar a “revolução” na teoria da sexualidade a uma revolução na teoria e na prática da relação entre os sexos. (CASTEL, 1978, p. 74)

Castel destaca que a psicanálise nasce em um momento de auge do organicismo, em uma sociedade atravessada por esquemas sexuais vitorianos. Os conceitos introduzidos pela psicanálise e a polêmica gerada com as instituições médicas, religiosas ou educacionais não estão necessariamente relacionados a uma crítica social.

Esta concepção generalizada não compreende, por si própria, nenhum elemento intrinsecamente subversivo em relação à ordem, à organização social, etc. (...) Foi na esfera dos juízos de valor que se propagaram as explicações freudianas. (CASTEL, 1978, p. 75-76)

Aos olhos do próprio Freud, o psicanalista é um especialista cujas características de sua técnica o colocam necessariamente numa posição apolítica. Como, então, a partir disso, se autoriza a postular uma essência subversiva na psicanálise? (CASTEL, 1978, p. 73)

---

sociopolítica era inviável. São momentos diferentes nos dois países, mas, de qualquer forma, o psicanalismo está difundido na cultura brasileira também, provavelmente com tempos de ocorrência diferentes, mas em semelhantes proporções.

O autor fala desse paradoxo e diz que não podemos subestimá-lo, reduzindo a contradição a uma minoria de psicanalistas que tentaram manter o papel de analista neutro e analista neutra com o de militante. É evidente que a “essência subversiva” não estaria ligada a apenas essa minoria – quando essa essência é citada, é para falar da psicanálise como um todo. Castel indica que se o psicanalista clássico e a psicanalista clássica não assumem o engajamento político, é em nome do inconsciente, em uma posição em que ele e ela estariam fazendo um engajamento muito mais radical e exclusivo, no qual colocariam em questão toda a certeza e toda ordem.<sup>15</sup> Assim, socialmente, o psicanalista ou a psicanalista se veem como pessoas capazes de se posicionar além dos demais em pontos de subversão, uma vez que chegam ao núcleo da contestação, o inconsciente. Nesses termos, o psicanalista e a psicanalista ficam protegido e protegida, enxergando aqueles e aquelas que criticam seu conformismo como pessoas irritadas com o potencial explosivo que o analista e a analista carregam consigo.

O autor nos convida a rever a questão do caráter subversivo e dessa superioridade que o psicanalista e a psicanalista teriam frente a isso. Ele pergunta:

O que há de tão perturbador na psicanálise para dela fazer o modelo das atitudes subversivas, de tal sorte que, instalado na revolução permanente da outra-cena, o psicanalista estaria dispensado, *aquem*, de dar prova do que aparenta a cada um de nós? (CASTEL, 1978, p. 74)

Para entender essa confusão, Castel sugere que é importante nos darmos conta que não estamos mais em 1900 (e hoje já se passaram mais de quarenta anos da data do lançamento do livro *O Psicanalismo*) e que não podemos atribuir o mesmo impacto que a teoria freudiana teve contra o racionalismo científico da época. A psicanálise e a sociedade mudaram muito desde então. Outro ponto importante trazido pelo autor é que perturbar a concepção vigente de sexualidade não implica que, na prática, ocorram mudanças nas relações sociais entre os sexos. Diferente de uma revolução na teoria e na prática da relação entre os sexos, talvez possamos considerar uma “revolução” (se essa palavra é tão cara aos psicanalistas e às psicanalistas) na teoria da sexualidade.

---

<sup>15</sup> Um ponto que é fundamental pensarmos é de que modo questionar toda certeza e toda ordem? Se o Complexo de Édipo é um modelo, que tipo de questionamento se pode fazer que não seja vinculado a manutenção desse modelo? Butler (2003) aponta que, diferente do que a psicanálise afirma, estabelecer uma lei eterna e inalterável que “regula o desejo” não apresenta nada de subversivo.

É evidente que o que Freud propunha encontrou barreiras na sociedade da época, uma vez que criticou normas dominantes e aparelhos de controle, “foi uma situação conjuntural que conferiu à psicanálise um certo impacto subversivo”. (CASTEL, 1978, p. 76). Mas o fato desse estranhamento entre a psicanálise e as instituições médicas, religiosas e educativas não demonstra em nada a existência de uma relação entre psicanálise e crítica social. Se a teoria em questão nasce no auge do organicismo e em uma sociedade com modelos vitorianos de sexualidade, é importante entender que sim, ela faz crítica a esse conjunto, entretanto, apesar de ainda ser construída a partir de sintomas sexuais recalçados por esta sociedade. Por mais que a lógica vigente da época teria sido contestada pela teoria psicanalítica na sua inauguração, esta não pode ser vista como subversiva, já que no campo político/social ela se retira. Conforme Castel, “se o *ethos* analítico (por tal entendo a atitude analítica ideal) estivesse em afinidade com um valor sociopolítico, seria indubitavelmente com o da *tolerância*: ‘compreender melhor e não julgar’”. (CASTEL, 1978, p. 76). Se vivêssemos em uma sociedade em que não houvesse diferenças de classes e tampouco violência, talvez a tolerância fosse um bom atributo, mas sabemos que nem em 1900 e nem hoje essas são características sociais. No *setting*, entretanto, essa realidade social despolitizada é o que impera para poder se estabelecer o trabalho terapêutico individual. (CASTEL, 1978).

Russo (2006) aponta que no Brasil ocorreu uma corrida ao divã no início da década de 1970. Houve um incremento no consumo de psicanálise, coincidindo com o período de maior obscurantismo da ditadura militar no País. Talvez, como afirma a autora, a forma mais fácil de explicar o fenômeno, entre outras razões por ela apresentadas, é a repressão política que fez com que as pessoas se voltassem para si mesmas. Nessa direção, podemos retomar Castel (1978), quando este aponta que o *setting* psicanalítico opera no sentido de enfatizar o individual-psicológico, distante do social-político. Outro fator que corrobora com os argumentos acima é que, em 1967 – levando em consideração que a ditadura militar se instalou no Brasil em 1964 – foi fundada a ABP (Associação Brasileira de Psicanálise), demonstrando a importância da psicanálise como instituição no período.

Essa individualização do *setting* encontra eco naquilo que Foucault aborda em sua História da Sexualidade, a incitação para se falar de sexo, mas de um tipo de sexo específico e para alguém autorizado ou autorizada. A psicanálise, apesar de ser criada, de acordo com Foucault, a partir do dispositivo da confissão (ato cristão baseado na culpa e na experiência da

moral), surgiria como um novo discurso sobre a sexualidade, capaz de eliminar os sintomas, uma vez que libertaria o sujeito dos recalques sexuais, e passaria a pertencer ao imaginário da modernidade. (FOUCAULT, 2006).

De modo mais geral, um certo discurso da sexualidade infiltrado pela psicanálise circula livremente no conjunto social veiculado pelos meios de comunicação. Assim a mais “escandalosa” transgressão sexual, o incesto mãe-filho, é representada nos circuitos comerciais do cinema, recebendo a aprovação unânime da crítica esclarecida. (CASTEL, 1978, p. 78)

A citação acima pode nos fazer pensar duas coisas. Primeiramente, na psicanalização da vida cotidiana, que faz parte de todo esse processo do psicanalismo que Castel descreve. Em meu trabalho de mestrado, a partir das falas dos entrevistados e das entrevistadas, ficou evidente que determinados termos psicanalíticos circulam pelo senso comum, fazendo parte dos processos de subjetivação contemporâneos, uma vez que foram incorporados pela cultura (MAUS-MARQUES, 2010). Outro exemplo seriam os textos da internet citados neste trabalho, que afirmam a homossexualidade como uma falha no complexo de Édipo. Este seria o ponto mais difundido em relação ao psicanalismo. O outro fator, trazido por Castel no texto, é que todos e todas sabemos que não estamos em uma sociedade tolerante, permissiva. Assim, se a censura não age sobre a sexualidade psicanaliticamente explicada, ela foi deslocada para outros pontos, pontos que oferecem real ameaça à ordem social. O que a psicanálise traz de mais ousado é uma dramaturgia privada que repete o teatro de revista burguês encenando a crise da estrutura familiar monogâmica, mas não trazendo nada de subversivo. “Há diferentes modos de se falar da sexualidade, do incesto, etc., sobretudo hoje em dia, a psicanálise terminou, numa evolução paralela à social, por se ajustar cada vez melhor às normas dominantes.” (CASTEL, 1978, p. 78). Muito distante dos termos subversão ou revolução.

Freud estabelece a crítica à sexualidade vitoriana e à repressiva educação religiosa. Nesse sentido a psicanálise é ‘modernista’ e, a partir disso, ela é atravessada pelos vetores de transformação que emergiam no interior das relações de poder própria à modernidade. Temos que lembrar, entretanto, que isso é fruto do cenário histórico da época. Outro aspecto importante é que ela se enlaça ao poder vigente, no momento em que sua técnica moderna e também poderosa não usa de sua força para questionar nenhum tipo de ideologia dominante. Seu caráter ‘modernista’, ao invés de continuar crítico, se acopla no modelo de sociedade de

controle, que se constitui e é mantenedor da mesma, ao fornecer subsídios para sua manutenção e, ao mesmo tempo, não criticá-la, pois, sua ação, situa-se no plano do inconsciente individual. Uma sociedade individualista, fruto do modelo capitalístico, encontra boa companhia em uma prática focada também no *self*, prática que, da mesma forma, encontra terreno fértil nesse cenário. Ratto (2006) faz um estudo sobre os modos de fazer falar de si, o que ele atribui a uma compulsão à comunicação usando a história da sexualidade como base. O autor afirma que a proliferação de práticas comunicativas, associada a um psicanalismo generalizado, são elementos que geram “controle social pela incitação à palavra que ‘fala de si’”. (RATTO, 2006, p.39).

Quando fala da lógica do psicanalismo, Castel (1978) elenca uma série de operações para sua constituição: “a produção de conteúdos ainda não objetivados pelo mecanismo de privatização da relação analítica, sua difusão, sua inscrição numa relação social e política de poder.” (CASTEL, 1978, p. 91). Para abordar esse processo, o autor lança a pergunta: “de que forma a psicanálise, enquanto aparelho social organizado, se integra no seio de outros aparelhos de conservação e de reprodução da ideologia dominante?” (CASTEL, 1978, p. 91), e dá pistas da resposta ao sugerir que se a psicanálise vai se integrar às instituições de controle é porque ambas têm afinidade entre si.

Castel vai construindo a noção de psicanalismo a partir da ideia de que a prática psicanalítica opera na clínica retirando do sujeito parte de seu saber, a partir da transferência, e depois devolvendo, por meio da interpretação, este mesmo saber supostamente trabalhado. Essa prática produz efeitos diretos sobre o sujeito e sobre a constituição da própria psicanálise. O analista e a analista seriam aquele e aquela capazes de administrar o saber tomado do sujeito ao se estabelecer a lógica transferencial. Quando a psicanálise se institucionaliza, isso vai ficando mais evidente. Na medida em que o trabalho analítico acontece nas instituições, as consequências disso vão sendo cada vez maiores.

Castel inicia uma abordagem das instituições fazendo uma relação da instituição psicanálise com a instituição igreja. Assim, para ele, do contrato analítico (seita), desembocamos na sociedade psicanalítica (igreja). A partir da biografia de Freud (JONES, 1975) podemos acompanhar o processo de institucionalização da psicanálise. O autor aponta que, em meados de 1910, estamos diante de algo que foi caracterizado por muitos como o “Movimento Psicanalítico”. Iniciaram-se os congressos de psicanálise e a implantação de

sociedades psicanalíticas em vários países. A ideia era criar uma Associação Internacional. Freud foi um grande conciliador nesse período, uma vez que muitos ânimos estavam exaltados, e buscava deixar de exercer influência oficial e poupar-se do papel de guiar e fiscalizar. A Associação Psicanalítica Internacional foi criada e seu primeiro presidente foi Carl Gustav Jung.

No verão de 1913 reuniram-se pela primeira vez um grupo de seguidores mais próximos de Freud, ao qual Jones (1975) chamou de “Velha Guarda”, formando um Comitê que durou 10 anos. Ernest Jones era o presidente e, junto a ele, estavam Ferenzci, Abraham, Rank, Sachs e Eitingon. Freud, em carta a este último, declarou que o Comitê aliviou suas preocupações quanto ao futuro.

No final do período entre-guerras, começam a ter lugar formações de tradições psicanalíticas locais, descentralizando-se da figura exclusiva de Freud. Há uma internacionalização da psicanálise. Apesar disso, muitos estrangeiros vão até Viena para fazer análise com Freud, além do contato por cartas mantido com o fundador da teoria. (DUNKER, 2006). Freud e sua teoria passam a ser conhecidos para além do continente europeu. Pessoas escrevem a ele buscando resolver suas questões pessoais. Um exemplo que podemos retomar é a já anteriormente mencionada carta de uma mãe norte-americana solicitando ajuda para seu filho homossexual.

Retomando Castel (1978), é possível evidenciar que a psicanálise, além da relação dual, abrange também outras instituições sociais. A sociedade psicanalítica é a agente que cuida da relação dual e é a operadora da institucionalização da psicanálise em outros setores. Na França, o processo de expansão a outros setores se fez por meio da medicina mental. No Brasil, desde a implantação da psicanálise, ela está associada aos representantes do saber médico/psiquiátrico. (RUSSO, 2006; MONTEIRO; JACÓ-VILELA, 2006). No início do século XX, Juliano Moreira, o mais eminente psiquiatra brasileiro da época, diretor do Hospício Nacional dos Alienados, já divulgava a psicanálise em suas aulas. Vários médicos de prestígio se vincularam à Psicanálise, sempre conservando seu vínculo prioritário, mas utilizando a mesma com caráter assessorio à psiquiatria. (RUSSO, 2006). Em São Paulo, Franco da Rocha, psiquiatra fundador do Hospício Juqueri, foi escolhido presidente quando Durval Marcondes fundou, em 1927, a Sociedade Brasileira de Psicanálise. Em 1929, a sociedade paulista obteve um reconhecimento provisório da Associação Internacional de



Psicanálise (IPA). No Rio Grande do Sul, apesar das ideias psicanalíticas já serem difundidas a partir da década de 1920 por meio da disseminação da obra de Freud nos meios médicos e intelectuais, é somente em 1961 que acontece a oficialização junto à IPA. Nasce assim, oficialmente, uma associação gaúcha classificada como Grupo de Estudos e, dois anos depois, acontece o reconhecimento como Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Antes disso, muitos médicos que buscaram a formação em psicanálise no exterior participavam do movimento psicanalítico gaúcho.

Desde sua origem, Freud queria que a psicanálise fosse entendida como uma ciência. No Brasil, as formações de sociedades também percorreram esse objetivo. A teoria psicanalítica ocupa o lugar de detentora da verdade principalmente em relação ao sexo e à infância, uma vez que o *status* de ciência confere legitimidade social aos saberes na modernidade. Para refletir um pouco sobre isso, remeto-me à segunda metade do século XVIII, a partir de Foucault, para pensarmos como esse terreno das ciências já vinha se constituindo, entendendo assim a Psicanálise como emergência do que se desenhava no período anterior ao seu surgimento:

Toda segunda metade do século XVIII viu desenvolver-se um trabalho de homogeneização, normalização, classificação e centralização, ao mesmo tempo, do saber médico. Como conferir um conteúdo ao saber médico, como impor regras homogêneas à prática dos tratamentos, como impor essas regras à população, menos, aliás, para fazê-la compartilhar esse saber do que para torná-lo aceitável a ela? Isso foi a criação dos hospitais, dos dispensários, da Sociedade Real de Medicina, a codificação da profissão médica, toda uma enorme campanha de higiene pública, toda uma enorme campanha também sobre higiene dos recém-nascidos e das crianças, etc. (FOUCAULT, 2005, p. 216)

A psicanálise nasce como ciência e atravessa os modos de subjetivação uma vez que seu discurso vai progressivamente se legitimando na cultura como uma verdade. De acordo com Castel (1978), a partir de sua análise referente à França, a psicanálise, passando para o setor médico, consegue ser vista como aquela que pode prever sintomas suspeitos a partir da história de vida do sujeito. Com a decadência das instituições totais, o saber psicanalítico sai da clausura (da relação dual, do manicômio) para a rua, para os hospitais, para as oficinas. É quando pode “alcançar em toda sua amplitude a lógica do psicanalismo”. (CASTEL, 1978, p.

170). Ao tratar da gestão dos riscos em obra posterior, Castel se refere a esta nova cultura psicológica:

Do ponto de vista social, a psicanálise como tal deve a partir de então ser assimilada à totalidade de sua herança, quer dizer, ao conjunto de seus efeitos na cultura, que não se deve somente conceber como os reflexos insossos ou deformados de uma verdade originária: esta difusão cria de fato positivities novas. Ela transformou profundamente a cultura moderna contribuindo para fazê-la desembocar sobre uma *Wentanchauung* (visão de mundo) psicológica a um só tempo mais universal e mais banal. (CASTEL, 1987, p. 140)

A título de exemplo podemos mencionar o processo de instalação da psicanálise no Brasil. Russo (2006) destaca o fato da psicanálise, nessa primeira fase, ter grande destaque, entre os médicos e a elite em geral, mesmo sendo considerada uma doutrina aparentemente subversiva. Além disso, chama a atenção que diversos nomes vinculados à psicanálise tiveram grande influência em projetos pedagógicos e higienistas, como foi o caso da Liga Brasileira de Higiene Mental. É importante destacar ainda a difusão leiga da psicanálise em função do interesse social na questão sexual. Surgiram colunas em jornais, revistas femininas, programas de rádio, livros populares, cursos por correspondência e até comemorações especiais como o “Dia do Sexo”. Para se ter uma ideia da popularização da psicanálise, um bom exemplo é o programa No mundo dos sonhos, da rádio Nacional, ancorado pelo psicanalista Gastão Pereira da Silva. Nesse programa, durante três anos da década de 1930, sonhos de ouvintes eram contados como pequenas histórias. A produção de Pereira da Silva poderia ser entendida hoje como um tipo de autoajuda psicanalítica-sociológica que fez grande sucesso na época e contribuiu para a popularização da teoria.

Seguindo nessa ideia de banalização e universalização do saber psi, podemos retomar os exemplos citados anteriormente – sobre a propagação do complexo de Édipo na internet. Percorrendo o que Castel chamou de psicanalismo, conseguimos perceber que os fundamentos da psicanálise, as produções em teoria psicanalítica desenvolvidas a partir dos mesmos, a forma que eles foram abordados por diversas instituições fora do *setting* analítico, a noção do senso comum desses conceitos e, inclusive, os textos publicados por *sites* educacionais na internet sobre a teoria psicanalítica, compõem um emaranhado que foge ao sentido de causa-efeito. Eles fazem parte de uma mesma rede discursiva que sustenta determinados enunciados

que estão arraigados na cultura. Considerando as contribuições de Castel, sinto-me um pouco mais à vontade para delinear a questão central da pesquisa.

## 1.6 Chegando mais próxima da questão

O caminho até aqui vem sendo conduzido de modo que eu consiga introduzir e de alguma forma justificar como se deu a construção da questão de pesquisa, fato que já me forneceu muitos subsídios para a pesquisa em si.

A partir do contexto teórico anteriormente percorrido, alguns pontos são determinantes destacar: a) o reconhecimento científico de que a homossexualidade *per se* não é uma patologia, observado em manuais diagnósticos como o DSM e o CID; b) a instrução normativa do Conselho Federal de Psicologia que orienta os psicólogos e as psicólogas a não agirem de forma a curar e/ou a estigmatizar a homossexualidade; c) as críticas paradoxais (tanto positivas quanto negativas) aos textos freudianos em relação à homossexualidade; d) a difusão na cultura de uma abordagem não-acadêmica<sup>16</sup> que entende a homossexualidade como falha no processo de Édipo; e) o fato de que sujeitos que passaram pela clínica psicológica indicarem que a homossexualidade foi vista pelo terapeuta ou pela terapeuta como algo que desvia do desenvolvimento normal (MAUS-MARQUES, 2010); f) o processo definido como psicanalismo (CASTEL, 1978) que pode ser entendido, de uma forma geral, como o modo pelo qual a psicanálise se institucionalizou e seus efeitos no social, possibilitando pensar que o que foi publicado em termos de teoria e clínica psicanalítica teve vários efeitos na sociedade contemporânea. Com base nos pontos citados, começo a restringir a minha questão ao perguntar como a psicanálise no Brasil, historicamente, aborda a questão da homossexualidade em publicações sobre o complexo de Édipo.

---

<sup>16</sup> A ideia aqui não é apresentar dados quantitativos ou fazer uma análise detalhada do tema, senão tomar como exemplo uma simples pesquisa do Google em que tais aspectos estão disponíveis para o livre consumo de quem os queira. Considerei importante a ideia de uma pesquisa sistemática em *sites* de busca ou em revistas “não-científicas” ou “não-acadêmicas”. Entretanto, foi um dos caminhos que abandonei para chegar na questão de pesquisa. Os *sites* selecionados me serviram como exemplo para demonstrar a existência de uma abordagem da homossexualidade como falha do complexo de Édipo, entre várias outras que não há necessidade de considerar nesse momento para o argumento que venho desenvolvendo. Com o apoio de Castel (1978) e de Foucault (2006) as ilustrações que apresentei já me permitem pensar que elas têm fundamento em algum discurso psicanalítico.

Vários questionamentos surgem não como a questão central, mas como parte da engrenagem para a sua construção. Será que a relativização emerge na teoria, uma vez que na prática psicológica pode perceber que não é a ação mais frequente? Nas últimas décadas, os movimentos pelos direitos dos homossexuais e das homossexuais conquistaram uma série de avanços jurídicos, políticos e sociais, e viram a homossexualidade deixar de ser considerada patologia em diversos códigos médicos e psicológicos, sendo que alguns direitos, como a união estável, o casamento e a adoção de crianças foram conquistados. Evidentemente, ainda são conquistas muito pequenas, mas essas questões vêm sendo pesquisadas e discutidas em diversos âmbitos. Assim, cabe perguntar: mais de 100 anos passados do surgimento da psicanálise, o que se produz academicamente sobre o complexo de Édipo? Como a homossexualidade é considerada nos textos legitimados pelos pares, ou seja, em revistas científicas que são representantes da institucionalização da psicanálise?

Existem poucos estudos buscando analisar a produção sobre esse tema, apesar da grande quantidade de formulações teóricas sobre o complexo de Édipo e, como vimos anteriormente, os diversos posicionamentos sobre a homossexualidade. Podemos destacar a pesquisa de Maya (2007), na qual há um recorte semelhante. Ele analisou a forma como a homossexualidade emerge na produção dos membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ). A partir do estudo “verificou-se que a maioria dos analistas sustenta um discurso comprometido com o ideal médico curativo, no qual a homossexualidade é considerada um desvio da heterossexualidade”. (MAYA, 2007, p. 85).

Para ser possível a delimitação do campo e, conseqüentemente, da questão central, fiz algumas pesquisas em bases de dados que apresento a seguir.

### **1.7 Buscando o campo**

A pesquisa tem o foco empírico de compreender como a produção teórica no campo da psicanálise tradicional aborda a questão da homossexualidade na sua relação com o complexo de Édipo. Para tanto, é necessário definir qual será o critério de seleção dos artigos para análise a fim de evidenciar a rede enunciativa que atravessa a produção teórica em psicanálise.

Utilizei como portal de pesquisa a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS),<sup>17</sup> por incorporar as principais publicações no campo que desejo investigar. No *site* da biblioteca estão descritas como fontes de informação para Literatura Científica e Técnica: Ciências da Saúde em Geral (LILACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca Cochrane, SciELO); Portal de Evidências (Revisões Sistemáticas, Ensaio Clínico, Sumários de Evidência, Avaliações Econômicas em Saúde, Avaliações de Tecnologias em Saúde).

Como ponto de partida, inseri na mesma busca as palavras-chave “complexo de Édipo” e “homossexualidade” na BVS. Obtive como resultado nove artigos. A maioria deles (cinco) é das décadas de 1970 e 1980, havendo apenas dois deles publicados na década de 1990 e apenas um publicado desde então. Ainda pode-se destacar a presença de apenas dois artigos em português, o restante sendo apresentado em inglês.

Diante da escassez de artigos e, percebendo o baixo número de publicações em português, fiz uma pesquisa buscando os termos *homosexuality and Oedipus complex*.

Como resultado, obtive 70 artigos, sendo 68 deles em inglês (97%), 1 em espanhol (1,43%) e 1 em português (1,43%). Quanto às datas de publicação, têm-se um total de 46 (66%) de artigos publicados nas décadas de 1970 e 1980, 14 (20%) na década de 1990, e 10 (14%) a partir dos anos 2000. Filtrando os 10 publicados a partir do ano 2000, há apenas 1 em espanhol, e os demais são em inglês.

A mesma busca na BVS ainda foi realizada com os termos em espanhol *homosexualidad y complejo de Edipo*. Como resultado apareceram 6 artigos, sendo 5 deles em língua inglesa e 1 em língua espanhola. A maioria deles era datado das décadas de 1970 e 1980, não existindo nenhuma publicação na década de 1990 e apenas 1 a partir do ano 2000.

Para ampliar a pesquisa utilizei apenas o termo “complexo de Édipo”. A busca foi feita considerando os campos: Assunto, Título e Resumo. Fiz essa opção partindo da hipótese de que os artigos que incluíssem nas palavras-chave apenas o termo “homossexualidade” seriam artigos preocupados com o uso correto do termo e que já tivessem uma discussão crítica sobre a questão. Lançando o termo complexo de Édipo, pensei que poderia estar diante de uma gama de artigos que falariam sobre a sexualidade e, a partir daí, seria possível mapear de que forma

---

<sup>17</sup> <http://www.bireme.br/php/index.php>

a homossexualidade aparece (se aparece) nesses textos, não a colocando como foco central. Assim, teria um panorama mais amplo do que se fala em termos homossexualidade.<sup>18</sup>

Pesquisando na BVS, encontrei 1.468 resultados. Primeiramente fiz o filtro por idioma, mas percebi que vários artigos não apresentavam essa informação, o que fazia com que muitos fossem excluídos quando eu usava o filtro “português”. Parti, então, para a incidência em revistas. Minha ideia era focar na produção nacional. Das quinze revistas com maior número de resultados apareciam 3 brasileiras, conforme destaque abaixo:

Tabela 1 – Quinze revistas com maior número de resultados na BVS

REVISTA	NÚMERO DE RESULTADOS
International Journal of Psychoanalysis	173
Journal of the American Psychoanalytic Association	123
Psychoanalytic Quarterly	96
Psychoanalytic Review	90
Psychoanalytic Study of the Child	90
American Journal of Psychoanalysis	44
Journal of the American Academy of Psychoanalysis	37
<b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>	<b>32</b>
Revista de psicoanálisis (Madrid)	30
<b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>	<b>27</b>
International Journal of Psychoanalysis and Psychotherapy	23

<sup>18</sup> Inicialmente fiz a opção de pesquisar o complexo de Édipo, mas durante o processo, como indicarei logo abaixo, decidi, após parte da análise realizada, buscar pelos termos homossexual, homossexualidade e homossexualismo. Durante o projeto, elabora-se uma série de estratégias, mas é só o campo, o sítio arqueológico que dá possibilidades de construções. Tenta-se controlar as variáveis, fomos formados e formadas nesse modelo, mas quanto maior o leque de possibilidades, mais material se apresenta para entendermos as redes enunciativas.

(continuação)

REVISTA	NÚMERO DE RESULTADOS
Psyche (Stuttgart)	19
<b>Revista de Psicanálise</b>	<b>19</b>
Bulletin of the Menninger Clinic	15
Journal of Analytical Psychology	15

Fonte: A autora.

Um fato curioso na pesquisa é que a Revista Brasileira de Psicanálise, como pode ser observado na tabela 1.1, figurava duas vezes na listagem da pesquisa, por uma falha de processamento – uma informando 27 artigos e outra, 32. Havia uma forma dúbia de identificação da revista. A fim de evitar que algum resultado não fosse contemplado, utilizei as duas formas de identificação e excluí os artigos que se repetiam. Cheguei a 46 resultados. Entendo que essa revista é referência para as publicações sobre psicanálise no Brasil, uma vez que é editada regularmente, desde 1967, pela Federação Brasileira de Psicanálise, órgão ao qual são vinculadas as sociedades psicanalíticas filiadas à Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Ela é o periódico que melhor se aproxima da ideia de psicanálise tradicional, uma vez que reivindica a ligação institucional com Freud e segue presente no campo de sua instituição mais tradicional, a IPA, além de estar há mais tempo presente no campo da difusão da psicanálise como instituição e, portanto, podendo ser considerada o componente de maior destaque do psicanalismo.

Um exemplo claro da reivindicação da revista quanto a sua ligação com Freud é a divulgação da carta de parabenização e incentivo que Durval Marcondes recebeu de Freud, após relatar a este sobre o primeiro número da revista. O *site* da Revista Brasileira de Psicanálise<sup>19</sup> menciona que seu primeiro número foi publicado em 1928; entretanto, aponta que “circunstâncias do momento impediram a continuidade da publicação da Revista”. Além da carta de agradecimento enviada a Marcondes em 27 de junho de 1928 em que Freud fala do

---

<sup>19</sup> <http://rpb.org.br>

prazer em receber o primeiro número da revista e diz que pretende aprender português para poder lê-la, algumas outras cartas são importantes para evidenciar o peso institucional da entidade psicanalítica oficial brasileira e, conseqüentemente, de suas publicações. De seu consultório e residência em Viena, na rua Bergasse, 19, seguiram outras poucas correspondências para o Brasil, ente elas, há uma em que Freud, além de elogiar a criação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, a primeira instituição psicanalítica da América Latina, fala da importância de seguir as regras da Sociedade Internacional e de sempre manter contato com a mesma. (NOSEK, 1994)

A Revista Brasileira de Psicanálise é editada regularmente desde 1967. Ela era editada pela Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), fundada no mesmo ano. Em 2008, a ABP tornou-se uma Federação, a Febrapsi, que é, atualmente, composta por 12 sociedades, 3 grupos de estudos e 9 núcleos psicanalíticos. A Febrapsi organiza Congressos Brasileiros bianuais, mantêm uma listagem dos psicanalistas brasileiros atualizada a cada dois anos e edita a Revista Brasileira de Psicanálise.

No *site* da revista podemos destacar:

Ao longo destes anos a Revista Brasileira de Psicanálise tem desempenhado uma importante função de divulgação do pensamento teórico-clínico psicanalítico no Brasil, dedicando-se tanto ao estímulo da produção nacional como à tradução e publicações de textos de referência dos principais expoentes do pensamento psicanalítico internacional.

A preocupação e o cuidado em divulgar o pensamento psicanalítico brasileiro em sua riqueza e diversidade se faz presente através de um corpo de editores regionais, indicados pelas Sociedades Psicanalíticas Brasileiras filiadas à Febrapsi, que juntamente com o editor, editor adjunto e o corpo editorial buscam evitar um dogmatismo regional e manter a coerência com uma visão plural da cena psicanalítica nacional e internacional.

(...)

Sua proposta editorial visa divulgar o melhor da produção psicanalítica nacional acolhendo a diversidade teórica, clínica e regional, estimulando a reflexão e o debate e inserindo as questões pertinentes à psicanálise no contexto científico, cultural, social e político contemporâneo. Distribuída em todo Brasil. Está em permanente diálogo com o cenário psicanalítico internacional.<sup>20</sup>

Por todos os motivos apontados, entendo que a Revista Brasileira de Psicanálise representa a psicanálise tradicional institucionalizada no Brasil e considero pertinente analisar

---

<sup>20</sup> Retirado do *site*: <http://rbp.org.br/sobre.php>



como, nos seus artigos, emergem o termo homossexualidade e sua relação com o complexo de Édipo.

Abaixo segue uma tabela com os 46 artigos da revista encontrados a partir da busca do termo “complexo de Édipo” nos campos Assunto, Título e Resumo:

Tabela 2 – Os 46 artigos da Revista Brasileira de Psicanálise encontrados no BVS ao utilizar o termo “complexo de Édipo”

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
1	1980	complexo de Édipo	Gley Silva de Pacheco Costa e Romualdo Romanowski.	Aspectos dinâmicos da agressão no filme Irmão Sol, Irmã Lua
2	1981	complexo de Édipo	Ronaldo Fabiao Gomes	Nota prévia: a psicanálise, o psicanalista e a instituição
3	1981	complexo de Édipo	M. P. Manhaes	Paternidade
4	1982	complexo de Édipo	Eugenio Davidovich	Continuidade e renovação na obra de Melanie Klein
5	1982	complexo de Édipo	Edna O'shaughnessy	Melanie Klein (1882-1960) – uma visão atual
6	1985	complexo de Édipo	Gley Costa e Gildo Katz	Considerações sobre a psicogênese da neurose e do caráter obsessivos
7	1987	complexo de Édipo	J. O. Pereira	Breve estudo sobre a interação feminilidade-masculinidade
8	1989	complexo de Édipo	Janine Chasseguet-Smirgel	Reflexões sobre algumas desordens do pensamento em pacientes não psicóticos: alguns distúrbios do pensar em indivíduos e grupos
9	1991	complexo de Édipo	Idésio Milani Tavares	Perseu – o mito e o complexo: uma variante do complexo de Édipo

(continuação)

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
10	1992	complexo de Édipo	Alicia Beatriz Dorado de Lisondo,	A reintegração da tragédia de Édipo á luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo humano
11	1993	complexo de Édipo	Roosevelt M. S. Cassorla	Complexo de Édipo, vista grossa, curiosidade e catástrofe psicológica
12	1993	complexo de Édipo	Fernando J. B. Rocha	Complexo de Laio: mito estruturante ou deslizamento em direção ao gozo total?
13	1994	complexo de Édipo	José Longman	Estágios primitivos da mente
14	1995	complexo de Édipo	Fernando J. B. Rocha	Viagem analítica e mudança psíquica: de tebas a colono
15	1995	complexo de Édipo	Gley P. Costa	A identificação e suas vicissitudes em relação com o caráter histórico
16	1995	complexo de Édipo	Gley P. Costa	A tentação anti-edípica e o desenvolvimento da psicanálise
17	1995	complexo de Édipo	Charles Hanly	Sobre fatos e ideias em psicanálise
18	1996	complexo de Édipo	Victor Manoel Andrade	Sexo e vida em Freud
19	1996	complexo de Édipo	João Carlos Braga	Função feminina, função masculina e função alfa
20	1996	complexo de Édipo	Maria Cecília Andreucci Pereira Gomes	Os filhos de Jocasta: uma abordagem psicanalítica sobre a sexualidade feminina
21	1996	complexo de Édipo	Alicia Beatriz Dorado de Lisondo	Teorias sexuais infantis
22	1996	complexo de Édipo	Roaldo Naumann Machado	As teorias sexuais da infância e o pré-consciente
23	1996	complexo de Édipo	Norberto Carlos Marucco	Édipo, castração e fetiche: uma revisão da teoria psicanalítica da sexualidade
24	1996	complexo de Édipo	José Luiz Meurer	Transferência e contratransferência eróticas
25	1996	complexo de Édipo	Fernando Rocha	A sexualidade na teoria e pratica psicanalítica: sobre o complexo de Édipo e de castração
26	1996	complexo de Édipo	Marco Antonio Brant Saldanha	Paixão e destino em Édipo
27	1996	complexo de Édipo	Dirceu de Santa Rosa	Édipo e cultura narcisismo e culpa

(continuação)

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
28	1996	complexo de Édipo	Maria Silvia R. M. Valladares	Sexualidade e cultura
29	1997	complexo de Édipo	Cecil Jose Rezze	Transferência: rastreamento do conceito e relação com transformações em alucinação
30	1997	complexo de Édipo	David Epelbaum Zimerman	A face narcisista da sexualidade edípica
31	1998	complexo de Édipo	Sonia Curvo de Azambuja	A formação analítica em nossos dias: um analista para nossos tempos
32	1999	complexo de Édipo	Paulo Marchon	A imagem sob a perspectiva de algumas teorias psicanalíticas
33	2000	complexo de Édipo	John Steiner	A luta pela dominação na situação edípica
34	2001	complexo de Édipo	Maria Cecília Andreucci Pereira Gomes	O renascimento de Édipo ou A importância da função paterna na configuração das famílias atuais
35	2001	complexo de Édipo	H. C. Halberstadt-Freud e Ilana W Novinsky	Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as consequências para o complexo de Édipo
36	2001	complexo de Édipo	Iara Spada Bondioli de Souza Noto	<i>Mater certa, Pater incertus</i> : sobre a possibilidade de exercer a função paterna
37	2001	complexo de Édipo	Paulo César Sandler	O quarto pressuposto
38	2001	complexo de Édipo	Ana Rosa Chait Trachtenberg, Denise Zimpek T Pereira, Maria Isabel Perez Mattos, Vera Dolores Mainieri Chem e Vera Maria Homrich Pereira de Mello.	Revisitando Sófocles: a trilogia tebana sob a lente transgeracional
39	2002	complexo de Édipo	Maria P. Manhães	Considerações sobre o complexo de Édipo tardio na mulher: a filha mais velha e o pai idoso, a mãe viúva, a mãe solteira
40	2002	complexo de Édipo	José Outeiral e Celeri, Eloisa Helena Rubello Valler	A tradição freudiana de Donald Winnicott - A situação edípica. E sobre o pai?
41	2003	complexo de Édipo	Alan Victor Meyer.	Psicanálise e teatro

(continuação)

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
42	2003	complexo de Édipo	Antonio Muniz de Rezende	Depois de Freud, Bion nos ajuda a trabalhar com o Édipo
43	2003	complexo de Édipo	Paulo de Moraes Mendonça Ribeiro	Repensando a neurose obsessiva à luz das primitivas experiências do <i>self</i>
44	2004	complexo de Édipo	Luís Cláudio Figueiredo.	Os casos-limite: senso, teste e processamento de realidade
45	2005	complexo de Édipo	Deodato Curvo de Azambuja	Terror, representação e psicanálise
46	2008	complexo de Édipo	Marian Alizade	Feminilidade primária – feminilidade estrutural

Fonte: A autora.

Posteriormente busquei, nessa mesma revista, artigos a partir do termo homossexual, homossexualidade e homossexualismo nos campos Assunto, Título e Resumo. A partir do filtro para a Revista Brasileira de Psicanálise – considerando as duas formas de identificação da revista que referi anteriormente – , introduzi os três termos (um de cada vez) no campo de pesquisa da BVS, obtendo oito artigos, conforme tabela abaixo:

Tabela 3 – Os 8 artigos da Revista Brasileira de Psicanálise encontrados no BVS ao utilizar os termos “homossexual”, “homossexualidade” e “homossexualismo”

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
1	1981	homossexualidade, homossexualismo	Issac José Nigri	A inveja do pênis
2	1985	homossexualidade, homossexualismo	Avelino Ferreira Machado Neto	Homossexualismo: uma aproximação clínico-teórica
3	1985	homossexualidade	Fernando José Barbosa Rocha	Em marcha à ré pela fonte da saudade: da separação e emergência do sujeito na cena psicanalítica
4	1992	homossexualidade	Heitor Gunther Perdigão	Mito e Malleus Maleficarum: a misoginia a serviço da religião
5	1996	homossexualidade, homossexualismo, homossexual	Lenise Lisboa Azoubel	Um caso de homossexualidade masculina: considerações clínicas e teóricas
6	1996	homossexualidade, homossexual	Gildo Katz e Gley P. Costa	Sexualidade e escolha de objeto

(continuação)

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
7	2001	homossexualidade	José Nepomuceno	Sexualidade e criatividade: algumas considerações, com ênfase no masculino
8	2003	homossexualismo, homossexual	Celmy Correa	Sodoma e Gomorra. Mille e tre ensaios sobre a sexualidade

Fonte: A autora.

No portal de pesquisa, selecionando ambas as formas de identificação da Revista Brasileira de Psicanálise como filtro, em 06/06/2015, percebemos que a primeira e a última edição indexadas datam respectivamente dos anos de 1980 e 2010, portanto, a pesquisa se refere a esse recorte de 30 anos.<sup>21</sup>

Agora posso desenhar melhor a questão de pesquisa. Tomando como ferramenta de análise o conceito de jogo de verdades em Foucault e, assim, buscando compreender os enunciados que teriam efeito de verdade, cabe então perguntar: como a homossexualidade e sua relação com o conceito psicanalítico de “complexo de Édipo” emergem nos artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise? Neste momento, com a questão formalmente apresentada, surge a necessidade de discutir as implicações do método.

---

<sup>21</sup> A revista continua sendo regularmente editada desde 2011. Entretanto, não está indexada na BVS. No *site* da revista é possível ter acesso aos títulos e resumos das publicações posteriores, inclusive do ano de 2015. Nesta pesquisa uso como *corpus* o recorte de 30 anos (1980-2010) em que ela esteve indexada e, conseqüentemente, com maior visibilidade, principalmente em relação à academia. Não consegui até o momento uma posição consistente da Febrapsi e da própria RBP quanto ao motivo da descontinuidade da indexação, se o mesmo se refere a um atraso ou a uma interrupção. Poderia elencar uma série de hipóteses institucionais a partir desse analisador, mas considerando esta não ser a pretensão deste trabalho e as poucas informações disponíveis, prefiro não acalentar especulações pouco produtivas para a análise em questão.

## 2 METODOLOGIA

Falar de metodologia logo me faz lembrar em método e, conseqüentemente, em algo estanque, duro. Além da Psicologia, tenho formação técnica em Química. Pediam-me que eu isolasse as variáveis. E por mais que eu tentasse, para mim era claro que, se não estivéssemos em condições artificiais de laboratório, não havia como isolá-las. Então não era científico. E eu precisava usar o método científico. E como ficar nesse entre o que não é científico, mas também não é literário? De que forma ousou falar de um tema tão caro – a psicanálise? Por meio de que metodologia? Primeiro, não sou psicanalista. Como diz Castel (1978), esse é um espetáculo pelo qual não paguei ingresso. Assim sendo, não tenho pretensão alguma de discutir a teoria psicanalítica, pois já há muitos que o fazem e com grande excelência. Segundo, falo do tema proposto como admiradora da psicanálise. Ou melhor, como admiradora de algumas psicanálises. A psicanálise que aprendi em parte da graduação, por exemplo, causou-me grande entusiasmo. Terceiro, vou fazer uso de uma perspectiva que não busca uma verdade, que não busca uma essência, que não interpreta os fatos, que não usa o método científico cartesiano. Vamos usar o exemplo da destilação para, inicialmente, explicar o que eu não vou fazer.

O método da destilação consiste em colocarmos o material para análise em um balão de vidro próprio para o procedimento. O mesmo será aquecido, e, portanto, parte do líquido irá evaporar. O líquido com menor ponto de ebulição passará por um condensador para resfriar e voltará novamente a forma líquida na ponta do outro balão. Basicamente, é um método para separarmos elementos que aparentemente são indissolúveis, chegando, assim, às essências das composições que inicialmente pareciam ter um componente único. Bem, não é esse caminho que sigo. Não vou usar os artigos e dizer que na origem eles afirmam tais e tais coisas.

A genealogia “opõe-se à pesquisa da ‘origem’”. (FOUCAULT, 2008, p. 261). Assim sendo, não buscamos chegar na gota da essência, destilando os elementos. Se destilássemos, encontraríamos outra coisa. Coisas distintas, pois os elementos, em relação uns aos outros, transformam-se, não existindo uma substância essencial. Foucault, a partir de vários textos de Nietzsche, salienta: “Deseja-se acreditar que, em seu início, as coisas se encontravam em seu estado de perfeição.” (FOUCAULT, 2008, p. 263).

Muito do que já foi descrito ao longo do texto fala da metodologia que pretendo utilizar. Proponho fazer um estudo usando a perspectiva arqueogenealógica. A partir de conceitos foucaultianos de enunciado e discurso (formação discursiva), busco uma forma de compreender como a psicanálise tradicional-institucionalizada, no Brasil, aborda a questão da homossexualidade ao debater o complexo de Édipo.

Pretendo desenvolver a pesquisa a partir de uma orientação arqueogenealógica, utilizando a produção teórica de Michel Foucault como forma de refletir sobre as condições de possibilidade de emergência de um determinado discurso psicanalítico. Portanto, pretendo compreender os jogos de verdade que atravessam esse discurso, buscando problematizar conceitos e sentidos naturalizados.

A intenção da pesquisa genealógica é produzir rupturas na lógica da linearidade, do desenvolvimento e da comensurabilidade que marca(ra)m a racionalidade científica moderna, começando pelo questionamento do que é a “verdade”. (NARDI et al., 2005, p. 1046)

O *corpus* de pesquisa será constituído pelos artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise no período que vai de 1980 a 2010, e que apresentam os termos “complexo de Édipo”, “homossexual”, “homossexualidade” ou “homossexualismo”, indexados no portal de pesquisa BVS.

É necessário deixar explícito desde o início – talvez a principal implicação do método – que a análise dos artigos mencionados como *corpus* da pesquisa não se preocupa em afirmar se o uso dos conceitos é fiel à teoria ou não, uma vez que, se eles circulam na revista e passaram pelo crivo dos seus pares, os mesmos foram aprovados pelas estratégias de legitimação da verdade no interior da psicanálise tradicional, isto é, o que pode ser dito e ter sentido de verdade – ou, ao menos, obedecem as regras para disputar tal estatuto – neste campo.

O uso da perspectiva foucaultiana me permitirá analisar uma questão particular no interior de um contexto sócio-histórico específico e entender o funcionamento e a forma que ele se dá a partir de mecanismos, lógicas e processos que o constituem. É importante destacar dois conceitos fundamentais na análise de discurso foucaultiana: enunciado e discurso. Nem toda fala é um enunciado. Torna-se enunciado a expressão que pode ser entendida em um certo tempo. O discurso, por sua vez, pode ser entendido como:

(...) um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram uma dada época e para uma determinada área social as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2005, p. 133)

Para Foucault, a partir da Arqueologia do Saber (2007), o discurso é visto pelo discurso e não pelo o que há por trás dele como forma de explicá-lo ou interpretá-lo. É preciso entender o jogo de relações, ou seja, a ordem do discurso, e ter clara a ideia de que ao se falar do objeto, constrói-se esse objeto. O enunciado pode ser entendido como uma função, como algo que se expressa e faz funcionar toda uma rede. A formação discursiva é constituída pelos enunciados, que produzem e formam discursos e, nesse sentido, o enunciado também nunca é algo em si, mas sempre uma relação. Assim, para fazer uma análise da formação discursiva, faz-se necessário sair da representação, no sentido de pensar o que determinada palavra quer dizer, e ouvir o que está sendo dito, perceber como e de que lugar é falado, de modo a evidenciar como aquela rede enunciativa (fala/texto) marca o tempo em que é dita ou escrita e qual a posição que ocupa o sujeito ao enunciar.

Quanto aos artigos, desses tenho muito a falar. Convivi com os textos, conversei, debati, briguei, elogiei os autores e as autoras. O fato de a maior parte deles não estar digitalizada fez com que eu não pudesse usar ferramentas que me possibilitassem localizar termos ou recortar e colar excertos. Cada excerto li, marquei e digitei letra por letra. Cada texto fiz questão de ler na íntegra e de reler, se fosse o caso, um trabalho de compreensão textual denso. Não busquei apenas os termos, precisei entender o que cada autor e cada autora diziam na sua produção. Assim, tive uma postura empática e curiosa. Foram 54 artigos (46 com o termo ‘complexo de Édipo’ e 08 com os termos homossexual, homossexualidade e/ou homossexualismo) e lembro um por um. O que fez meu coração palpitar mais, o que me fez sorrir, o que me fez enraivecer, o que me fez se desesperar. Podia ter escolhido outro caminho, não sei se mais fácil, porém, pelo menos mais rápido. Sim, eu podia. Não fiz talvez porque não quisesse, mas porque não consegui. É que a clínica, a psicanálise me faz sentido, me faz sentir. Uma leitura focada ceifaria tanta riqueza. Poderia não mudar muito o resultado da tese, mas com certeza mudaria o resultado da doutora. A leitura de cada um dos 54 artigos detalhadamente me fez ser a tese, me fez sentir o doutorado como algo diferente do que um calhamaço de páginas impressas, tornou-me o processo. Senti como Crusoé na ilha deserta no



momento em que a fertilizava. Senti-me parte da ilha. Percebi a fecundidade de meu pensamento e a riqueza de cada artigo – seja com a crítica que fosse – que compunha as vicissitudes daquela ilha em que estávamos. Isso fez com que eu me tornasse mais respeitosa com cada elemento. Por muitas vezes quis julgar os autores e as autoras, mas as leituras foram me trazendo serenidade. Todos estão na ilha e ela só é ela porque todos ali estão. As ervas daninhas, as plantas venenosas, os animais peçonhentos, as flores ornamentais, os animais silvestres formam a ilha. (TOURNIER, 1972). Analogamente, busco mostrar como a psicanálise em relação ao Édipo e à homossexualidade vai se desenhando. Talvez o que eu tenha relatado seja algo mais orgânico que o que, num primeiro momento, se imagine de um olhar arqueológico. Mas foi com essa arqueologia que Foucault nos presenteou, a de olhar para o sítio arqueológico com o detalhe fundamental de fazermos parte dele.

Diante disso tudo, eu me via muito confusa quanto a como conseguir planificar no texto o que se passava em minha mente, o que eu visualizava em anotações e tabelas, em grifos, em comentários. Assim como uma arqueóloga, imaginava montar um vaso por meio de seus caquinhos, um dinossauro com imensos ossos. Mas eu não estava diante de um objeto/esqueleto concreto, eu estava diante da produção de verdades. De antemão, eu sabia que o que se desenharia nesse meu árduo trabalho de reunir enunciados e visualizar discursos era algo completamente imerso naquilo que me constitui e, a partir disso, do caminho que escolhi. Ou seja, eu precisava deixar muito claro qual havia sido esse caminho e porque não optei por outros. Transformar em texto esse processo seria o maior desafio. Por mais que eu dissesse que o que mais gosto é escrever, essa, por sua vez, seria uma escrita diferente. Uma escrita que viu-se necessitada do auxílio de outros elementos não lineares da grafia. Eu precisaria, de algum modo, esquematizar, sistematizar, produzir um mapa para explicar como eu trabalharia nos textos e o que cada texto contribuiria para que eu pudesse fazer essas relações textualmente. Inicialmente, resolvi fazer isso para ficar mais claro para quem lesse minha tese. Aos poucos fui percebendo que tal decisão foi fundamental para eu me encontrar em minhas anotações e em suas correlações. Não fazia isso para um outro ou uma outra. Esse outro ou outra a quem eu apresentava minhas escavações pelos artigos era eu própria. No fim do processo, eu poderia suprimir esse esquema, e a partir dele o texto se desenharia, as palavras se permitiram contar o processo, ou melhor: eu me permiti fazê-lo. Mas optei por entrelaçar a escrita formal e retilínea com a escrita-esquema-sistema-mapa a fim de poder compartilhar

como essa composição foi se dando. Trabalhei a tese com os capítulos abertos em arquivos distintos, que eram alimentados alternadamente. Cada capítulo foi se tecendo de forma lenta e encadeada com outros. Quando eu escrevia algo sobre a metodologia aqui, por exemplo, pensava em questões sobre algum trecho que li de algum biógrafo de Freud, e assim, na sequência, eu voltava a alimentar o texto que tratava dos subsídios históricos. Foi um processo de produção vivo e dinâmico.

Apresento, a seguir, meus encontros com os 54 artigos com que convivi e conversei muito. Nos três capítulos subsequentes, faço a análise arqueológica do que aparece nos textos referente aos 46 artigos que continham a expressão “complexo de Édipo”. No capítulo seguinte a estes três – o qual denomino de “Homossexualidade como palavra-chave” – os encontros se dão com os oito artigos que continham as expressões “homossexual”, “homossexualidade” e/ou “homossexualismo”. Para compor os capítulos que seguem, destaco diversos outros trechos que abordam, além dos dois temas mencionados, colocações sobre a família tradicional, a perversão, os mitos, entre tantos outros conceitos que ganham sentido no interior da rede enunciativa desta psicanálise que emerge na e da Revista Brasileira de Psicanálise.

### 3 UNIVERSALIDADE DO ÉDIPO, MITO, RAIZ FILOGENÉTICA

Início a análise dos artigos a partir do assunto mais denso: o Édipo. Por ser o termo de busca usado para filtro dos textos, é evidente que tenho muito material. Na sua grande maioria, esses textos reiteram a centralidade do conceito na teoria freudiana. Para um melhor entendimento, divido esta parte em três pontos que considerarei essenciais: a valorização do Édipo, a força do mito e a raiz filogenética. Como a ideia é trabalhar com o que está dito, faço uso, na medida do possível, de excertos dos artigos; em alguns pontos em que haja acentuada repetição de conteúdo ou em que o texto do autor ou da autora se alongue muito, sintetizo, buscando ser o mais fiel possível aos seus pontos de vista. Evito usar o recurso *apud* no texto. Entretanto, em alguns momentos, recorro a ele a fim de evidenciar o trecho escolhido da obra freudiana para ser citado por alguns autores e algumas autoras em seus respectivos artigos.

#### 3.1 Valorização do Édipo

##### 3.1.1 A Carta

Freud trocava muitas correspondências. Em suas biografias, diversas vezes são feitas menções às mesmas. (JONES, 1975; SOUSA; ENDO, 2009; GAY, 2002). Existem publicações a partir dessas correspondências. O pai da psicanálise era tão sistemático com esse assunto que alimentava um livro com o registro dos documentos enviados e recebidos. Além disso, Freud sempre reservava um período de seu dia de trabalho para o ofício da escrita desses documentos. Houve certa vez que Freud destruiu muitas de suas cartas, dizia que preferia dar trabalho a quem se ocupasse de sua biografia. Chamo, nesse momento, atenção para uma carta em especial. A mesma foi recebida por seu amigo Fliess, enviada por Freud em 15 de outubro de 1897. Os dois se corresponderam muito entre 1887 e 1904. (SOUSA; ENDO, 2009). Nos artigos lidos, a carta que Freud enviou a Fliess falando do mito Édipo é diversas vezes lembrada. Há quem a cite, há quem a comente. A seguir, um trecho recortado de Meyer (2003) de uma citação trazida pelo mesmo:

Apenas uma ideia de valor geral me ocorreu. Eu descobri o amor pela mãe e o ciúme do pai também em meu próprio caso, e agora acredito ser um

fenômeno da primeira infância... Se isso é o caso, o poder avassalador de “Édipo Rei”, apesar de todas as objeções racionais do destino inexorável que a história pressupõe, torna-se inteligível, e podemos entender porque dramas posteriores do destino foram um fracasso... O mito grego apreende uma compulsão que todos reconhecem porque sentiram seus traços em si mesmo. Cada membro da audiência foi uma vez Édipo em germe na fantasia; e essa realização em sonho, atuado na realidade, conduz a todos a recuar em horror, com plena medida da repressão que separa seu estado presente do infantil. (FREUD apud MEYER, 2003, p. 805-806)

Tal carta tem grande peso ao tratarmos de Édipo na teoria freudiana, visto o fato de que é a primeira vez que o mito aparece nos escritos de Freud. De acordo com Rocha:

Na conhecida carta de 15 de outubro de 1897, dirigida a Fliess, Freud irá, pela primeira vez, comunicar-lhe sua descoberta dizendo: “[...] O mito grego coloca em evidência uma compulsão que cada um reconhece por haver percebido em si mesmo as marcas de sua existência”. (ROCHA, 1996, p. 892)

Já numa dimensão mais abrangente, ou seja, como forma de submetimento a uma Lei, o complexo de Édipo está para além da relação da criança com os pais e vice-versa, apontando para a interdição como condição básica para que possamos nos referir aos agrupamentos humanos. (ROCHA, 1996, p. 892)

Azambuja também menciona a carta e o fato do conceito edípico perpassar por toda a obra: "O complexo de Édipo é um conceito desenvolvido por Freud ao longo de toda sua obra e é uma das suas mais antigas descobertas, contemporânea a sua auto-análise, conforme vemos na carta de Freud a Fliess, de 1897." (AZAMBUJA, 1998, p. 676). A autora ainda acrescenta: "O Édipo deveria ter sido valorizado desde 'Três ensaios sobre a teoria da sexualidade', publicado em 1905. Lá o conceito já se encontra pulsando, mas não é nomeado." (AZAMBUJA, 1998, p. 676).

Sousa e Endo (2009) apontam Wilhem Fliess como o outro necessário para a autoanálise de Freud. Sua profunda e solitária autoinvestigação foi entendida em muitos pontos graças à correspondência trocada entre ambos. A publicação delas foi contrária ao desejo de Freud, que, como mencionei anteriormente, destruiu grande parte das cartas recebidas de Fliess. A publicação ocorreu apenas em 1985. Fliess pode ser visto como um interlocutor na autoanálise de Freud. Os autores indicam: “Freud precisou também de um ‘analista’ quando a psicanálise não existia e, como todo pioneiro, improvisou o seu”. (SOUSA; ENDO, 2009, p. 51).

### 3.1.2 Édipo – um rei na teoria psicanalítica

A partir da análise dos artigos fica evidente o enunciado da universalidade do Édipo na teoria psicanalítica, há acentuado destaque para sua centralidade na obra freudiana e sua importância para a estruturação do psiquismo humano. Já em um dos primeiros artigos que usam como palavra-chave o termo “Édipo” temos a seguinte descrição, destacando o mito como “o desejo universal da humanidade”: “Quando Freud publicou A interpretação dos sonhos (1900), tomou como modelo a tragédia Édipo-Rei, de Sófocles, para ilustrar o desejo universal da humanidade em matar o pai e possuir sexualmente a mãe.” (COSTA; KATZ, 1985, p. 70). Dez anos depois, é possível destacar dois excertos do mesmo autor que corroboram com o exposto, o primeiro destacando sua importância não apenas em relação às neuroses, mas o expandindo a todo psiquismo: “O complexo de Édipo não consiste apenas no núcleo das neuroses, mas representa o conjunto de impulsos conflitantes, fantasias, ansiedades e defesas do psiquismo humano.” (COSTA, 1995b, p. 615). O segundo trecho traz a descoberta do Édipo como a maior contribuição de Freud:

De todas as contribuições de Freud à humanidade, provavelmente a mais original é a descoberta do complexo de Édipo, que ocorreria dois anos após ter sido publicada esta obra fundante da psicanálise (Estudos sobre Histeria), ao se dispor a olhar os seus pacientes dentro de si mesmos mediante um processo que denominou auto-análise. (COSTA, 1995b, p. 616)

Outros autores e outras autoras seguem no mesmo caminho. Adentrando a primeira década de 2000, Rezende escreve “Meu ponto de partida será a intuição freudiana de que o Édipo é estruturante da personalidade” (REZENDE, 2003, p. 539), enquanto Gomes explica: “destaco o mito edípico, como um dos que contém o maior número de fantasias inconscientes já assinaladas por Freud.” (GOMES, 2001, p. 846).

É possível ver o dispositivo da sexualidade em ação desde o início da construção da teoria psicanalítica e em todo o período que engloba os artigos em questão. Foucault nos explica que a partir do século XVIII a sexualidade foi instituída como a verdade maior sobre o indivíduo, havendo, a partir dali, um controle ao corpo e aos prazeres. Foucault (2006) diz ainda que a partir do início do século XX e nas décadas posteriores, instaurou-se um momento

histórico de amplo falatório acerca do sexo, contrapondo-se à hipótese repressiva. A partir do autor, percebemos que “esse falar sobre o sexo leva a busca de uma verdade. Assim, o sexo passa a ser esquadrihado e os padrões de normalidade estabelecidos pelas diferentes ciências da racionalidade moderna.” (MAUS-MARQUES, 2010, p. 20). O controle da sexualidade implica em padrões específicos de como usá-la. O seu “uso correto” é fator determinante para a manutenção da sociedade, e seu “uso incorreto” deve ser corrigido para o bem de todos e de todas. A inauguração da psicanálise dá-se a partir desse dispositivo e também o retroalimenta. Consequentemente, o complexo de Édipo é fruto e mantenedor do dispositivo da sexualidade. A psicanálise vai se constituindo como um discurso, encontrando no contexto do dispositivo aqui citado condições para tal. A universalidade do Édipo é um enunciado que emerge nesse contexto. De um dos textos mais recentes dentre os analisados, o que pode sugerir a atualidade da questão, destaco um excerto que corrobora com a ideia da manutenção social, condição *sine qua non* para o fortalecimento do dispositivo: “É a força das identificações, fruto afinal do mito do Édipo, ou uma das pernas do mito edipiano, que comanda esses movimentos e as pessoas individualmente, grupalmente e socialmente.” (AZAMBUJA, 2005, p. 111).

### 3.2 A força do mito

Reservei uma parte para discorrer sobre o mito. Esse foi um assunto recorrente na leitura. Na maioria das vezes, o enunciado que aparece é o de sua universalidade. Em alguns momentos ele está acoplado a um outro enunciado, o da raiz filogenética (da evolução), o qual remete ao fato de termos alguns constructos introjetados em nosso mapa genético, oriundos de nossos antepassados, que passam de geração em geração e são universais. Para a psicanálise, a partir dos artigos lidos, dois mitos são fundantes e fariam parte da nossa raiz filogenética: Édipo e o mito da horda primitiva.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Com auxílio de trechos dos artigos lidos, faço algumas considerações sobre ambos. Por ser a questão da pesquisa, destaco o mito edípico ao longo deste e de outros capítulos. Quanto ao mito da horda primitiva, a partir dos artigos lidos, temos os filhos que matam o pai tirânico da horda primeva, o qual se apossava exclusivamente de todas as mulheres da horda. Os filhos fazem um banquete e comem o pai morto, buscando ser como ele. Depois se sentem culpados, instituem a proibição do incesto e o totemismo a fim de proibir o assassinato do substituto do pai – o totem. Valladares, em seu artigo Sexualidade e Cultura, afirma: "Na hipótese freudiana, a refeição totêmica seria uma repetição e uma comemoração do ato memorável e criminoso que se assemelha aos dois crimes de Édipo - a morte do

No mito edípico, "conforme foi descrito por Freud, o filho apaixonou-se pela mãe (como decorrência da própria existência do instinto de vida) e deseja a morte do pai, sentindo como rival e perigoso antagonista (medo da castração)". (COSTA; ROMANOWSKI, 1980, p. 227). Freud parte do mito grego em que, por consequências do destino, Édipo mata o pai e desposa a mãe. "Enquanto Édipo tentava fugir da prescrição oracular, na qual era vaticinado matar o pai e casar com a mãe, em nenhum momento suspeitou que cada ação sua confirmava o vaticínio." (ROCHA, 1995, p. 390). "No seu primeiro período de investigação (1897), Freud traz-nos a versão clássica do mito edípico: o secreto desejo de toda a criança, e da criança que habita em todo homem, de possuir a mãe e matar o pai, realizando seus desejos incestuosos e parricidas." (GOMES, 2001, p. 852).

Recorrentemente surge alguma referência ao teatro grego. Freud, em suas correspondências com Fliess, fala que tal tema não causou repulsa, como poderia ser esperado. Pelo contrário, tocou tanto o público em virtude das pessoas terem se identificado, mesmo que inconscientemente com o que viam na cena: sua experiência individual. Trachtenberg e colaboradores citam Freud:

Reage como se, por auto-análise, tivesse reconhecido o complexo de Édipo em si próprio e desvendado a vontade dos deuses e do oráculo, como disfarces enaltecidos de seu próprio inconsciente. É como se fosse obrigado a recordar os dois desejos – eliminar o pai e, em lugar deste, desposar a mãe – e horrorizar com esses mesmos desejos. E o espectador compreende as palavras do dramaturgo, como se elas fossem dirigidas a ele: "Tu estás lutando, em vão, contra a tua responsabilidade e estás declarando, em vão, o que fizeste em oposição a essas intenções criminosas. És culpado por não teres conseguido destruí-las; elas ainda persistem em ti, inconscientemente." (FREUD apud TRACHTENBERG et al., 2001, p. 130)

A psicanálise nasce do Mito. Talvez pudéssemos traçar um paralelo entre a igreja e a psicanálise mais uma vez, como já fiz no primeiro capítulo tomando Castel por referência. A humanidade para a igreja católica, assim como para algumas outras religiões, tem origem na escrita bíblica, que conta os seis dias da criação do mundo e o sétimo de descanso, e que, mais adiante, aborda o pecado original a partir da história de Adão e Eva. Quando Eva come o fruto proibido e oferece a Adão, inicia-se o pecado e, por conseguinte, toda a história bíblica que

---

pai e o casamento com a mãe - ou seja, aos dois desejos primários que, recalcados, constituem o núcleo de todas psiconeuroses."(VALLADARES, 1996, p. 855).

carrega em suas páginas a raiz do pecado original. O cristianismo também traz outro importante ser mítico: Jesus Cristo. A sua figura serve como exemplo e como norma que garante a entrada no paraíso, o que funciona para a manutenção de um tipo de sociedade, sustentada por enunciados como fatalidade e culpa, presentes no discurso religioso cristão.

O discurso psicanalítico é feito do mesmo molde que o discurso religioso cristão. Se não fossem algumas peculiaridades de ambos, poderia se afirmar que são, estruturalmente, o mesmo discurso. A psicanálise nasce e é mantida dentro do discurso que sustenta o cristianismo, cria seu modo de falar de si, mas pouco inova. Ao falar de si, a psicanálise nega essa semelhança. No excerto abaixo fica clara tal afirmativa:

(...) em Totem e tabu, Freud explicita que dentre os três grandes sistemas de pensamento da humanidade (o mitológico, o religioso e o científico) o mito é o “mais lógico e completo”. Para apresentar a misteriosa imbricação entre o natural e o cultural, Freud toma como modelo exemplar o mito do pai da horda primitiva e o de Édipo. Versando sobre a mesma questão eles revelariam a maneira pela qual, por um lado, ter-se-ia instaurado o processo de cultura e, por outro, o *infans* torna-se homem. Optar, portanto, pelo mito, por nele reconhecer o mais completo sistema de pensamento lógico, justifica o porquê de fenômenos como o da sexualidade, da castração e da interdição, serem tomados por Freud a partir de uma abordagem universal. (ROCHA, 1996, p. 903)

A partir do exposto, temos a proposição de Freud entendendo que o sistema de pensamento científico se diferencia do mitológico. Entretanto, da forma que é abordado, mostra uma ruptura entre o sistema de pensamento mitológico e religioso, os quais entendo possuem vários pontos de intersecção uma vez que se constituem como redes discursivas muito semelhantes. De que outra forma poderiam ser entendidas as histórias religiosas senão como mitos? Considerando toda a história da humanidade, as cruzadas, as brigas religiosas, penso que não podemos tratá-las como meras fábulas. Para a psicanálise, o sistema mitológico estaria acima das religiões, daria conta de toda a história da humanidade. Analogamente, para o cristianismo, a religião estaria acima de tudo, abarcando os mitos a sua maneira. Entendo como evidente o fato deles fazerem parte da mesma formação discursiva, sendo construídos a partir do mesmo modo de pensar.

Continuando a linha de raciocínio, podemos voltar para o maior mito da psicanálise: o Édipo. Nas palavras de Rocha: "Desde essa primeira articulação (carta a Fliess), Freud faz referência à tragédia de Édipo como estando para além da história e das vivências individuais,



afirmando assim a universalidade do complexo de Édipo." (ROCHA, 1996, p. 893). De acordo com Rosa:

Queremos deixar claro que não partimos de uma posição redutivista e totalitária, pois pretendemos ver no mito algo que se vincula estreitamente com o psicológico, o social e o histórico. Escolhemos o mito de Édipo, o qual, por ser considerado um mito universal, nos permite observar a solidez de seu núcleo, sob variadas circunstâncias de natureza social, familiar ou individual. (ROSA, 1996, p. 894)

Na teoria psicanalítica, Édipo passa a ser o exemplo a ser seguido para se chegar ao modelo psíquico ideal. Há um *modus vivendi* universal, mas nem todos o alcançam. Para se chegar ao paraíso da neurose precisamos seguir um passo a passo que envolve pai, filho e mãe, e, se algo der errado no processo, podemos, em alguns casos, ainda passíveis de redenção, contar com o psicanalista ou a psicanalista.

Édipo parece ter o mesmo caráter messiânico que Cristo apresenta na história bíblica: é uma entidade que também serve de exemplo para o que deve ser feito se para atingir o reino de Deus, o paraíso. Ele é a figura-referência. Entre os artigos, houve um que, em determinado trecho, seguiu uma linha de raciocínio semelhante: nele, um autor compara Édipo com Cristo. O autor analisa a história de Édipo de Tebas a Colono e escreve "observa a importância deste mito para o estabelecimento de uma *Weltanschauung* (visão de mundo) científica por Freud, e acentua como ironicamente o exemplo de Freud repete o caminho Salvador - Exemplo - Redentor percorrido pelo mito cristão." (SALDANHA, 1996, p. 307). O discurso que constitui Édipo na psicanálise é o mesmo que sustenta Cristo no cristianismo. Na história grega, Édipo salva Tebas ao decifrar o segredo da esfinge, vive como exemplo da cidade e, depois, descobrindo todos os seus infortúnios, fura os olhos e sai de Tebas rumo a Colono, carregando consigo todos os problemas que pairavam sobre a cidade. Tanto em Cristo quanto em Édipo, perpassam enunciados de culpa e de fatalidade. Existe a ordem das coisas e um modelo estabelecido de segui-la. A culpa que a psicanálise entrega à humanidade é ainda maior do que aquela que o cristianismo ofereceu, é a culpa por ter feito ou por não ter feito algo a outrem. Apenas atinge o paraíso da neurose aquele ou aquela cujo pai e cuja mãe agirem como a triangulação edípica sugere. Ou seja, não é o sujeito que passará pelas agruras se o modelo do mito não for seguido, será o seu filho ou a sua filha, o qual ou a qual não tem muito que fazer na situação proposta. Na visão cristã, existe algo que talvez pudéssemos chamar de autogestão do livre arbítrio. Cada um pode decidir se quer ou não atingir o paraíso ou viver no pecado.

Acrescentado ao que apresentei, considero válido relembrar alguns argumentos apontados no início desta tese, quando menciono a psicanálise como igreja, apoiando-me em Robert Castel. Castel (1978) faz uma comparação de como a psicanálise passa de seita para igreja. Seguindo a analogia do caminho psicanalítico com o caminho bíblico, talvez tenhamos aqui a figura de Pedro como aquele que funda a primeira capela cristã se equiparando a Freud e à criação da IPA como marcos da igreja como instituição, ou, melhor dizendo, da psicanálise institucionalizada. Assim, o circuito Mito da Criação do Mundo e Adão e Eva - Jesus Cristo - cristianismo parece se assemelhar com o Mito da Horda Primitiva (Totem e Tabu) – Édipo – psicanálise.

Impossível seguir o texto sem mencionar algo sobre a confissão. Ela é um mecanismo fundamental para ambas as instituições. Tanto a psicanálise quanto o cristianismo baseiam-se no fazer falar a palavra secreta. A confissão pode ser pensada a partir da fala de Foucault em História da Sexualidade. Ele aborda a criação da psicanálise a partir do ato confessional, baseado na experiência da moral e da culpa, fruto da tradição do cristianismo. Seguindo a abordagem foucaultiana, evidencia-se que, a partir de um discurso de maior valorização da ciência, o papel de escuta do ser confidente da contemporaneidade migra do padre para um outro sujeito que também cuida da família: o pedagogo, o médico, o psicanalista. Nesta perspectiva que Foucault (2006) aponta, há no final do século XIX e no início do século XX, um imaginário de que a psicanálise traga um novo discurso sobre a sexualidade, a partir da liberação de recalques sexuais e, conseqüentemente, a eliminação do sintoma. Foucault mostra que não há nada de inovador no discurso, e que o mesmo continua a valorizar a família tradicional. Além disso, a hipótese repressiva apresentada por Freud, para o autor, seria uma forma de incitação discursiva, visto que nunca havia se falado tanto sobre sexo quanto nesse período histórico em que o controle da sexualidade passou a ser tarefa de uma legião de profissionais.

A importância do psicanalista e da psicanalista na retomada do modelo edípico na clínica, e o modo como isso emerge na análise, foram assuntos recorrentes nos artigos. Segundo Meurer, “os impulsos libidinais eróticos da vida infantil, os desejos e conflitos ligados ao complexo de Édipo, que foram objeto de repressão e amnésia, reemergem na relação com o analista e às vezes na contratransferência do analista”. (MEURER, 1996, p. 844). Rezza afirma que “a transferência se remonta às origens da vida afetiva e traz sempre um

fragmento do complexo de Édipo". (REZZE, 1997, p. 141). Azambuja aborda a formação analítica, referindo ainda a centralidade do Édipo como núcleo analítico: "penso que a invariância, a estrutura, o moinho que opera o núcleo analítico é o complexo de Édipo, que também se faz presente na formação analítica." (AZAMBUJA, 1998, p. 675). Seguindo a temática da formação analítica, destaco ainda um excerto que fala como alguns conceitos auxiliam na escuta do psicanalista: "Pensamos que poder tomar contato com conceitos como transmissão transpsíquica e configuração edípica, que caracterizam processos onde o sujeito fica submetido a mandatos, possibilita-nos uma escuta diferenciada no processo analítico." (TRACHTENBERG et al., 2001, p. 139).

### **3.3 A história primeva da humanidade – raiz filogenética**

Um enunciado presente em diversos artigos é a raiz filogenética que possuímos desses mitos, tanto em relação ao mito da horda primitiva (presente em Totem e Tabu) quanto ao mito edípico. O conceito não é descrito nos textos, e na maioria deles não há nenhuma explicação. Esse fato pode indicar que a raiz filogenética dos mitos é algo bastante difundido e faz parte do discurso psicanalítico. Longman, em um artigo sobre os estágios primitivos da mente, faz a seguinte colocação:

O que espero com essas considerações é chamar atenção para a tese da universalidade do "complexo de Édipo" a partir da sua origem filogenética. Mesmo que para isso seja necessário, como recomendou Freud, estender a concepção de modo a incluir todas as possíveis relações da criança com os pais. (LONGMAN, 1994, p. 255)

Na continuidade de seu texto, o autor faz colocações que apontam que a sociedade vem tornando-se pré-edípica, buscando questionar como considerar o Édipo nesse contexto. No capítulo seguinte, abordarei as ameaças ao Édipo. Entretanto, neste momento, trago outro excerto do autor reforçando a ideia de raiz filogenética: "Uma vez aceito o postulado freudiano de que a evolução do homem e da sociedade humana teve como fundamento o projeto filogenético edípiano, a pergunta que se propõe e se adequa à condição social atual do homem." (LONGMAN, 1994, p. 258).

Sigo apresentando outros excertos que abordam a filogenética a fim de corroborar com o que apresentei até o momento:

Portanto, não posso atualmente pensar o conceito de inconsciente sem vinculá-lo ao conceito de inconsciente filogenético, formando o que Freud chama de herança filogenética, como, por exemplo, o conceito de complexo de Édipo filogenético, que constitui o que ele denomina de núcleo do inconsciente. Esse núcleo, de origem filogenética, é inato, e corresponderia a uma classificação genética e topográfica. (GOMES, 1996, p. 1137)

Assim como a herança do mito Edípico é frequentemente mencionada (lembrando sempre que provavelmente isso aconteça porque complexo de Édipo foi a palavra-chave da busca por artigos), o mito da horda primitiva também se faz presente em relação à herança filogenética nos artigos: "Em 'Totem e tabu', Freud explica que os constructos teóricos são abrangentes e que não se restringem a explicar unicamente fenômenos particulares. Esses constructos permitem conceber o mundo como totalidade e portanto, o que no mundo é da ordem do universal." (ROCHA, 1996, p. 894). A autora acrescenta: "Optar, portanto, pelo mito, por nele reconhecer o mais completo sistema de pensamento lógico, justifica o porquê de fenômenos como o da sexualidade, da castração e da interdição, sejam tomados por Freud a partir de uma abordagem universal." (ROCHA, 1996, p. 894). Rocha ainda ressalta que as maiores interdições têm a ver com relações sexuais:

Ainda em "Totem e tabu", Freud ressalta que dentre as mais rigorosas interdições encontram-se as que dizem respeito às relações sexuais: mesmo nas sociedades onde inexitem instituições religiosas e sociais, o sistema totêmico assegura a vigência da interdição. (...) Aquilo que se torna fruto de proibição só o é por ser ao mesmo tempo objeto de desejo. Assim sendo, tudo o que é objeto de proibição e horror, de tabu, é também objeto de desejo. (ROCHA, 1996, p. 895)

Valladares (1996), em seu artigo intitulado Sexualidade e Cultura, faz referência a alguns antropólogos que discordam de Freud em relação à universalidade do mito, posicionando-se, entretanto, favorável a Freud. Deve-se destacar que a autora traz no trecho a seguir Erich Fromm como sendo um antropólogo e não menciona o fato dele ter formação psicanalítica e de sua biografia o apresentar como tal. É possível inferir que o fato de ele negar

a universalidade do Édipo faz com que a autora o desqualifique como psicanalista e o remeta ao campo da antropologia, mostrando também aqui a defesa da Psicanálise:

À luz do trabalho antropológico, muitos especialistas neste campo discordaram das hipóteses levantadas por Freud. Erich Fromm, por exemplo, foi um crítico fervoroso da universalidade do complexo de Édipo. Em sua opinião, a teoria de Freud está restrita e é aplicável apenas às culturas patriarcais, pois nas culturas matriarcais, foco do seu grande interesse de pesquisa antropológica, não se observa a existência do complexo edípico. (VALLADARES, 1996, p. 855)

(...) pretendi, simplesmente, através de experiência clínica e de observação, reforçar o posicionamento freudiano quanto à universalidade do Édipo, acreditando que tanto o homem como a mulher trazem consigo, filogeneticamente determinado, a estrutura edípica, o poder de interdição, qual seja, a semente da história primeva da humanidade. (VALLADARES, 1996, p. 856)

Diferente da citação acima, Andrade é um dos raros autores que se opõe a Freud em alguns posicionamentos. Em seu artigo *Sexo e vida em Freud*, ele elenca e discute uma série de questões que contrapõe ao enunciado da raiz filogenética e, nesse sentido, o próprio discurso psicanalítico. É pertinente mencionar que o psicanalista é analista didata da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. Ele argumenta:

As bases gerais da universalidade do complexo de Édipo, que se tornaram a pedra de toque do pensamento freudiano, foram estabelecidas em "Totem e Tabu". Desde então, o complexo de Édipo se transformou ao mesmo tempo em dogma e tabu psicanalíticos, sendo elevado à categoria de verdade intocável, com conteúdo semi-religioso. Entretanto, as elucubrações de Freud se basearam em estudos sobre o comportamento do homem pré-histórico que não encontravam respaldo em conhecimentos recentes. (...) Segundo a hipótese de Freud, os irmãos impedidos de relacionar-se com as mulheres da horda primitiva teriam estabelecido um vínculo homossexual entre si. Mais tarde, teriam sublimado a libido homossexual, empregando-a sob a forma de colaboração social, que os uniria no objetivo comum de matar o pai. (ANDRADE, 1996, p. 809-810)

Mais adiante, Andrade ressalta: "Ademais, todo o raciocínio exposto em 'Totem e Tabu' tem por centro de gravidade a conduta masculina, sendo difícil encontrar em sua teoria um papel para a mulher." (ANDRADE, 1996, p. 811). Ele traça uma série de argumentos a partir de diversos autores e autoras referindo-se à primitiva colaboração social dos primeiros humanos, o que tornaria incoerente imaginar o pai despótico e isolado. Além disso, Andrade

indica que o patriarcado é uma instituição social recente, diferente da sociedade matrilinear da qual se tem registros bem remotos. Ele menciona os estudos de Malinowski sobre uma civilização matrilinear em que não existia a noção de que a fecundação da mulher fosse consequência da relação sexual. O psicanalista fala ainda da comprovação da existência de tal sociedade primitiva baseada na família comunitária, diferente da comunidade do pai tirânico que castrava ou exilava os filhos para ficar com todas as mulheres, que não possui sequer vestígios, como o próprio Freud reconheceu.

A rede enunciativa é um entrelaçamento de jogos de verdades em que se evidenciam disputas internas. Mesmo minoritárias, essas disputas vão abrindo brechas para pequenas mudanças no discurso hegemônico. O autor acima segue a teoria freudiana, embora relativize o instinto sexual, o que, por sua vez, difere da ordem discursiva da teoria psicanalítica. Afirma que “considera neste trabalho o instinto do ego como fator essencial nos processos narcísicos normais e patológicos. Relativiza a participação do instinto sexual nesses processos, ao atribuir importância também à autopreservação e à destrutividade.” (ANDRADE, 1996, p. 819).

O próximo capítulo dá continuidade ao que venho discutindo. Além do discurso psicanalítico que estrutura e é composto pelos enunciados presentes nos artigos, abordarei como a heteronormatividade ordena e sustenta-se neste discurso. Não são conceitos estanques uma vez que fazem parte do mesmo dispositivo, mas faz-se necessário explicitar seus funcionamentos para possibilitar minha forma de expressão no modelo textual.

#### 4 FAMÍLIA, AMEAÇA ANTI-EDÍPICA, PERVERSÃO

Início este capítulo ainda abordando o dispositivo da sexualidade. Aqui seria interessante pensarmos, a partir de Foucault (1997), o que diferencia norma de lei. A lei é aquilo que está escrito e é visível a todos e a todas, é aquilo com que o direito trabalha. A norma, por sua vez, é mantida e mantenedora da lei. A norma se naturaliza, simplesmente quando sua produção histórica é apagada. Trata-se de um longo trabalho de construção, por meio de discursos que são legitimados no interior das estratégias de verificação em um determinado contexto social. O que temos que entender é que a norma também é uma construção, como o são as leis, os enunciados e os discursos. Mais do que isso, ela é aquilo que sustenta os discursos e dá legitimidade a eles, mesmo que muitas vezes não sejam legítimos na lei. Neste capítulo, proponho pensarmos discursos e enunciados que se entrelaçam naquilo que podemos chamar de heteronormatividade. Por heteronormatividade se entende a concepção de que a heterossexualidade é dada como norma social, como o caminho natural a ser seguido. Sendo assim, o que ou quem não a seguir, passa a pertencer ao campo do desvio, do anormal. Nesse sentido, destacando a importância dos papéis na tríade edípica e a possibilidade de normalidade e de patologia do desenvolvimento, ilustro com um excerto de Zimmerman:

De forma resumida, pode-se dizer que na atualidade os psicanalistas consideram o complexo de Édipo como sendo uma estrutura triádica, regida, portanto, pelas leis da dinâmica interacional psíquica, sendo importante sublinhar que nessa estrutura, o essencial é a distribuição de papéis de cada um, tanto os conscientes como os inconscientes.

Como exemplificação desta última afirmativa, sempre sobre o enfoque de **uma possível normalidade ou patologia do desenvolvimento edípico** nas diversas combinações que se formam, pode-se aventar a hipótese de que a criança queira, ou não, abdicar do paraíso exclusivo que contraiu com a mãe, se na cena primária ela quer destronar e ocupar o lugar de um dos genitores na cama; se a criança está tendo um acesso a ambos os pais sob a égide do olhar amoroso de cada um deles, ou ao contrário disso etc.” (ZIMERMAN, 1997, p. 499 – grifos da autora)

Percebemos que, nos artigos pesquisados, os enunciados que remetem à família são constituídos a partir do discurso da heteronormatividade. Na família heteronormativa que se destaca nos artigos, tanto pai quanto mãe possuem um papel bem marcado e de grande

responsabilidade para um desenvolvimento satisfatório da criança. No excerto a seguir, podemos verificar claramente a ideia do triângulo pai-mãe-filho:

Destaco, portanto, na elaboração deste trabalho, a importância da configuração do mito edípico no psiquismo humano e a constituição do espaço triangular como pedra fundamental no processo de desenvolvimento. Na constituição desse espaço a figura do pai ou o masculino opera como ponto de equilíbrio e equidistância entre a criança e a mãe e o feminino, obstruindo a fusão e a confusão entre ambos, dando nascimento à percepção das diferenças e a simbolização. (GOMES, 2001, p. 846)

Em diversos outros artigos, percebemos o discurso da heteronormatividade presente no modo de se falar sobre a família. A família tradicional é enunciada como aquela capaz de dar conta da triangulação edípica. A mãe aparece como uma figura valorizada e frequentemente também culpada por alguma falha no desenvolvimento infantil. A seguir, apresento um excerto do início da década de 1980 que aponta para a primeira característica citada, a valorização da mãe, e que menciona o valor que Freud tinha por sua mãe:

A relação Mãe-Filho-Pai é sempre uma relação triangular e não resta dúvida de que no princípio a mãe é um pilar de máxima importância, a tal ponto que Freud, falando dos homens felizes e realizados, como ele e Goethe, poderiam iniciar suas biografias dizendo: “Toda minha força teve sua raiz em minhas relações com minha mãe”, numa frase romântica e passional. (MANHÃES, 1981, p. 289-290)

Freud era chamado por sua mãe de *Mein Goldener Sig* (meu Sig de Ouro). (JONES, 1975; SOUSA; ENDO, 2009). Quanto à relação dos dois, Jones (1975) descreve:

Outro efeito do orgulho materno e de sua afeição amorosa para com o seu primeiro filho deixou uma impressão mais intensa, na verdade indelével, no menino em crescimento. Como escreve ele mais tarde: “Um homem que tenha sido o inequívoco favorito de sua mãe conserva por toda a vida o sentimento de um conquistador, uma confiança no sucesso pessoal que muitas vezes leva ao sucesso verdadeiro”. Essa autoconfiança, que era uma das características fundamentais de Freud, raramente diminui, e sem dúvida alguma ele estava certo quando a vinculou à certeza do amor de sua mãe. Vale a pena mencionar que, como se podia esperar, ele foi amamentado integralmente pelo seio materno. (JONES, 1975, p. 39)

Se a mãe é frequentemente lembrada nos textos psicanalíticos, inclusive pelo criador da psicanálise, em artigos em que se tem a expressão complexo de Édipo como palavra-chave,



o pai é um personagem frequente. Nos textos, a dupla mãe-pai se fez presente constantemente. O enunciado “família tradicional”, não com essas palavras específicas, mas com esse modelo, foi repetidamente mencionado. Manhães opina “Pai e mãe são, a meu ver, figuras complementares, como já dissemos, que de maneiras diferentes, mas integradoras, realizam o sentido bíblico do 'Crescei e multiplicai-vos'.”<sup>23</sup> (MANHÃES, 1981, p. 295). Costa e Katz também sugerem a importância da dupla pai-mãe:

Portanto, tão importante quanto a disponibilidade emocional, a paciência e a aceitação da autonomia por parte da mãe, é a presença de um pai carinhoso, capaz de marcar com sua presença ativa e individual a vida do filho, proporcionando-lhe um modelo de identificação masculina. (COSTA; KATZ, 1985, p. 74)

Nos textos da década seguinte (1990), a importância da família tradicional continua a ser exaltada: “Um filho se faz no amor do casal que, ao assumir a paternidade e a maternidade, reconstrói a própria identidade masculina e feminina na fertilidade criativa.” (LISONDO, 1992, p. 529). Na década seguinte, o mesmo enunciado se mantém: “Um pai só é pai se houver uma mãe e um filho, e o mesmo acontece com os três.” (NOTO, 2001, p. 318).

Além disso, há uma busca de valorização do pai, como se ele fosse deixado de lado ou relegado a um segundo plano. Autores e autoras se manifestam a favor de maior evidência paterna:

Acho instigante procurar o porquê do silêncio, já que, via de regra, não é à toa que legamos algumas coisas ao esquecimento, ou agimos como se não existissem ou fosse notório e público que elas não tivessem qualquer importância. Com o tema “paternidade” parece-me acontecer algo parecido. (NOTO, 2001, p. 317)

Ainda destacando a importância do pai, Gomes escreve:

Ele é fonte identificadora tanto para as meninas como para os meninos, em razão da condição bissexual do ser humano. O pai seria como um vetor que lança o filho à procura do mundo externo, na aventura rumo ao desconhecido

---

<sup>23</sup> Esse trecho corrobora com o capítulo anterior, evidenciando mais uma vez o paralelo religião/psicanálise como forma de estruturação dos enunciados que remetem ao mito de origem, à universalidade e à lei.

e na penetração do conhecimento. Do “desejo de gestar”, fase passivo-feminina, quando o menino se identifica com a mãe, como Laio em “A Esfinge egípcia”, o pai, para o menino, permite que ele evolua para o “desejo de fecundar”, permitindo ao filho diferenciar seu sexo e renunciar o outro. (GOMES, 2001, p. 868)

Dando ou não uma maior ênfase à figura do pai, os enunciados que constroem a família tradicional são constantes. O triângulo mãe-filho-pai na harmonia exata é a receita para um bom desenvolvimento desse filho; ao menos, em síntese, é isso que se apresenta, repetidamente, nos artigos lidos. Voltando ao início do capítulo, em que destaquei a questão de se pensar uma possível normalidade ou patologia em um excerto trazido do texto de Zimerman, podemos elencar alguns outros trechos que convergem nesse ponto. Gomes enfatiza que uma falha no processo de triangulação edípica implica no impedimento do “crescimento mental”:

Se, por acaso, ocorre um isolamento desses elementos, quer por ausência materna quer por ausência paterna, não ocorre a articulação entre os três elementos do triângulo edípico, configurando-se os pares e, portanto, não há possibilidade de avançar-se no sentido do crescimento mental. (GOMES, 2001, p. 855)

Sobre a importância da triangulação edípica, ratificando o que já foi dito, outro psicanalista afirma: “A triangulação edípica bem instalada no psiquismo é, em sua essência, uma experiência de exclusão na inclusão e de diferença (diferenças de gênero e de geração) na continuidade, uma experiência proporcionada pela travessia do Édipo” (FIGUEIREDO, 2004, p. 513) e, ainda, “é a triangulação edípica, no que contém de inclusão e na exclusão e continuidade na diferença, que cria as condições propícias para a instalação do senso de realidade em suas dimensões espaciais e temporais”. (FIGUEIREDO, 2004, p. 514). Gomes ainda destaca a importância do reconhecimento da sexualidade parental e suas consequências caso não ocorram na medida certa, fato que corrobora com o que chamei anteriormente de harmonia exata para a receita do bom desenvolvimento da criança. Segundo a autora:

Esse reconhecimento da sexualidade parental envolve o abandono da ideia da posse única e permanente da mãe e gera um profundo sentido de perda o qual, se não for suficientemente tolerado, pode tornar-se um sentimento de perseguição. Mais tarde, o encontro edípico (na encruzilhada) também envolve o reconhecimento da diferença da relação existente entre os pais e da

relação pais/criança: a relação entre os pais é genital, criativa e procriativa; a relação pais/criança não o é. Tal reconhecimento produz um sentimento de perda e inveja que, se não for tolerado, pode transformar-se em um sentimento de mágoa (queixa, injustiça, vexame) ou de denegrimiento do *self*. (GOMES, 2001, p. 853)

Na leitura dos artigos era frequente a apresentação de casos clínicos que serviam de ilustrações para as incursões teóricas, na maioria das vezes para que fosse possível entender a falha no processo. De uma maneira geral, a falha deve-se ao comportamento da mãe, por vezes do pai ou de ambos. Lisondo traz o caso do menino Alex para falar das teorias sexuais infantis. "Os pais tentaram evitar conflitos e assim tudo permitem numa 'educação liberal'. As dificuldades na função simbólica parental, feminina e masculina, não permitiu que Alex ocupasse seu lugar no triângulo edípico." (LISONDO, 1996, p. 882).

O excerto do texto de Lisondo, além de exemplificar a falha parental no triângulo edípico, pode ajudar a pensar outro ponto importante. Entendo que junto ao enunciado de universalidade do Édipo exista outro enunciado que faça com que ele se fortaleça e se justifique: a ameaça do anti-Édipo.<sup>24</sup> Em diversos artigos essa questão apareceu, vestida de uma série de roupagens, mas de forma geral trazendo à tona desafios da contemporaneidade e a incerteza do que se fazer com eles. Apesar de, na maioria dos casos, imperar a lógica fatalista, alguns autores e algumas autoras deixaram questões em aberto. Longman pergunta em seu texto "como promover as capacidades amorosas e agressivas, no longo e complicado curso do desenvolvimento individual, sem a família como unidade social? Não é de se esperar um retorno às formas pré-edípicas da convivência humana?" (LONGMAN, 1994, p. 258). O tom de ameaça à sociedade permanece nas frases interrogativas, mas, dessa forma, ao menos parece haver possibilidade de se construir respostas. Azambuja, por sua vez, lança uma pergunta que poderia abalar a lógica da psicanálise "Freud ainda poderia ser inspirador na leitura que podemos ter da cultura contemporânea? Ou essa inspiração tão-somente existe para uma cultura vitoriana de papéis masculino-feminino bem marcados?" (AZAMBUJA, 1998, p. 679). Mas, ao longo do texto, busca responder que a psicanálise é ferramenta para a

---

<sup>24</sup> Quando uso o termo "anti-Édipo", neste capítulo, estou me referindo a uma denominação dada por um autor de um dos artigos lidos. (COSTA, 1995). Não me refiro aqui ao conhecido livro homônimo de Deleuze e Guattari (2010). Sempre que usar o termo anti-Édipo no sentido dado pelos pensadores franceses, o identificarei. Mais adiante, neste capítulo ainda, faço um paralelo entre os dois modos de uso do termo.

contemporaneidade, e a autora acredita que "a psicanálise pode nos acompanhar nas dificuldades e mazelas, mas também, hoje, na beleza e na cultura". (AZAMBUJA, 1998, p. 683). Afirma ainda, reforçando o Édipo: "É diante desse mundo novo que o psicanalista se encontra. Ele é o seu desafio. É nele que se aninha o Édipo." (AZAMBUJA, 1998, p. 683).

Para a psicanálise, a resolução do Édipo possibilita o surgimento de um superego que permite a vida em sociedade, ou seja: sem Édipo, não haveria sociedade. Nas palavras de Rezze, podemos acompanhar como se dá o processo: "As ramificações profundas da vida infantil desembocam no complexo de Édipo, a libido sendo o motor que permitirá sua evolução, e quando este se solucionar surgirá o superego, seu herdeiro." (REZZE, 1997, p. 143). No trecho a seguir, observamos uma descrição mais detalhada, trazendo em seu início o enunciado de valorização do Édipo, e, ao final, chamando atenção para a constante tentação anti-edípica:

O complexo de Édipo não é apenas o núcleo das neuroses, como o definiu Freud inicialmente, mas do psiquismo humano em geral, cedendo à fantasia incestuosa em lugar que ultrapassa em muito o da simples descarga da pulsão sexual. Mais do que isso, representa o agrupamento central de impulsos conflitantes, fantasias, ansiedades e defesas do indivíduo, constituindo-se, finalmente, no complexo nuclear do desenvolvimento. Como consequência, encontra-se o homem inevitavelmente marcado pela saga edípica em todos os seus relacionamentos ao longo da vida. Apesar disso, nos mantemos todos submetidos a uma permanente tentação anti-edípica, que tem suas raízes no prazer, o princípio que rege o mais primitivo funcionamento psíquico do ser humano. (COSTA, 1995b, p. 616)

O autor ainda afirma que na adolescência é natural que haja esta fuga do Édipo: "A adolescência apresenta uma natural tendência a evitar o Édipo através de diversos comportamentos bastante conhecidos." (COSTA, 1995b, p. 623). Essa fase do desenvolvimento é reconhecida socialmente como o período da rebeldia, da antinorma. Nessa fase é aceitável a evitação do Édipo, mas o excesso disso ou a transposição para outras etapas da vida, segundo os textos, pode vir a ser extremamente prejudicial. As mudanças sociais e familiares parecem ser um dos maiores contribuintes para a ameaça do anti-Édipo. Nesse sentido, uma série de questões surge. A seguir, podemos observar que o fato de a família perder suas características tradicionais pode resultar em um futuro trágico, sem perspectivas:

Ao mesmo tempo, **a família perdeu suas características tradicionais** e se ressentiu dos valores que proporcionavam aos seus integrantes uma identidade. Os vínculos familiares tornaram-se simétricos e fraternizados, criando uma sociedade de irmãos que escotomiza as diferenças de sexo e de gerações. Observa-se um apagamento do passado, da cultura e da tradição como mais uma forma de **evitar o Édipo**, resultando numa **falta de perspectivas para o futuro**. (COSTA, 1995b, p. 624 – grifos da autora)

Seguindo o enunciado de família tradicional e o enunciado de ameaça anti-edípica, considerando que este último atua diretamente para a manutenção do primeiro, destaco mais dois trechos de Azambuja:

Podemos nos interrogar acerca do lugar do Édipo na família contemporânea, quando o pai e a mãe sofrem uma espécie de desterritorialização. Também hoje, o pai com o seu poder de cortar o bebê do seu mundo imaginário – no qual vive necessariamente com sua mãe, nos primeiros tempos de vida – e de inscrevê-lo na cadeia simbólica da cultura – é menos visível. (AZAMBUJA, 1998, p. 678)

A autora continua generalizando o modo de vida da família na década de 1990, apontando diversos fatores responsáveis pela família tradicional sucumbir:

O pai, hoje, é freqüentemente, um homem desempregado. A mulher, por certas características da economia globalizada, encontra mais possibilidade de trabalho, contudo já não é tão cativante enquanto ser que engravida. Criar uma família com filho tornou-se, por vezes, quase impossível. Dividida, a mulher se debate no conflito. (AZAMBUJA, 1998, p. 679)

Se a falha da mãe no processo de desenvolvimento psíquico da criança é seguidamente apontada, seja por não criar vínculos suficientes, seja por não permitir ao pai que faça uma triangulação saudável, os excertos anteriores mostram que a mulher também pode ser o problema para o desmantelamento da família tradicional. Outra autora encontra no movimento feminista, ao qual considera “análogo a um patriarcado extremamente dominador” – aqui, mais uma vez, a culpa colocada na mulher –, mais uma justificativa para o fim da família tradicional, fazendo parte do mesmo enunciado anti-edípico:

Surgem os movimentos feministas como uma das mais fortes correntes culturais de nossa época. Esses movimentos, análogos a um patriarcado extremamente dominador, muitas vezes causam confusão entre as diferentes

funções do masculino e do feminino, confusão a respeito da verdadeira feminilidade e verdadeira masculinidade. A mulher, buscando esta equivalência de valores com um sistema patriarcal radical, pode abalar a si mesma, mulher, confundindo-se com o radicalismo feminista, repúdio das diferenças sexuais e alimento alucinatório em relação ao mito da androginia. (GOMES, 2001, p. 845)

A mesma autora, em um tom aterrorizador ao falar de confusões de identidade sexual, ilustra com o termo “monstros que se aglutinam” o enunciado da ameaça ao Édipo:

Monstros que se aglutinam, gerando confusões na constituição da identidade de cada um dos componentes do núcleo familiar, seja na identidade sexual, seja nas diferenças geracionais, para os quais nós, psicanalistas, deveríamos chamar seriamente a atenção (...). (GOMES, 2001, p. 867)

Abaixo um excerto que mantém a ideia da universalidade do Édipo e dele como caminho para a verdade, contrapondo-se ao caminho oposto, ao anti-edípico, que levaria ao narcisismo:

O Édipo é o caminho longo e evolutivo da busca da diferenciação e da verdade em consonância com o princípio de realidade. Ao contrário, o caminho do anti-Édipo opõe-se ao desenvolvimento e tende a restabelecer a indiferenciação e a égide do princípio do prazer, entronizando o Narciso no lugar do Édipo. (COSTA, 1995b, p. 627)

O Narciso aparece na citação acima para nomear um não-Édipo, algo que não deu certo, que foge a equacionada receita pai-mãe-filho. Perverso, entretanto, é o termo frequentemente utilizado para ocupar esse lugar: “O perverso não tem um superego completo pelo fato de seu Complexo de Édipo não ter se constituído totalmente e, portanto, não ter declinado.” (TAVARES, 1991, p. 311).

Basicamente, para a psicanálise – e aqui reconheço estar sendo simplista, pois acredito que não haja necessidade de pormenorizar –, a estrutura do sujeito pode ser neurótica se a triangulação edípica é satisfatória (superego bem desenvolvido); psicótica, se a triangulação não ocorre (sem superego ou muito incipiente); e perversa, se a triangulação edípica acontecer de forma falha (superego incompleto, tirânico). Um ponto interessante para pensarmos no que chamei de enunciado de ameaça do anti-Édipo é o fato de que nos artigos pesquisados fala-se muito em perversão. A psicose, nas publicações analisadas, é um assunto que não aparece

como problema que chame a atenção, quando ela é trazida, e observa-se haver uma busca de fortalecimento na clínica ou até mesmo uma tentativa de se estruturar uma triangulação para constituir um superego mais forte. Deleuze e Guattari (2010), por sua vez, abordam a esquizoanálise no livro anti-Édipo e falam da importância do momento esquizo. Chamo a atenção pelo fato do mesmo termo anti-Édipo assumir dois sentidos tão distintos: um mais positivo (anti-Édipo de Deleuze e Guattari), ligado à psicose, ou a um momento psicótico, de criação, de invenção; e outro (o anti-Édipo nos artigos analisados), por sua vez, com um sentido negativo, ligado à perversão, visto como uma ameaça para a sociedade.

Quando Deleuze e Guattari (2010) falam em anti-Édipo, os autores elencam uma série de fatos que mostram porque eles são contrários ao Édipo, e posicionam-se também contrários ao fato de a psicanálise tentar enquadrar tudo a partir da cena familiar primária e não valorizar o que eles chamam de máquinas desejanças. Os teóricos abordam a não obrigatoriedade do que chamei de receita equacionada do Édipo como possibilidade de ruptura e criação e não apenas representação de um papel pré-definido.

Nos artigos lidos, por sua vez, a ameaça anti-edípica está diretamente ligada a uma falha no desenvolvimento, sendo a formação de uma estrutura perversa uma possibilidade recorrente. Geralmente, ela é apresentada como algo que oferece um risco à sociedade, sujeitos transgressores dos limites, ameaças para eles e ela e para os outros e as outras. Nesse sentido, Tavares afirma:

Esse superego tirânico impregnado pela pulsão de morte impele o perverso a procurar o gozo absoluto, a transgredir todos os limites, acabando, por levá-lo a situações auto e hetero destrutivas tais como: relacionamentos sadomasoquistas, drogadição, contaminação por AIDS, homicídio e suicídio. (TAVARES, 1991, p. 312)

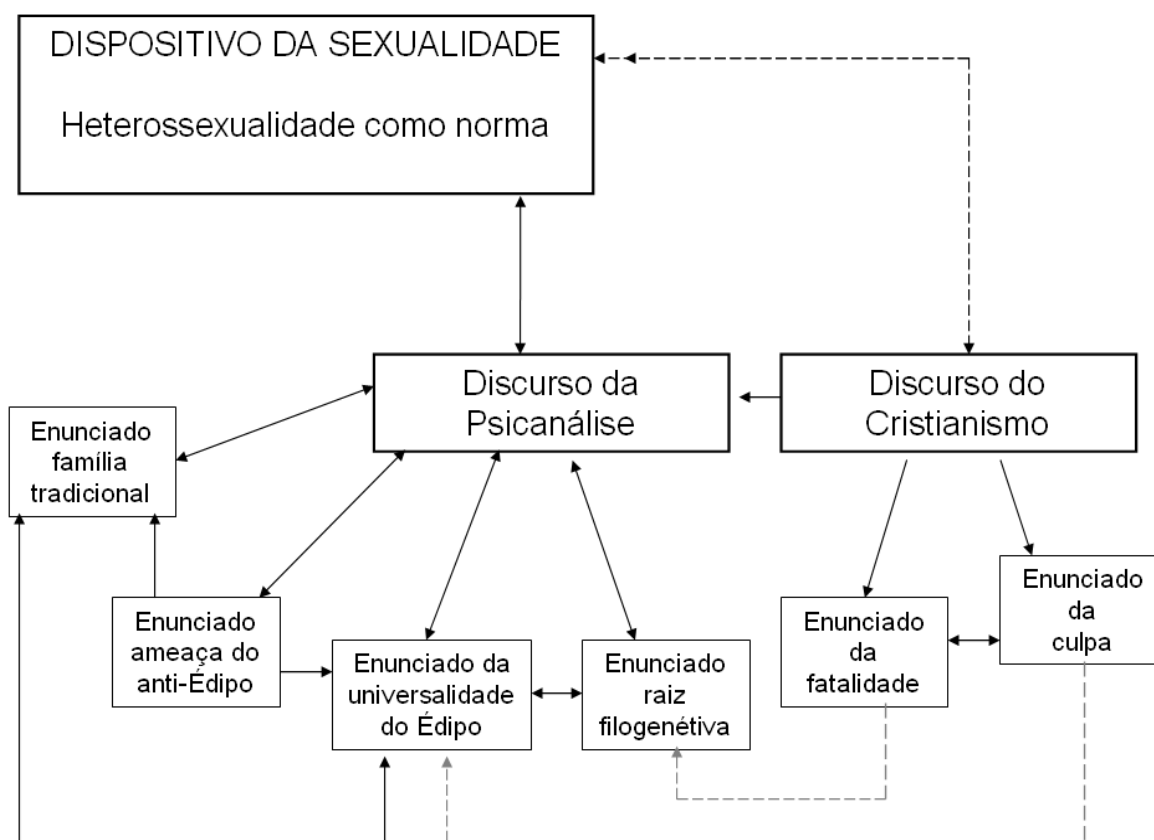
A seguir, destaco outro excerto que integra a rede de enunciados que apresentei até aqui: a família tradicional, a tentação anti-edípica e a universalidade do Édipo, inscritos no discurso psicanalítico, mantidos pelo e mantenedores do dispositivo da sexualidade e, por consequência, reiterando a heteronormatividade:

Mas, para tanto, é indispensável que a criança, com a ajuda dos pais, aceite duas **diferenças: de sexo e de gerações**. A negação dessas diferenças é defensiva e pode ser reforçada pela conduta dos pais. **Um pai fraco**, que se

deixa desvalorizar pela esposa, e **uma mãe sedutora**, que elege o filho representante do pênis do seu próprio pai e o gratifica excessivamente, pode obstaculizar o **natural curso evolutivo da sexualidade**. Desta forma, a criança, ao invés de investir narcisicamente na genitalidade e no futuro, é estimulada a encontrar um facilitador curto-circuito: a idealização da pré-genitalidade, caracterizando o ideal do ego típico do **perverso**, o caminho curto do desenvolvimento da sexualidade que visa à satisfação imediata do prazer em obediência ao princípio do prazer, denominado por Chasseguet-Smirgel de *ideal do ego não maturativo*. (COSTA, 1995b, p. 620 – grifos da autora)

Antes de seguir para o próximo capítulo, esboço um esquema que ilustra um pouco do que apresentei até aqui:

Figura 1 – Esquema ilustrativo sobre rede discursiva apresentada



Fonte: A autora.

No capítulo seguinte falarei de um tema que pulsa em muitos dos excertos, mas que ainda não foi nominado: a homossexualidade. A partir do trecho anterior, questiono: aceitar a

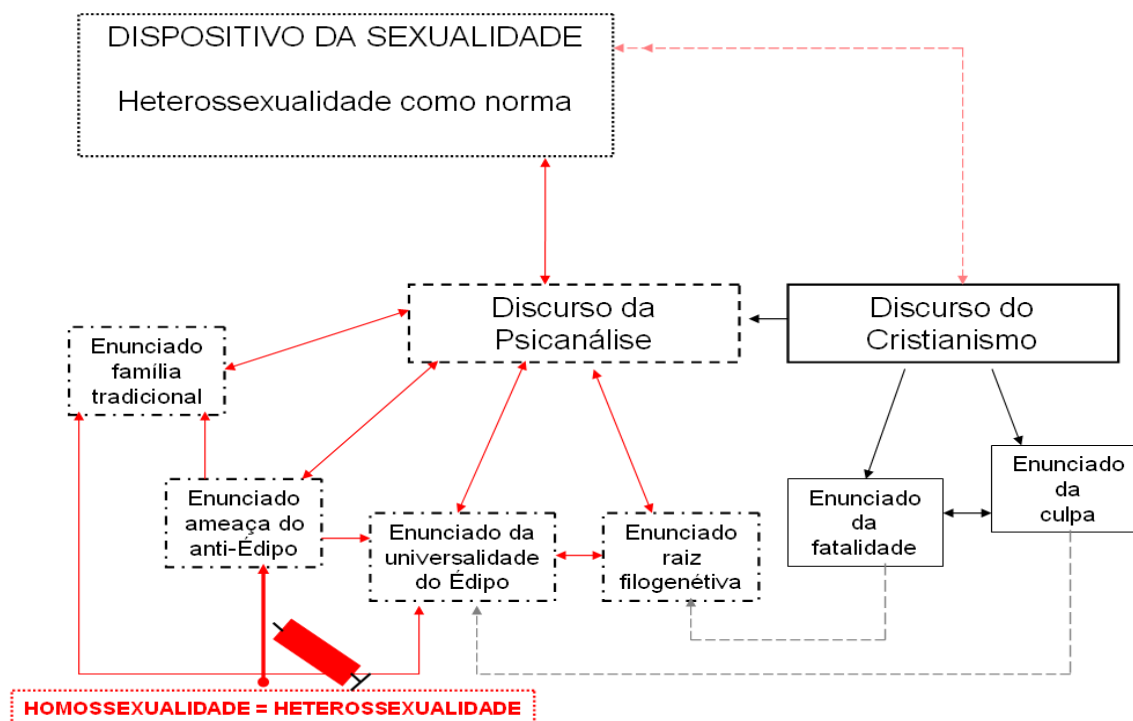


diferença de sexo implica em que, exatamente? Quando se fala em “natural curso evolutivo da sexualidade”, exclui-se a homossexualidade? A teoria determina o homossexual um perverso e a homossexual uma? São questões que levanto e que possivelmente não obterão respostas. Mas são perguntas que me fiz ao ler os artigos. Por que a homossexualidade não aparece quando se fala em Édipo? E quando ela aparece, qual é a forma usada para apresentá-la?

## 5 HOMOSSEXUALIDADE QUANDO A PALAVRA-CHAVE É COMPLEXO DE ÉDIPO

Até agora praticamente não falei da homossexualidade. Ela parece estar presente em várias das entrelinhas do texto que venho produzindo, principalmente em relação aos dois capítulos anteriores. Parece que ela ensaia, ensaia, mas não entra em cena. Essa sensação também foi recorrente para mim na leitura dos artigos. Se lá no início da tese usei o termo “escorregadio”, aqui sinto a necessidade de usá-lo novamente. A homossexualidade está pulsante, mas não é nomeada. Por quê? O que aconteceria se voltássemos ao esquema anterior e injetássemos, como uma seringa, a “homossexualidade”, como algo que tivesse o mesmo valor da heterossexualidade? Talvez poderíamos ver o sistema que apresentei anteriormente desmoronar (ou, ao menos, se abalar) se fosse permitida a existência de uma homossexualidade que não fosse entendida como um desvio, como uma inversão.

Figura 2 – Esquema ilustrativo sobre rede discursiva abalado pela injeção da homossexualidade equiparada à heterossexualidade



Fonte: A autora.

Como é possível Édipo conviver com a homossexualidade em nível de igualdade com a heterossexualidade? A ameaça anti-edípica deixaria de ser ameaça. E será que seria o fim da sociedade? A universalidade do Édipo seria desmentida e cairia por terra a supremacia da família tradicional: pai-mãe-filho. Haveria formações familiares diversas: pai-pai, mãe-mãe, pai-pai-mãe, mãe-mãe-mãe, etc. O discurso psicanalítico seria sacudido (e o discurso do cristianismo sentiria alguns solavancos) e estaríamos mexendo em algo muito maior: o dispositivo da sexualidade (baseado na heteronormatividade) seria abalado. Isso tudo aconteceria se naquela seringa/antídoto estivesse a homossexualidade como algo não anormal, não invertido, não falho. Eis o x da questão. Eis talvez o motivo lodoso, no sentido de escorregadio. Temos aí uma questão de contexto histórico. Portanto, se traçássemos uma linha do tempo, perceberíamos que os artigos estão sendo publicados (de 1980 a 2010) no período que sucede o marco da despatologização (1973) e que destaca a difusão dos movimentos de despatologização (Organização Mundial da Saúde, Conselho Federal de Medicina, Conselho Federal de Psicologia), mas também aponta para a resistência da psicanálise em abordar o tema. (DRESCHER, 2010). A questão que fica é a seguinte: se tirarmos o caráter de falha ou desvio da homossexualidade, como se mantém o discurso que sustenta tantas “verdades” e que verdades o sustentariam então? Uma possível manutenção do discurso, sem apresentar a homossexualidade como algo falho, é tornando-a invisível: fala-se dela, ela está presente, mas não nomeia-se. A seguir, elenco uma série de expressões que retirei dos artigos pesquisados e que foram apresentadas no capítulo anterior, expressões que falam de algo que não é o ideal, podendo talvez se pensar em homossexualidade, mas sem nominá-la. Ou seja, aparece como o não-dito que faz funcionar o discurso.

### **5.1 A invisibilidade nos excertos anteriores**

A fim de não me tornar muito repetitiva, recorto apenas alguns trechos do capítulo anterior em que a homossexualidade poderia ter sido mencionada, mas não foi. Faço algumas inferências entre parênteses ao comentar sobre os textos a fim de discutir se naquele trecho, uma possibilidade seria o desenvolvimento homossexual, embora, repito novamente, o termo não apareça nos excertos.

Gomes (1995) pontua que a família perdeu as características tradicionais e não consegue mais proporcionar uma identidade a seus integrantes (pode-se falar em identidade de gênero?). Fala ainda de uma sociedade sem diferença de gerações e de sexo (seria exemplo da homossexualidade?) que apaga o passado, a cultura e a tradição:

Ao mesmo tempo, **a família perdeu suas características tradicionais** e se ressentido dos valores que proporcionavam aos seus integrantes uma identidade. Os vínculos familiares tornaram-se simétricos e fraternizados, criando uma sociedade de irmãos que escotomiza as diferenças de sexo e de gerações. Observa-se um apagamento do passado, da cultura e da tradição como mais uma forma de **evitar o Édipo**, resultando numa **falta de perspectivas para o futuro**. (COSTA, 1995b, p. 624 – grifos da autora)

Um pouco antes de se referir ao futuro sem perspectivas, o autor, nesse mesmo texto, ainda comenta que um pai fraco e uma mãe sedutora podem ser obstáculo para o curso evolutivo natural da criança (talvez aqui pudéssemos inferir: por curso evolutivo natural entende-se heterossexual, logo a criança poderia vir a ser homossexual?). Costa comenta então sobre o investimento pré-genital que caracterizaria o perverso (e a pergunta continua, o investimento pré-genital também seria a causa da formação de sexualidade homossexual?). Seguem os argumentos do autor:

Mas, para tanto, é indispensável que a criança, com a ajuda dos pais, aceite duas **diferenças: de sexo e de gerações**. A negação dessas diferenças é defensiva e pode ser reforçada pela conduta dos pais. **Um pai fraco**, que se deixa desvalorizar pela esposa, e **uma mãe sedutora**, que elege o filho representante do pênis do seu próprio pai e o gratifica excessivamente, pode obstaculizar o **natural curso evolutivo da sexualidade**. Desta forma, a criança, ao invés de investir narcisicamente na genitalidade e no futuro, é estimulada a encontrar um facilitador curto-circuito: a idealização da pré-genitalidade, caracterizando o ideal do ego típico do **perverso**, o caminho curto do desenvolvimento da sexualidade que visa à satisfação imediata do prazer em obediência ao princípio do prazer, denominado por Chasseguet-Smirgel de *ideal do ego não maturativo*. (COSTA, 1995b, p. 620 – grifos da autora)

Gomes, por sua vez, também traz uma série de situações em que poderíamos pensar que a autora se referisse à homossexualidade, entretanto, nos trechos a seguir, ela não a nomeia. Faz críticas ao movimento feminista radical que muitas vezes causa, segundo seu texto, confusão entre as funções do masculino e do feminino. Neste ponto, ela faz referência a

uma verdadeira feminilidade e a uma verdadeira masculinidade (pode-se supor que a homossexualidade não se encaixaria em nenhum dos dois padrões?). Além disso, afirma que a mulher pode abalar a si mesma, confundindo-se (será que haveria o risco de se tornar uma lésbica?).

Surgem os movimentos feministas como uma das mais fortes correntes culturais de nossa época. Esses movimentos, análogos a um patriarcado extremamente dominador, muitas vezes causam confusão entre as diferentes funções do masculino e do feminino, confusão a respeito da verdadeira feminilidade e verdadeira masculinidade. A mulher, buscando esta equivalência de valores com um sistema patriarcal radical, pode abalar a si mesma, mulher, confundindo-se com o radicalismo feminista, repúdio das diferenças sexuais e alimento alucinatório em relação ao mito da androginia. (GOMES, 2001, p. 845)

Mais adiante, a autora fala de monstros que geram confusão de identidade sexual nos componentes do núcleo familiar (talvez a autora se refira aqui à homossexualidade ou à transexualidade, por exemplo, embora não as nomeie). Adverte ainda aos colegas psicanalistas e às colegas psicanalistas que isso deveria chamar seriamente a atenção deles e delas:

Monstros que se aglutinam, gerando confusões na constituição da identidade de cada um dos componentes do núcleo familiar, seja na identidade sexual, seja nas diferenças geracionais, para os quais nós, psicanalistas, deveríamos chamar seriamente a atenção (...). (GOMES, 2001, p. 867)

Nos trechos acima, fiz um exercício arqueológico que infere como o não-dito opera no discurso. Tentei mostrar o que talvez possa não ter sido dito. O “talvez” é essencial na frase anterior. Os artigos necessitam de uma certa invisibilidade da homossexualidade. Não me refiro ao fato de autores e autoras propositalmente não usarem o termo. Tento mostrar que essa forma, de certo modo escorregadia, faz parte do modo como a homossexualidade foi e é enunciada dentro do discurso psicanalítico. Na continuidade deste capítulo, trago outros pontos em que a homossexualidade não é considerada como hipótese. São, em geral, casos clínicos em que, durante a leitura, a pergunta que me vinha era: o analista ou a analista não pensaram com a pessoa atendida a possibilidade de ele ou ela ser homossexual?

## **5.2 A homossexualidade não considerada como possibilidade**

No decorrer da leitura de vários artigos me preparei para sublinhar o termo “homossexualidade”, mas ele não aparecia. Surgiam evidências, mas a abordagem não considerava a hipótese, geralmente em relação a relatos de casos clínicos, do analisando ou da analisanda serem homossexuais. Em alguns casos, fala-se em comportamentos feminilizados para homens ou masculinizados para mulheres, mas com a análise (junto ao psicanalista ou à psicanalista), isso vai se desfazendo.<sup>25</sup> Parece haver algo velado. A homossexualidade invisibilizada. O psicanalista e a psicanalista não curam a homossexualidade porque ela não existe na sessão. Marchon traz um recorte clínico em que isto fica bem evidente. Já no resumo do artigo, ele destaca:

Historia o caso de uma paciente, acusada injustamente pela mãe, de haver seduzido o pai. **A paciente adota uma imagem aparentemente masculinizada que, na análise, irá se desfazendo, inclusive somaticamente**, lembrando o filme de Fellini. No filme, as escavações no subsolo de Roma deixavam apenas entrever imagens cujos pigmentos se tornavam descorados ao tomarem contato com o ar atmosférico. Assim seriam as imagens construídas pela paciente sob o impacto edípiano e que, com o oxigênio da análise, desfazer-se-iam, dando lugar a imagens mais autênticas. (MARCHON, 1999, p. 39 – grifos da autora)

Ainda no mesmo artigo, temos um relato descritivo da paciente em questão:

Por essa época sua mãe acusou-a, frontalmente, de tentar seduzir sexualmente o pai, sem nenhum dado aparente. “Eu considerava meu pai, simplesmente, meu pai”. Na adolescência, após essa acusação, passou a fazer um curso técnico onde havia pouquíssimas moças. Passou a cortar os cabelos como rapazinho, usar roupas de talhe flagrantemente masculino e trabalhava numa oficina quase só de rapazes. (MARCHON, 1999, p. 53)

O psicanalista traz uma fala da própria paciente: “refleti que meu problema não é só transar, mas é com quem vou transar. Não pode ser com qualquer um.” (MARCHON, 1999, p. 57). Apesar de a frase abrir várias possibilidades para conversas em relação à orientação

---

<sup>25</sup> É importante percebermos que esses comportamentos são possíveis de ser entendidos apenas na lógica do homem feminino e da mulher masculina como homossexuais, heteronormalizando a clínica e produzindo uma dificuldade cognitiva em tornar independentes a identidade de gênero e a orientação sexual (o verdadeiro homem e a verdadeira mulher não podem ser homossexuais uma vez que estes são, no discurso psicanalítico tradicional, fruto de falhas na diferenciação sexual).

sexual da paciente, o autor não fez nenhuma abordagem nesse sentido. A homossexualidade não foi cogitada em seu texto.

Da mesma forma, Pereira (1987) relata um caso de um homem que tinha várias queixas em relação à sexualidade. Como o próprio autor menciona, ele desconsiderou o que chamou de homossexualismo:

Durante a adolescência costumava masturbar-se vestido nas roupas íntimas da irmã. Anos mais tarde, sonhou que seu amigo, “o celibatário”, transformava-se em sua mulher. Esse ponto é muito intrigante. O analisando, a meu ver, não apresentava sinais manifestos de homossexualismo. A tendência seria de encarar esses dois episódios como pertencentes a um mesmo processo evolutivo. Será que buscava o “feminino” eliminando o “masculino”? Esse “masculino” refletia masculinidade?” (PEREIRA, 1987, p. 562)

Costa traz o caso de uma moça, que o autor relaciona com um estudo de Lacan sobre a histeria em que aborda-se o objeto homossexual da histérica. Apesar dessa colocação teórica, o relato do caso seguiu sem considerar a hipótese da paciente ser homossexual. O autor descreve: "Ela também reprimiu a sua sexualidade para poder atacar a mãe, considerada por ela uma mulher vulgar, com jeito de puta, pelas sucessivas gestações. Desta forma, ficou impedida de identificar-se com a mãe tanto pelo afeto quanto pela sexualidade." (COSTA, 1995a, p. 356).

Outro autor, Ribeiro, também não faz comentários sobre a homossexualidade. Ao falar dos relatos sexuais de seu paciente, sempre considera as mulheres como a única possibilidade. O paciente traz alguns relatos sexualizados e desejos homossexuais. O terapeuta interpreta e busca na análise reverter o problema:

Apesar de ter amigos, queixava-se de nunca ter namorado ninguém por mais de algumas semanas. Nunca experimentou uma relação sexual completa, ou seja, com ejaculação e orgasmo. Conseguia penetrar nas mulheres mas tinha um terror de dissolver-se dentro delas e, portanto, não podia “ejacular-se” dentro delas... era o pavor de diluir-se e perder-se no claustrofóbico universo infinito do corpo materno... (RIBEIRO, 2003, p. 124)

Na leitura dos artigos, um deles me causou um impacto diferente ao abordar a homossexualidade feminina. No decorrer da leitura, percebi que quando o termo era mencionado, sempre se referia à relação *universal* de amor entre mãe e filha, e que, com todas

as meninas, acontecia esse tipo de amor, em nenhum momento apontando para outras mulheres que não a mãe:

As meninas permanecem ligadas as suas mães por toda a vida e podem **procurar em seus parceiros** renovar o que tiveram, desejaram ou perderam com elas. Uma das implicações que podemos tirar disso é que a menina permanece, pelo menos em suas fantasias inconscientes, com seu **objeto homossexual**. A heterossexualidade, então apresenta-se como secundária. (HALBERSTADT-FREUD; NOVINSKY, 2001, p. 164 – grifos da autora)

As autoras ainda seguem o texto falando do amor homossexual e da agressão feminina, abordando a transferência e a contratransferência no processo analítico, sempre relacionando o processo a partir da paciente com sua mãe:

Para a prática psicanalítica, então, o estudo do relacionamento entre mãe e filha é essencial. A transferência e a contratransferência podem ter efeitos benéficos, para os dois participantes do processo analítico, apenas se o ódio e o profundo amor pela mãe puderem ser elaborados. **Isso significa que tanto o tabu do amor homossexual (profundo amor pela mãe) quanto o da agressão feminina (ódio da mãe) precisam ser negociados.** (HALBERSTADT-FREUD; NOVINSKY, 2001, p. 166 – grifos da autora)

### 5.3 Laio – quando a homossexualidade aparece

A maior referência ao radical *homo* (seja homossexualidade, homossexualismo ou homossexual) apareceu vinculado ao mito grego, quando em referência ao pai de Édipo. O mito edípico só existe em função de um castigo a Laio por seu ato homossexual. Ironicamente, a homossexualidade criou o Édipo. Trachtenberg e colaboradores comentam em dois momentos a história grega:

A Trilogia Tebana, constituída por “Édipo Rei”, “Édipo em Colono” e “Antígona” (Sófocles, 496 a 406a.C, Grécia), está baseada na lenda ou mito do Édipo, cuja história gozava da preferência dos tragediógrafos gregos. Nesse mito, vemos um herói que não consegue escapar de seu destino, pois este está pré-determinado pelos deuses, o que implica uma impossibilidade de mudança. Segundo Hamilton (1997), essa trilogia inicia-se com Cadmo, trisavô de Édipo, que funda Tebas e dá início à sua descendência. Laio, pai de Édipo e filho de Lábdaco, terceiro a ocupar o trono, casa-se com Jocasta e



recebe advertência do oráculo de Apolo (Apolo era Deus da Verdade, e todas as suas profecias aconteciam, infalivelmente, sendo inútil qualquer pretensão de opor-se às leis do destino), que morreria pelas mãos de um filho como castigo por ter, na sua juventude, raptado Crísipo e nutrido por ele um **amor homossexual**. (TRACHTENBERG et al., 2001, p. 133 – grifos da autora)

Desde o pronunciamento do deus Apolo, no oráculo de Delfos, a Laio, o destino de Édipo ficara marcado. Entretanto, era essa predição, antes de tudo, um castigo infligido pela deusa Hera a Laio, protetora dos amores legítimos. Havia este desrespeitado a casa que lhe hospedara e insultado os deuses, pelo amor homossexual a Crísipo, filhos de Pélops. Assim, o assassinato de Laio pelo filho primogênito seria seu castigo. (TRACHTENBERG et al., 2001, p. 134)

Lisondo relata a história atribuindo um caráter pejorativo ao ato homossexual de Laio:

Laio, pai de Édipo, foi Rei de Tebas, destronado violentamente devido à sua má **conduta e seu homossexualismo**. Acolhido na corte de Pôlibo, Laio educa e cuida de Crísipo, filho de Pôlibo, mas, tomando de súbitos **impulsos maldosos e homossexuais**, rapta o menino, privando o pai de sua descendência masculina. Laio então pode ser nem Homem, nem Pai, nem Rei (...) Aqui a origem de sua tragédia. (LISONDO, 1992, p. 528 – grifos da autora)

Nessa mesma lógica, acrescento um excerto de Rocha:

Assim, Laio, desrespeitando o princípio da hospitalidade, comete uma *hamartia* na corte de Pélops. **Agindo contrariamente aos princípios 'justos e legítimos'**, ele seduz e rapta Crísipo filho de seu hospedeiro, **comete a pederastia**, introduzindo miticamente esta prática no interior da Hélade. Laio sobe ao trono e logo é vaticinado pelo oráculo que ele seria assassinado por seu filho Édipo, e que este desposaria a mãe. (ROCHA, 1993, p. 675 – grifos da autora)

Gomes arrisca uma relação entre homossexualidade masculina e esterilidade como uma forma de castigo: “Além da culpa da homossexualidade e da esterilidade como castigo, parece desprender-se dessa parte do mito uma equivalência entre homossexualidade masculina e esterilidade, como se uma fosse castigo da outra.” (GOMES, 2001, p. 850).

Saldanha também conta a história de Laio que corrompeu e seduziu o jovem Crísipo:

Pélope confiou a Laios seu filho Crísipo, para que o refugiado o guardasse e educasse. Laios, em vez disso, corrompeu e seduziu seu pupilo, fugindo com

ele. Pélope então lançou sobre Laios esta maldição: “Laios, que jamais tenhas um filho, e que, se o tiveres, venha a ser ele o assassino do pai.” (SALDANHA, 1996, p. 308)

Depois de contar a história, Saldanha pontua que o homossexualismo é sinal de patologia narcísica: "Orgulho, onipotência, **homossexualismo**, atrevimento, tanto são os **sinais da patologia narcísica** de Laios." (SALDANHA, 1996, p. 319– grifos da autora).

A maioria dos artigos relaciona a “homossexualidade” de Laio com aspectos negativos. Em nenhum ponto foi questionado o castigo de Pélope ou de Hera, ou ao menos contextualizando que, naquela época, a homossexualidade, termo inventado no século XIX, não poderia ser remetida ao comportamento em questão e tomado como algo patológico ou antissocial (termos também relativos ao nosso tempo). A abordagem dos artigos dá sentido ao mito a partir da lógica heteronormativa, como se a fábula acontecesse hoje, reforçando os enunciados da universalidade e da raiz filogenética. Assim como Saldanha (1996) remete Laio ao campo da psicopatologia, a partir de uma análise dos artigos, posso afirmar que as poucas vezes que a homossexualidade apareceu foi em relação à patologia.

#### 5.4 Anormalidade

No capítulo anterior, mencionei que quando a triangulação edípica era falha, o termo “perversão” era o mais recorrente, contudo o termo “narcisismo” também era utilizado para relatar o fenômeno. Naqueles excertos, a homossexualidade, embora parecesse estar implícita, não era dita, escorregava de alguma forma. Quando parte do texto remetia a Laio, cuja história homossexual é algo revelado, o narcisismo foi apontado. Saldanha (1996), como vimos anteriormente, relacionou a homossexualidade a sintomas de patologia narcísica. A perversão aqui também aparece em alguns excertos que apresento a seguir. Rocha (1996) relaciona a homossexualidade com a perversão quando se refere à teoria freudiana:

Freud apresenta algumas possibilidades diante da angústia de castração: na perversão (fetichismo e homossexualidade perversa) o sujeito sabe da castração, porém somente a aceitará sob a condição de transgredi-la continuamente. Nesta estrutura o sujeito não abre mão do investimento libidinal do órgão, daí a concretude do órgão que ele necessita. (ROCHA, 1996, p. 900)

Zimerman (1997) faz algumas articulações entre Édipo e Narciso. Não usa, no início do excerto, o termo homossexualidade, mas refere-se a Leonardo da Vinci e aborda seu distúrbio sexual. Logo abaixo ele contextualiza os estudos sobre narcisismo de Freud, explicando que o mesmo estuda as escolhas de objeto na homossexualidade:

É útil lembrar que Freud plantou muitas sementes conceituais acerca das inter-relações entre Édipo e Narciso. Podem servir como exemplo dessa afirmativa a sua descrição acerca de Leonardo da Vinci [FREUD S. (1910). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. *Obras Completas* (Tradução de Ballesteros), Vol II. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948] na qual transparece a díade simbiótica-narcisística que o menino Leonardo mantinha com a sua mãe, como sendo o principal fator etiológico do seu **distúrbio sexual**, tal como aparece no seguinte trecho: “Assim, como todas as mães insatisfeitas, ela tomou o filhinho em lugar de marido, e, pela maturação demasiado precoce do seu erotismo, despojou-o de parte de sua masculinidade”. Da mesma forma, em seu célebre “Sobre o narcisismo” [FREUD S. (1914). Introducción al narcisismo. *Obras Completas* (Tradução de Ballesteros), Vol I. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948], Freud estudou as modalidades que determinam a escolha de objetos nos casos de homossexualidade e que, vale recordar, podem ser de natureza anaclítica (uma busca de fusão com o objeto primário) ou narcisística (em cujo caso, o objeto escolhido representa aquele que o indivíduo é, já foi, ou quer vir a ser). Igualmente em 1931, com seu trabalho versando sobre os “tipos libidinais”, Freud aludiu ao tipo “erótico-narcísico como o mais frequente de todos e no qual predomina a necessidade de ser amado sobre a de amar o outro”. (ZIMERMAN, 1997, p. 496-497–grifos da autora)

Mais adiante, o psicanalista Zimerman contextualiza que na atualidade entende-se de uma forma um pouco diferente a formação do “gênero sexual”. Em síntese, o autor atribui tal formação aos desejos inconscientes dos pais a partir de fatores influenciadores:

Na atualidade atribui-se uma expressiva importância, na determinação da configuração edípica, não somente ao sexo biológico com que a criança nasce, mas também à **formação do seu gênero sexual**, o qual **vai depender** fundamentalmente dos **desejos inconscientes que os pais alimentam quanto às suas expectativas em relação à conduta e comportamento do filho, ou filha**. Essa indução, por parte dos pais, na determinação do gênero sexual das crianças, costuma ser feita a partir da combinação de fatores influenciadores, como são alguns apontados por Graña (1995), que destaca a atribuição de nomes próprios ambíguos, o uso de roupas que provocam confusões e indefinições no contexto social em que a criança está inserida, o tipo de brinquedos e brincadeiras, a forma como os pais designam os genitais, o tipo de esporte que estimulam nos filhos, a idealização ou denegrimiento de certos atributos masculinos ou femininos, etc. (ZIMERMAN, 1997, p. 501–grifos da autora)

Zimerman fez o prefácio do livro que ele cita<sup>26</sup> e diz ter conhecido o autor no Instituto Psicanalítico de Pelotas e que logo quatro atributos lhe chamaram muito a atenção em relação a este: inteligência, cultura, entusiasmo e empatia. No parágrafo seguinte ele continua abordando a incidência do meio externo, como afirma Graña, para modelar o “gênero sexual” e da mudança de paradigma, em que não se entende mais que o sexo biológico organiza o gênero sexual, e sim as expectativas dos pais:

Parece evidente que estes **agentes modeladores do gênero sexual**, provindos do meio exterior, incidem tanto naquilo que Freud contextualizou como “disposição bissexual do homem” (e que ele afirmava estar refletida na identificação do masturbador com ambos os sexos no mesmo ato), como também incidem no mundo de fantasias que já estão povoando o inconsciente da criança. Assim, **vale afirmar que o velho paradigma de que o sexual biológico organiza o gênero sexual já não é aceito na atualidade; pelo contrário, predomina a ideia de que a organização do gênero, a partir das expectativas dos pais, precede à fase fálico-edípica e em grande parte determina as fantasias que se relacionam com a sexualidade.** (ZIMERMAN, 1997, p. 501– grifos da autora)

As colocações de Zimerman imprimem um sentido de desvio/falha à homossexualidade. A relação de causa-efeito continua mantendo dois enunciados que destacamos no capítulo anterior, sobre a herança do cristianismo: a fatalidade e a culpa. Seguindo o que foi descrito, a culpa recai ainda mais sobre os pais, e a culpa sobre a anormalidade de outrem (o filho ou a filha) pode ser relacionada a desejos inconscientes do pai e da mãe. É uma forma de falar da homossexualidade, que apesar de se anunciar como mudança de paradigma, só vem a somar com todo o sistema apresentado e a encaixar-se perfeitamente no dispositivo da sexualidade. Essa homossexualidade patologizada citada pelo autor não abala de forma alguma o sistema; pelo contrário, ela alimenta a ele, que foi quem a produziu. Aqui não se trata de injeção de antídoto e sim de fortificante! Mas ao menos aqui ela é nomeada, visibilizada. Aparece, então, a homossexualidade no discurso psicanalítico! E ela aparece não necessariamente ligada ao Édipo. Ela é pré-edípica, o que vem a nomear parte daquilo que era escorregadio no capítulo anterior. Parece que vai se desenhando de forma cada vez mais clara a homossexualidade = narcisismo = perversão = falha no Édipo. Será possível

---

<sup>26</sup> GRAÑA, R. (1995). **Além do desvio sexual**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

pensar na hipótese de que, quando uso o termo complexo de Édipo como palavra-chave, encontro poucas vezes o termo homossexualidade em artigos pois ela é uma formação pré-édipica como a perversão e o narcisismo? Talvez, mas acredito que não, uma vez que a perversão foi um termo que surgiu várias vezes. Aposto mais na invisibilidade da homossexualidade em função do período histórico que discute sua despatologização. A título de ilustração do caráter de desvio sexual e de perversão dado por este autor à homossexualidade, destaco mais um excerto:

Não cabe aqui esmiuçar mais detalhadamente as **diversas formas de manifestações clínicas de perversões ligadas aos desvios da sexualidade** (transexualismo, travestismo, **homossexualismo**, fetichismo, exibicionismo, voyeurismo, sadismo-masoquismo, pedofilia, bestialismo...), e tampouco cabe estudar a estruturação genético-dinâmica de cada uma delas. (ZIMERMAN, 1997, p. 506 – grifos da autora)

Além do autor então citado, outros também relacionaram a homossexualidade com a perversão, inclusive utilizando a mesma terminologia: *homossexualismo*, o que já denota uma visão patologizada, ao utilizar-se um sufixo que remete à anomalia ou à doença. Gomes, ainda se referindo a Laio, pai de Édipo, afirma: “Esse desejo masculino tem uma expressão regressiva no Olimpo, na onipotência característica dos deuses, que não precisam apelar para **formas perversas (homossexualismo, seqüestro)** ou para soluções neuróticas.” (GOMES, 2001, p. 851 – grifos da autora).

Costa e Katz (1985), em um artigo intitulado Considerações sobre a psicogênese da neurose e do caráter obsessivo, abordam sobre homens com neurose obsessiva. Os autores escrevem:

Consequentemente, não vêem o pai desde a posição de filhos, ou seja, como objeto de identificação, mas, ao contrário, tornam-no como um objeto de desejo. Logo, as suas tentativas de se aproximar do pai e alcançar a autonomia, na fantasia, implicam em ser mulher como a mãe, o que constitui para eles um conflito de difícil solução. Para se defenderem desta **inadequação** biológica cultural, afastam-se do pai, desvalorizando-o e negando sua importância. (COSTA; KATZ, 1985, p. 82 – grifos da autora)

Seguindo um pouco mais no texto, os autores diferenciam a homossexualidade e a perversão da neurose obsessiva:

Ao contrário dos **homossexuais e perversos**, que **não atingiram a situação edípica**, os pacientes com características obsessivas clássicas têm um projeto masculino de desenvolvimento, mas este, pela impossibilidade de ver a mulher como objeto de desejo, é exclusivamente intelectual. (COSTA; KATZ, 1985, p. 82)

Os dois excertos acima corroboram com o que os trechos anteriores defendiam. Os homossexuais e os perversos não atingiram a situação edípica. Aqui há um ponto importante: homossexuais obrigatoriamente não são perversos. Existe a conjunção *e* entre os dois no texto. A partir da leitura, parece que podemos montar uma escala evolutiva em que os obsessivos estão um pouco à frente na evolução psicanalítica do que os homossexuais. O problema dos homens obsessivos é tomar o pai como objeto de desejo. Os sujeitos com tal diagnóstico, para se libertarem daquilo que os autores consideraram como inadequação biológica cultural – demonstrando aí um caráter anormal à atração masculina por outro homem – negam a importância paterna e afastam-se.

No texto de Halberstadt-Freud e Novinsky, a homossexualidade também não é vista como perversão, mas tampouco é vista como algo normal, uma vez que ela se desenvolve a partir de algo mal-sucedido, de acordo com as palavras das autoras:

Uma filha assim acredita que a menos que ela se coloque completamente à disposição de sua mãe, ela não é uma boa filha (uma vez generalizada, esta ideia levará a filha a desistir de todos seus desejos eróticos). Esta fantasia incestuosa, basicamente pré-genital, pode também ser acalantada por homens em uma **separação mal-sucedida** e, nesses casos, leva à homossexualidade **ou** perversão. (HALBERSTADT-FREUD; NOVINSKY, 2001, p. 148)

As autoras desenvolveram o texto chamado “Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o complexo de Édipo”. Eles chamam a atenção para o fato de não haver o tabu homossexual de incesto (mãe e filha). “Normalmente durante toda a adolescência a filha permanece ligada à mãe. A ausência de um tabu de incesto significa que não há necessidade de pararem de acariciar-se.” (HALBERSTADT-FREUD; NOVINSKY, 2001, p. 149). As autoras atribuem a relação com a mãe para o sucesso da escolha de objeto sexual heterossexual. Nessa frase fica implícito que a escolha de um objeto homossexual não seria uma escolha de sucesso: “Quanto mais violenta a hostilidade da menina

em relação à mãe, mais difícil será ela ter sucesso em sua escolha de objeto heterossexual." (HALBERSTADT-FREUD; NOVINSKY, 2001, p. 163).

No artigo intitulado “Teorias sexuais infantis”, Lisondo (1996) transcreve um trecho da sessão de um menino de 10 anos. Nos excertos a seguir, ela faz algumas afirmações que colocam a homossexualidade em uma posição de anomalia. Grifo dois trechos, um em que a psicanalista fala ao seu paciente da sua ansiedade de se sentir machucado, diminuído e de até ser *gay*:

A: “Você percebe a raiva que você tem de precisar de análise, e então você falta, perde sessões. Isto está mais claro hoje. Mas este trabalho também permite que você compartilhe comigo muitas questões difíceis, penosas, muitas ansiedades que aqui podemos investigar. Quanto a te fazer de grandalhão, sempre de pênis duro, sempre em perigosos saltos, era para afastar a terrível ansiedade de te sentir muito machucado, diminuído e então **te imaginar até um gay.**” (LISONDO, 1996, p. 884 – grifos da autora)

No trecho seguinte, a abordagem que a psicanalista faz da homossexualidade também possui um caráter pejorativo:

Para não ser gay, ele precisa ser herói. (...) Alex quer preservar a espécie e a diferença sexual. (...) Na sessão ele pode vir a ser o cientista, com capacidade de dúvida, que pode, dosadamente, perceber sua realidade mental, na relação transferencial, ao invés de odiá-la. A pergunta é o portal do vínculo K, na transferência amorosa. O processo analítico permite que se revele o menino secretamente apavorado **que escorrega para o enganoso refúgio da homossexualidade.** Ele precisa da análise para atravessar o duro caminho do desenvolvimento, com suas encruzilhadas, para vir a ser o HOMEM, ao invés de pular “mortalmente” na arrogância estúpida arrasando tempo e espaço, aprisionado ao V da catástrofe primitiva. (LISONDO, 1996, p. 886 – grifos da autora)

## 5.5 Oásis

Nomeei este trecho de Oásis por encontrar um descanso no deserto que estou trilhando. Um deserto de pedras. Um autor trouxe um feliz exemplo para dar alento em meio a tantos pedregulhos. Ele poderia usar inúmeras situações para descrever o olhar do analista.

Mas ele trouxe Proust. É um exemplo do Narrador diante da homossexualidade do Barão. Beleza, empatia e o assunto que estamos buscando. Perfeito. "Quer o Narrador veja a homossexualidade do Barão com desejo, repugnância ou indiferença, a observação descobre e não cria o desejo homossexual que o Barão precisa esconder de sua família e do mundo social." (HANLY, 1995, p. 400).

A ideia é "resgatada" de sua subjetividade ao ser vinculada ao objeto e testada por ele. Qualquer que seja a ideia de homossexualismo que o Narrador possa ter tido antes, agora está enriquecida e potencialmente corrigida por um grande número de impressões específicas à homossexualidade do Barão, que a ideia lhe revelou. (HANLY, 1995, p. 401)

Para compreender que o outro é inconscientemente motivado, precisamos estar em contato com nossa própria motivação inconsciente; para reconhecer e compreender a homossexualidade do outro precisamos ser capazes de conhecer nossa própria homossexualidade. (HANLY, 1995, p. 402)

Esse foi o único texto com uma abordagem que não invisibilizava ou que não patologizava a homossexualidade.



## 6 A HOMOSSEXUALIDADE COMO PALAVRA-CHAVE

Nos capítulos anteriores, tomei por base os artigos que fazem referência ao complexo de Édipo, seja nas palavras-chave, no título ou no resumo. O capítulo anterior, especificamente, foi onde abordei mais a homossexualidade. Nas próximas páginas, este tema também estará em evidência, entretanto, de forma mais direta, uma vez que os artigos utilizaram o termo homossexual e/ou homossexualidade e/ou homossexualismo em um dos três campos. A partir do filtro para a Revista Brasileira de Psicanálise, introduzi os três termos (um de cada vez) no campo de pesquisa da BVS, obtendo oito artigos.<sup>27</sup>

E o que esperar desta busca? Confesso que minha ansiedade foi grande para poder entrar em contato com tais artigos. E se já ao falar dos 46 artigos anteriores me vali de certa pessoalidade e amizade para com eles, agora, tratando-se de apenas oito, essa amizade tornou-se ainda mais íntima. Eu compunha com eles uma roda de conversa em que retomava com cada um, diversas vezes, vários pontos. Foi um processo diferente, uma vez que agora havia menos parágrafos; porém, cada um deles falava diretamente sobre a homossexualidade; sendo assim, a quantidade de informações era imensa. Se eu pudesse me comparar a uma facilitadora de grupo nessa roda de conversas, posso dizer que não precisei suportar o silêncio (como o fiz com o grupo maior), mas tive muitos sons a compor uma sinfonia com um ritmo frequente, por vezes, com certos rompantes, desafinos. Ao ler os textos, a sensação de ambiguidade tomou mais uma vez conta do meu pensar. Uma sensação que me remeteu ao início desta tese, quando eu dizia lá na página 24 antes de entrar em contato com os artigos analisados, que “temos claramente visões ambíguas e controversas, diferentes formas de ver a psicanálise, diferentes formas de ver a homossexualidade na psicanálise”. De uma maneira geral, o discurso que vimos até aqui se manteve, havendo alguns pontos com certo tensionamento. Os textos têm grande disparidade de datas, o primeiro publicado em 1981, enquanto o último foi publicado em 2003, fato que poderia influenciar na forma como a homossexualidade é tratada. Ao longo da análise, pode-se perceber que isso se torna um ponto de evidência em alguns momentos, principalmente quando se fala de certa crítica à psicanálise, o que aparece em alguns trechos nos artigos mais recentes; contudo, em outros pontos, os mesmos artigos retomam a lógica do discurso hegemônico. Dividi este capítulo em seis blocos para conseguir

---

<sup>27</sup> Conforme tabela na página 49.

estruturar o texto; no entanto, essas partes estão totalmente correlacionadas entre si e, muitas vezes, foi bastante difícil decidir em qual bloco cimentar determinado excerto, pois, como todos fazem parte da mesma rede discursiva, ele poderia dançar em muitos cenários. Usei propositalmente os termos “bloco” e “cimentar” a fim de passar ao leitor e à leitora a sensação de dureza, de concretude que me bate ao redigir o texto. Buscarei fazer as partes conversarem, mas se isso não ficar evidente nas linhas que se seguem, já digo de antemão que elas estão nessa formação discursiva em um intenso e encadeado bailar. Começo buscando entender qual rede enunciativa que se desenha para explicar o que é a homossexualidade e, posteriormente, falo de como é abordada a possibilidade de tratamento. Depois faço uma abordagem buscando alguns pontos que destoam, que questionam de alguma forma o discurso psicanalítico hegemônico; intitulo essa parte de “Reverendo e questionando a psicanálise”. Na sequência, uso uma brincadeira, invertendo o que busquei até aqui ao longo da tese: se antes eu perguntava como a homossexualidade aparece (ou não aparece) quando falo no complexo de Édipo, agora penso como se fala (ou não se fala) de complexo de Édipo quando o tema em questão é a homossexualidade. No quinto bloco, busco entender quais são as homossexualidades possíveis no discurso psicanalítico. E, finalmente, fecho o capítulo com um ponto que já destaquei nos primeiros parágrafos deste trabalho, em que referi certa ambiguidade quanto a autores e autoras que conferem um tom de defensor da homossexualidade a Sigmund Freud ou que, pelo menos, lhe atribuem o título de simpatizante da causa.

## **6.1 O que é a homossexualidade**

Com a leitura desses artigos foi possível começar a circunscrever melhor como a homossexualidade é enunciada dentro do discurso psicanalítico. Em outros blocos continuarei a falar sobre o tema de forma mais específica, mostrando como se dá a possibilidade da sua existência dentro da teoria (geralmente no sentido de ser uma falha ou uma fixação em alguma etapa do desenvolvimento). Uma autora, logo no início do seu texto, escreveu: “Deparei-me, portanto, de um lado com a minha experiência clínica e, do outro, sob o impacto da amplitude de um tema largamente estudado dentro da psicanálise.” (AZOUBEL, 1996, p. 1011). Ao ler tais palavras, não pude deixar de pensar em uma certa invisibilidade que eu havia verificado até então e que apresentei nos capítulos anteriores. Pensava, a partir da frase citada, onde se

fala tão largamente de homossexualidade na psicanálise? E se é assim, de que forma se fala? Na medida em que seguia as leituras, surgiam citações – diretas e indiretas – de vários autores e autoras que discorreram sobre o tema. Muitos dos próximos excertos se referem a essas citações. Por se tratarem de referências usadas pelos autores e pelas autoras dos artigos, identifico entre colchetes, após o sobrenome, a referência apresentada. O primeiro excerto relativiza o estatuto de perversão dado à homossexualidade, mas com esta forma de enunciar, apesar de tratar como uma perversão diferente das demais, não deixa de nomeá-la como tal:

W. H. Gillespie [Gillespie, W. H. (1964). Symposium on Homosexuality. *Int. J. Psychoanal.* 45: 203-299] no seu trabalho “Symposium sobre a homossexualidade” assim refere: “e em muitas sociedades, tais como a nossa própria, há uma subcultura homossexual com seus costumes próprios e jargão lingüístico de modo que é possível para os homossexuais que se movimentam em uma sociedade artificial onde seus comportamentos estão em conformidade mais exatamente com os costumes do que em conflito com eles. **Eu penso que isto não pode ser dito de qualquer outra perversão.**” (AZOUBEL, 1996, p. 1011 – grifos da autora)

Nepomuceno também aponta para enunciados que associam a ideia de homossexualidade em Freud à perversão. Ressalva que muitas vezes acaba sendo entendida com um cunho moral, diferente do sentido técnico que estaria relacionado a um desvio de escolha de objeto. De qualquer forma, estamos diante de um discurso que traz a ideia da homossexualidade como algo que não segue o curso normal, algo que desvia de um certo padrão:

Freud é, no geral, associado à posição daqueles que consideram a homossexualidade uma perversão (que acaba, na maioria das vezes, entendida não no seu sentido técnico, isto é, "desvio em relação ao objeto sexual" – ao menos nos termos freudianos [Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *E.S.B.* Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 7] – mas como algo de cunho moral ou mesmo moralístico). (NEPOMUCENO, 2001, p. 1029)

Considero importante trazer outras citações de Freud apresentadas nos artigos para explicar a homossexualidade. Mais uma vez aparece no texto a ideia central que a caracteriza como um “desvio da escolha do objeto sexual”. A seguir, a autora traz trechos de Freud para falar do tema; entretanto, aponta como um problema teórico o fato da psicanálise abordar pouco as questões pré-edípicas:

Freud, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” [Freud, S. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, v. VII] descreve a homossexualidade como um desvio da escolha do objeto sexual, assinalando que uma multiplicidade de fatores determina o desenvolvimento individual frente à maturidade sexual e à capacidade para relacionamentos heterossexuais. Mais adiante, ainda segundo Freud, existe algo inato em que todo ser humano, embora seja mais uma disposição inata que pode variar em sua intensidade podendo ser aumentada pelas influências da vida atual. Penso, no entanto, que temos muito pouco conhecimento a respeito dos aspectos constitucionais do instinto sexual, embora saibamos mais e mais dos sobre os mesmos das influências da vida atual, particularmente da vida infantil. Um problema central teórico, tanto agora quanto há anos, se relaciona não somente com a importância do complexo edípico e a ansiedade de castração, como também com os fatores pré-edípicos. (AZOUBEL, 1996, p. 1012)

Ainda seguindo as citações do pai da psicanálise e as considerações trazidas pelos autores e autoras sobre as mesmas, tomo um trecho que vai buscar em outras obras de Freud a discussão sobre a homossexualidade, a fim de mapear suas causas. Temos a defesa de uma teoria que teria evoluído de um processo que deixaria de falar da causa da homossexualidade para a causa do humano. O autor a seguir questiona se Freud não teria se dado conta disso em seu texto ou se era realmente isso que ele buscou dizer.

No entanto, é forçoso ressaltar que Freud, com “Leonardo” (...) [Freud, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. *E.S.B.* Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 11] – à parte a polêmica sobre “abutres e milhafres” –, lança as condições seminais para o entendimento da homossexualidade, ao apontar o processo de identificação do menino com a mãe. Ademais, embora tematizado ou nomeando explicitamente ou superpondo referências contraditórias a respeito da pré-genitalidade, claro está que ele se antecipa, apesar de suas flutuações, a toda uma miríade de autores que fizeram do “antes do Édipo” uma espécie de bandeira (com Frau Klein segurando o mastro). No entanto, Freud, ao evoluir no uso do conceito de “objeto perdido” – central na dinâmica da identificação leonardiana –, passando do tom negativo daquele momento, reforçado em “Luto e melancolia” [Freud, S. (1917 [1915]) Luto e melancolia. *E.S.B.* Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 14], para, em “O ego e o id” [Freud, S. (1923) O ego e o id. *E.S.B.* Rio de Janeiro, Imago, 1976, v. 19], torná-lo central na constituição da própria subjetividade, faz com que o “objeto perdido” não seja mais condição causa da homossexualidade: agora, ele passa a ser “causa do humano”. Freud não se deu conta disso ou o que ele queria era, de uma vez por todas, dizer que o fundamental, em termos de estar no mundo (e da investigação em torno disso), é apropriar-nos da nossa condição de animais desejantes, e a partir daí tirarmos as consequências? (NEPOMUCENO, 2001, p. 1033)

Além de Freud, outros e outras psicanalistas que o usaram como base para suas teorias foram citados. Gillespie, que mencionei anteriormente, questiona o fato de a homossexualidade estar ligada ao complexo de Édipo ou se a mesma estaria ligada a um estado pré-edípico:

Gillespie [Gillespie, W. H. (1964). Symposium on Homosexuality. *Int. J. Psychoanal.* 45: 203-299] questiona o seguinte: é a homossexualidade necessariamente a consequência de uma tentativa de lidar com o complexo de Édipo, explorando uma parte particular da sexualidade infantil ou pode ser melhor compreendida como um resultado direto do relacionamento pré-edípico mãe-bebê? (AZOUBEL, 1996, p. 1012)

O fato de ser ou de não ser uma perversão também retorna. Na escrita de uma das autoras, temos mais uma vez a consideração que mostra como o discurso vai se moldando. Ela, em dado momento, questiona se se trata ou não de uma perversão, mas no que é dito em outras frases, a inclui entre vírgulas, como um aposto, de forma bastante natural: “Penso que ao enfocar algumas ideias de vários autores psicanalíticos sobre a homossexualidade, sobre as perversões, torna-se possível uma melhor compreensão da complexidade e da amplitude do tema em questão.” (AZOUBEL, 1996, p. 1014). É evidente que este é um enunciado bastante repetido no discurso psicanalítico e, afirmo mais uma vez, o fato de haver a dúvida na produção escrita, como apresento no excerto abaixo, já nos dá pistas de que isso é sim matéria da rede enunciativa que conforma a psicanálise como discurso:

É a homossexualidade uma forma de perversão? Lander e colaboradores levantam esta questão em seu livro: *As perversões na prática psicanalítica*. Salienta a importância de diferenciar aquela homossexualidade na qual o sujeito organiza a sua sexualidade como estrutura sexual (homossexual) estável e imodificável, do ato homossexual como sintoma (*acting-out*) que se apresenta em um sujeito no qual sua sexualidade se organizou preferentemente em forma heterossexual. Assim, diz Lander, teremos a homossexualidade como estrutura e o ato sexual como sintoma. (AZOUBEL, 1996, p. 1013)

Nepomuceno também cita o autor citado por Azoubel. Começa a surgir um novo enunciado incipiente, uma força que tensiona o discurso dominante, contrapondo-se à ideia de homossexualidade como perversão. “Lander [Lander, R. (1994). Existe el sexo real? In *Las perversiones en la práctica psicoanalítica*. Caracas: RALCA] afirma que a homossexualidade, em si, não é perversa, embora o 'sujeito homossexual' possa apresentar variadas perversões

sexuais, da mesma forma que sua contraparte heterossexual.” (NEPOMUCENO, 2001, p. 1032). Nas falas próprias dos autores e das autoras dos artigos, este novo enunciado foi pouco notado, talvez na parte em que aponto para uma possível revisão e questionamento da teoria, isso fique um pouco mais evidente, a partir da necessidade de se pensar sobre, de se construir elementos, como poderá ser visto mais adiante. Conceituando e discorrendo sobre a homossexualidade, os autores e as autoras, em geral, mantiveram-se coerentes ao discurso psicanalítico hegemônico que emerge na Revista Brasileira de Psicanálise, trazendo o enunciado da homossexualidade como ligado a algum tipo de anomalia. O mesmo autor que cita Lander no trecho anterior busca, um pouco antes, interpretar os motivos que levam à homossexualidade, destacando a manutenção da fase de indiferença do desenvolvimento psíquico:

Assim, ao “transformar” o ânus em vagina (no caso canônico de homossexualidade), ele pode fantasiar que os atributos adequados para ser “dois em um”, restaurando ou mantendo a característica e natural onipotência da criança antes da diferenciação e estabilização sexual: “Tenho tudo, sou tudo, posso tudo.” (NEPOMUCENO, 2001, p. 1029)

No sentido de caracterizar o que é a homossexualidade, Nigri apresenta alguns conceitos diferenciando complexo de masculinidade na mulher, homossexualismo feminino e manifestações da inveja do pênis:

Persiste grande confusão a respeito de complexo de masculinidade na mulher, homossexualismo feminino e manifestações da inveja do pênis. O homossexualismo, de modo geral, está mais ligado à fase oral e o relacionamento sexual entre duas mulheres se assemelha mais ao modelo mãe-filha do que ao modelo homem-mulher. A maior dificuldade está em distinguir entre mulher viril (complexo de masculinidade) e inveja do pênis (complexo de castração feminino), dificuldade esta que se torna maior quando alguns autores não falam de inveja somente do pênis, mas dos atributos masculinos. Sem dúvida, são conceitos difíceis de separar, pois podem apresentar muitos pontos em comum. (NIGRI, 1981, p. 214)

Seguindo a ideia de conceituar e/ou buscar encontrar a existência de enunciados que falem sobre a causa da homossexualidade, Neto corrobora com o discurso psicanalítico hegemônico. Além de fazer uso do termo “homossexualismo”, o autor o identifica com um “estado alucinado”:

Certos indivíduos desenvolvem o arranjo que se conhece como Homossexualismo que visa, entre outras coisas, a preencher o lugar deixado pelo objeto e relação ideais. Neste sentido uma relação sensual e/ou sexual, imaginária ou real, entre indivíduos do mesmo sexo pode conformar o espaço onde na mente de um deles, ou de ambos, está acontecendo a suposta realização de um estado de gratificação absoluta com a suposta vantagem de que as semelhanças físicas atenuem ou fazem desaparecer a “incômoda verdade” de que o outro é outro mesmo. Assim, este estado alucinado tem a função não só de manter a crença numa relação idílica com o objeto, como amenizar a angústia que decorre das fantasias de dependência absoluta dele que sendo, em fantasia, praticamente idêntico ao sujeito, dá a ilusão de ter alcançado a auto-suficiência absoluta. (NETO, 1985, p. 10)

Neto continua a falar da homossexualidade a partir do termo “alucínose”. O autor conceitua este termo, a partir de Bion, dizendo que trata-se de um “fenômeno alucinatório diferente de alucinações grosseiras observadas em psiquiatria” (NETO, 1985, p. 11), não sendo um estado patológico nem um estado normal. Usa uma parte do texto de Freud somado à sua experiência para explicar o arranjo homossexual, relacionado, segundo o autor, a demandas narcísicas:

O arranjo homossexual surge, então, como expediente para se lidar com tal ameaça, pela falta, sempre possível, daquele objeto. Freud, em três ensaios sobre a teoria da sexualidade, dizia: “Estes (os homossexuais) tomam a si mesmos como objetos sexuais, partem do narcisismo e procuram jovens que se pareçam com eles e os possam amar como a mãe os amou a eles”. Minha experiência enfatiza que procuram como par (reais ou imaginários) objetos do mesmo sexo com os quais vivam a suposição de que podem dispensar os objetos e livrarem-se da angustiante lembrança de que a existência do objeto implica na possibilidade de sua falta. A relação idílica à qual me referi no início do trabalho é desta natureza. A impressão de sua perda vem, portanto, acompanhada do temor de se estar perdendo o próprio significado, a própria auto-imagem coesivante, restando em seu lugar uma emoção turbulenta, por exemplo, um sentimento de desamparo, de depressão, de ódio, de inveja. Um acontecimento mental desta natureza, enquanto não tolerado, é transformado, nos domínios da Alucínose, em impressões sensoriais e, como tais, supostamente descartados de personalidade. Tem-se assim um círculo vicioso que se caracteriza por supostas gratificações alucinatórias, inadequadas para suprirem demandas narcísicas e, neste quadro, mais alucinações são fornecidas na tentativa do suprimento” (NETO, 1985, p. 13-14).

Em seguimento ao seu texto, o autor sintetiza na sua conclusão, o que vem a ser o homossexualismo, relacionando-o a um estado anárquico, esquizóide, retardador do crescimento, intimamente associado ao caráter narcisista do sujeito:

Em outras palavras o homossexualismo expressa uma persistência prolongada de um estado anárquico, esquizóide, retardador do crescimento. Neste sentido quem “escarnece e amaldiçoa” o homossexualismo é, em princípio, o Narcisismo do indivíduo em desenvolvimento que perde velocidade, fica desacelerado pelo fator auto-erótico persistente, tenaz. (NETO, 1985, p. 20)

## 6.2 Tratando a homossexualidade

Afinal, a homossexualidade é algo que precisa de tratamento na clínica psicanalítica, a partir do que apresentam os artigos estudados? Difícil formular uma pergunta tão objetiva e respondê-la com excertos de textos psicanalíticos. Parece que estou diante daquele filme Freud além da alma, em que tudo parece se dar em um ambiente escurecido, nebuloso. Mas mesmo com esse clima, clarões são encontrados nos textos, representados por trechos que afirmam nitidamente a homossexualidade como algo a ser tratado. Ou há outros que criticam esta prática, confirmando a existência da homossexualidade no discurso psicanalítico. Correa (2003), em seu artigo “Sodoma e Gomorra. Mille e tre ensaios sobre a sexualidade”, coloca-se neste segundo grupo. Ela escreve que “as práticas homoeróticas foram concebidas pela psicanálise até os dias atuais como um desvio a ser corrigido e, até hoje, o diálogo sobre homossexualidade ainda está muito vivo e cheio de preconceitos”. (CORREA, 2003, p. 1113). Em nota em relação a este trecho, a autora afirma “Talvez tenha chegado o tempo de revermos diagnósticos de psicoses, perversões que tenham sido superpostos aos pacientes homoeróticos, confundindo-se assim o eixo do processo terapêutico.” (CORREA, 2003, p. 1113).

Em outro trecho, a autora corrobora com o que mais adiante (no quinto bloco) será abordado em relação à possibilidade da existência da homossexualidade apenas como uma etapa do processo para se chegar à heterossexualidade. Critica, ainda, o estatuto da homossexualidade como uma perversão e o fato de que nem todo analista seria capaz de atender o homossexual ou a homossexual por ser considerado um paciente ou uma paciente difícil:

Como decorrente do argumento de que a homossexualidade era a mesma coisa que a perversão, ou que se trata de um desenvolvimento psicosexual inibido (tal como uma parada no desenvolvimento), os sujeitos homoeróticos



foram considerados, para a prática psicanalítica, pacientes muito difíceis que deveriam ser até mesmo evitados por analistas jovens sem muita experiência [Citati, P (1999). *Proust*. São Paulo: Companhia das Letras]. A argumentação que até recentemente se pretendeu científica, sobre “ser a homossexualidade produto de uma parada do desenvolvimento sexual” pode esconder ainda o preconceito, a discriminação, como diz Ralph Roughton ou, pelo menos, a ignorância, digo eu. (CORREA, 2003, p. 1113)

A autora afirma que, entre outros indicadores, algo que pode ser notado é o desaparecimento gradual do termo “inversão”. O termo “perversão” foi adotado para nomear também a homossexualidade, termo que ela considera carregado de conotações pejorativas. No seu texto, responsabiliza o conservadorismo e o moralismo norte-americano e a ambição pela cura por esse processo. (CORREA, 2003). Critica ainda a importância dada à genitalidade: “O primado da genitalidade foi derivado da concepção vigente de que o ser humano é um ser ‘natural’ e, como tal, submetido às leis naturais de reprodução da espécie.” (CORREA, 2003, p. 1111).

Além do texto crítico – mas que também é uma fonte para demonstrar a prática discursiva hegemônica –, destaco outros excertos que fazem parte da hegemonia do discurso psicanalítico, falando da homossexualidade na clínica:

Pessoalmente, tenho visto situações, na clínica, de homens com práticas ou com importantes fantasias homossexuais, que apresentam claros sinais de fragmentação subjetiva, até mesmo com eventual psicotização - foi, inclusive, a partir dessas situações, que elaborei o presente trabalho. (NEPOMUCENO, 2001, p. 1033)

O mesmo autor, mais adiante, registra que, apesar do homossexual pensar que possa ter algum privilégio para adentrar ao “vale jordânico” – aqui o autor nos remete à discussão em relação à comparação entre psicanálise e religião –, ele até pode alcançar o paraíso, mas a penitência será maior. Grifo no excerto abaixo o trecho que fala de certo *plus* que os mesmos precisam ter na clínica em relação aos heterossexuais, que parecem já ter o passaporte autorizado com o visto ao paraíso:

O homossexual, dessa forma, pode achar que é portador de insígnias que lhe permita usufruir de um estatuto privilegiado, ao tentar usar o atalho, constituído pelo real do corpo igual, para adentrar o jordânico vale... Trágico engano, que só pode ser evitado se ele conseguir barrar o efeito paralisante produzido pelo Narciso petrificado da imagem especular. **E isso é possível: a**

**clínica mostra que o homossexual não é sinônimo de infelicidade e desequilíbrio, mas para que isso ocorra é exigido dele um *plus* em relação àqueles cujos corpos já podem ser, em si, condição propiciadora de diferença e alteridade.** (NEPOMUCENO, 2001, p. 1036 – grifos da autora)

Na continuidade do texto, o autor joga um banho de água fria inclusive nos heterossexuais. Parece que o passaporte não está liberado para ninguém. Não é fácil chegar ao objetivo maior, seja na busca religiosa seja na busca psicanalítica:

De qualquer forma, todos nós, independentemente de comportamentos e fantasias sexuais, seremos, em nossa busca de completude, inevitavelmente vergastados pela desilusão e, inevitavelmente, tentaremos uma vez mais, a cada avatar do desejo, ultrapassar os rubros pórticos que guardam a terra prometida: isso é vida. (NEPOMUCENO, 2001, p. 1036)

Neto (1995) relata também alguns casos clínicos, apresentando histórias de pacientes que tinham desejos homossexuais, mas não a prática. Afirma que o tratamento é mais complexo se há a experiência sensorial do sujeito, uma vez que este pode encobrir ainda mais o fenômeno psíquico. Destaquei, a seguir, a expressão “estado alucinado”, a fim de evidenciar mais um termo que fomenta o enunciado da homossexualidade como anomalia:

Nos casos onde havia um acasalamento com indivíduos do mesmo sexo a complexidade se ampliava pois o contato sensorial era muito intenso “pele a pele” e não se pode negar o valor disto na realimentação do **estado alucinado** e na tenacidade com a qual se tenta mantê-lo. Quanto mais intenso o fenômeno sensorial, mais encobertador será do fenômeno psíquico, objeto da Psicanálise. A opção, externalizada ou não pelo arranjo homossexual, deve ter sido escolhida, intrapsiquicamente, entre outras, experimentadas sem tanto “êxito”, e, penso, seria interessante uma pesquisa nesse sentido. (NETO, 1995, p. 18 – grifos da autora)

Em alguns textos o clarão que relatei acima em relação à leitura em meio a brumas chega a ser tão intenso que me ofusca o olhar. Peço a permissão para apresentar dois relatos relativamente longos, mas que eu não teria como não apresentá-los. Referem-se ao início da introdução e também ao início das considerações finais de um artigo intitulado Sexualidade e escolha de objeto. A introdução do artigo inicia trazendo a homossexualidade como um problema, usando a expressão “atuações homossexuais” dentre um rol de sintomas prejudiciais:

Nos últimos anos tem procurado análise um número crescente de pacientes que referem uso de drogas, adição ao trabalho, atuações homossexuais, promiscuidade e uma marcante dificuldade em estabelecer vínculos heterossexuais satisfatórios que se manifesta na área das relações genitais, principalmente com impotência e ejaculação precoce. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1059)

E continua o texto classificando a homossexualidade como sintomas perversos e/ou depressivos, fazendo, entretanto, a consideração de que pode estar se tratando de núcleos psicóticos, envolvendo o fato de haver a escolha homossexual do objeto. O final do excerto deixa bem claro a ideia de se buscar na clínica a construção do desenvolvimento psíquico que buscaria a heterossexualidade do sujeito:

Devido a essa sintomatologia, muitos casos são considerados como perversos e, devido ao empobrecimento afetivo, frequentemente, como deprimidos. No entanto, em muitas situações, essas manifestações clínicas relacionam-se com núcleos psicóticos encapsulados na personalidade do paciente, sendo que o que concede matizes depressivas ao quadro é a existência do delírio de ciúmes decorrente de uma escolha homossexual do objeto, acarretando, pela projeção maciça dos sentimentos, um esvaziamento da vida afetiva. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1059)

Acreditamos que a compreensão adequada desta patologia pode auxiliar o paciente a se reencontrar em partes genuínas de sua personalidade, abrindo caminho para a elaboração da cena primária. A nossa hipótese é que, nestes casos, somente após a análise da relação homossexual do objeto, é possível ao indivíduo retomar o seu desenvolvimento em direção a uma escolha de objeto heterossexual. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1060)

Os comentários finais do artigo iniciam evidenciado o caráter patológico que os autores atribuem à homossexualidade, além de descrever as causas (falhas do desenvolvimento) que estruturam a escolha homossexual do objeto:

Neste trabalho procuramos descrever os vários aspectos que estruturam a escolha homossexual de objeto, destacando sua natureza narcisista, a fixação na mãe fálica, o apagamento da figura paterna e o complexo fraterno. Através de um caso clínico, ilustramos a importância prática destes fundamentos teóricos, tendo em vista o crescente número de casos com este tipo de patologia que procura atualmente atendimento psicanalítico. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1067)

Ao longo do artigo vai sendo trazido o caso e a sua evolução. O resultado da análise

leva para o “reencontro” da heterossexualidade:

Como resultado, pôde recuperar aspectos da figura paterna, melhorando o relacionamento com os filhos e avaliando de forma mais realista o vínculo com sua mulher. Portanto, foi a partir da análise da escolha homossexual (narcisista) de objeto, que ele reencontrou o caminho de uma escolha de objeto heterossexual. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1062)

Ao ler este artigo não pude deixar de pensar na fala de uma das entrevistadas durante o meu mestrado: Gabi. Ela é uma jovem lésbica que foi abusada na adolescência por um amigo da família e engravidou em decorrência deste ato. Naquele estudo, ouvi pessoas homossexuais que passaram pela clínica psicológica e que contaram como foi a experiência em relação à abordagem da sexualidade. A psicóloga de Gabi, mesmo esse não sendo um problema ou uma questão para ela, tentava encontrar o motivo para sua homossexualidade e questionava se ela não estava enganada em relação a isso. Segundo Gabi, era claro, da mesma forma que no caso do artigo citado anteriormente, que quem conduzia a terapia buscava um “reencontro” com a heterossexualidade. Diferente do que aconteceu no estudo de caso citado por Katz e Gley (1996), a minha entrevistada deu-se conta disso, conforme ilustro com a sua fala:

E aí chegou no assunto da sexualidade, que foi o assunto mais falado. Parecia que quando eu cheguei lá, ela já tinha um questionário pronto. Ela só foi puxando uma maneira de eu falar. Aí ela perguntava se eu tinha visto a guria, conversado com a guria. Perguntava o que eu conversava com ela, aí eu entrava em algum detalhe. Mas era focado. É porque se fosse pela violência sexual pra ser tratada, ela teria até o final do tratamento. Mas não. Depois que ela viu que eu tinha um namorado, que eu tinha praticamente descartado essa possibilidade que ela tinha me dado, começou a colocar outras. Que foi a figura materna ou por causa disso, disso ou disso. Tu vê que o foco principal era a sexualidade. Ela ia vencer no tratamento se eu chegasse e dissesse para ela “arrumei um namorado, virei hetero”. Aquilo ia ser só uma fase momentânea da minha vida e passou. (GABI)

Ao longo desse bloco, várias expressões apareceram nos excertos apresentados evidenciando um enunciado de homossexualidade com uma conotação de anomalia dentro do discurso psicanalítico. Apareceram em partes dos artigos que remetiam à ideia de tratamento. Destaco, a título de ilustração, no quadro abaixo, palavras retiradas dos artigos que são produzidas por este modo de enunciar:

Figura 3 – Quadro com palavras relacionadas à homossexualidade presentes nos artigos utilizados para este estudo

Desvio a ser corrigido	Preconceito	Psicose	Perversão
Paciente difícil	Parada no desenvolvimento		Inversão
Fragmentação subjetiva	Psicotização		Narciso
Corpo que não produz condição de diferença e alteridade			Estado alucinado
Sintomas perversos	Sintomas depressivos		
Núcleos psicóticos encapsulados	Patologia	Falha no desenvolvimento	
Natureza narcisista	Fixação na mãe fálica		
Apagamento da figura paterna	Complexo fraterno		

Fonte: A autora.

### 6.3 Revendo/questionando a psicanálise

Alguns artigos apresentam enunciados críticos, questionando o discurso psicanalítico que evidenciamos até aqui. Azoubel é uma das autoras que “questiona sobre o que é o homossexualismo hoje e põe em relevo a necessidade de não generalização das várias teorias psicanalíticas na configuração do homossexualismo” (AZOUBEL, 1996. p. 1018), apesar de que, em alguns trechos de seu artigo, ela mantenha a associação entre homossexualidade e perversão.

Correa (2003) também apresenta um texto crítico. Segundo ela, como já mencionei anteriormente, o termo inversão proposto por Freud foi sendo trocado pelo termo perversão a fim de conceituar a homossexualidade. Ela afirma:

Também encontramos em Roughton,<sup>28</sup> a comparação entre um trecho dos “Três ensaios” com dois autores americanos (Wiedman e Soccarides) que

<sup>28</sup> A autora, quando fala neste autor, usa duas referências: Roughton, R. (2002). *Rethinking Homosexuality? Wath it teach us about Psychoanalysis*. JAPA, 50, 733-763. E: Conferência do Prof. Alterives Maciel (7/6/2002): “Os muitos nomes do amor: o mito de Poros e Penia”. Gravado em fita cassete. Biblioteca da SBPRJ.

pretendem citá-lo e resumi-lo. É notável, e por isso aqui merece ser citada, a forma como cada autor vai se distanciando do texto original, terminando por adulterá-lo e, mesmo, perverter seu sentido. (CORREA, 2003, p. 1111)

A autora continua o texto, trazendo algumas interpretações a respeito da obra freudiana, questionando como os psicanalistas não conseguiram entender o que Freud estava querendo dizer. Nas palavras da autora:

Portanto, quando Freud – em relação à origem da inversão – nos diz que nossa investigação nos colocou na posse de certos conhecimentos que talvez venham a ser de maior importância para nós do que a própria solução do problema, ele problematiza a sexualidade humana, afirmando um dissenso entre pulsão sexual e o objeto sexual, muito mais intrigante do que a mera e evidente observação comportamental nos sugeriria. E é de se perguntar, ainda uma vez, por que os psicanalistas não conseguiram ler o que assim estava escrito. (CORREA, 2003, p. 1111)

Em um tom bastante otimista, a autora fala em algo que poderia remeter a mudanças no discurso psicanalítico em relação à homossexualidade. Ela afirma que “atualmente tem crescido a pesquisa clínica e teórica sobre a homossexualidade, fato que parece ter sido facilitado pela abertura verificada nas instituições psicanalíticas”. (CORREA, 2003, p. 1115). A sensação de ambiguidade tomou mais uma vez conta de mim. Ao menos nos artigos publicados na Revista Brasileira de Psicanálise demonstravam-se outro movimento. Sem identificar quais tipos de publicações a que ela se refere, Correa afirma que “consultando as publicações é inegável que algo está se movimentando no discurso psicanalítico descolando a homossexualidade de um diagnóstico patológico”. (CORREA, 2003, p. 1115). Independente de haver ou não esse movimento referido pela autora, evidenciamos mais uma vez que ainda há no discurso psicanalítico a associação entre homossexualidade e um diagnóstico patológico. Ao longo do texto, vamos seguindo outras pistas que, apesar de indicarem uma perspectiva crítica, destacando a importância da revisão da teoria, nos apontam para a forma como o discurso hegemônico foi se constituindo:

Portanto, o fato de coexistirem patologias as mais variadas (fobias, depressão, estados limítrofes, sexualidade compulsiva, e perversões), em pacientes de orientação homoerótica, foi enganosamente identificado como “paciente homossexual”. Confundiu-se a compreensão psicodinâmica e psicopatológica com a orientação sexual dos sujeitos. Quase um século depois, Freud é revisitado e redescoberto. (CORREA, 2003, p. 1116)

A partir do excerto acima, a pergunta é mais uma vez – será? É possível revisitar e redescobrir Freud trazendo uma visão distinta daquela que durante mais de cem anos vem se produzindo? Tal argumento não pode vir a ser uma forma de continuar a ver a homossexualidade como uma inversão ou desvio, conforme bem descrito na obra freudiana? Tais palavras não remetem a algo positivo. E evidenciando, mais uma vez, o preconceito nas teorias vigentes, a autora conclui: “Para nós, psicanalistas, é importante a revisão de nossas teorias sobre o assunto, revendo nossos preconceitos, sem resvalarmos também para uma posição superficial derivada da culpa pelos erros cometidos.” (CORREA, 2003, p. 1117).

Nepomuceno, nesta direção, nos traz uma questão sobre a qual é possível fazer algumas reflexões:

Que peso tiveram o meio sociocultural e o momento histórico na concepção da masculinidade e feminilidade freudianas? Seria redutivo não levar em consideração tais fatores, embora Freud certamente pretendesse falar de um lugar situado além do circunstancial (seja de que natureza fosse) e fundamentar uma visão que tivesse validade universal. (NEPOMUCENO, 2001, p. 1024)

O trecho acima nos remete ao enunciado já discutido de universalidade do mito e da raiz filogenética no discurso psicanalítico quando afirma que Freud não consideraria o meio sociocultural e histórico e buscaria que sua visão tivesse “validade universal”. É um trecho que se volta a questões como cultura, sociedade e história para problematizar a psicanálise, como faz Correa (2003). É importante salientar que ambos os textos apresentados neste bloco são as publicações mais recentes e que, embora em alguns momentos tensionassem enunciados cristalizados no discurso psicanalítico, ainda fazem parte da mesma formação discursiva, apresentando diversos pontos convergentes com outros enunciados que já abordei até aqui.

#### **6.4 O complexo de Édipo**

E o que aparece sobre o complexo de Édipo quando se usa os termos homossexual, homossexualidade e homossexualismo para fazer a busca por artigos? Ao longo de todo este capítulo, expressões como *edípico* e *pré-edípico* apareceram frequentemente. Fica evidente

que o Édipo está arraigado e é estruturante no discurso da psicanálise. O antes e o depois do Édipo na vida do sujeito – se este se constitui ou se este se constituiu de forma plena, se a cena primária foi ou não internalizada, etc. – é algo central nos textos quando as analisandas e os analisandos são caracterizadas e caracterizados como narcísicas, narcísicos, perversas, perversos, neuróticas, neuróticos; fala-se muito em objeto quando se fala do Édipo, se se está fusionado, identificado, apaixonado, temente. A história edípica é contada em cada caso clínico apresentado sem a necessidade, muitas vezes, de se nomear o complexo de Édipo.

Diferente do que usualmente se observa e que é frequente nos excertos que destaquei tanto neste capítulo quanto nos anteriores – falando da teoria psicanalítica a partir do mito edípico –, um trecho de um artigo me chamou a atenção por ser muito semelhante com a relação que fiz no capítulo anterior, apontando que a “homossexualidade” de Laio – pai de Édipo – teria sido responsável pelo castigo que criou o mito edípico. Em última análise, eu diria: a homossexualidade funda a psicanálise tal como a temos hoje. Transcrevo abaixo o trecho que o autor intitulou “Homossexualismo e tragédia de Édipo”:

Associei algo enquanto elaborava o trabalho e suponho, portanto que tenha a ver com ele. Trata-se de Laio e seu filho Édipo.

Laio, filho de Lábdico, rei de Tebas, compreende que, com a morte do pai e sendo ainda muito jovem, não poderá dirigir um estado. Temendo ser morto por usurpadores do reino, foge para Elida onde Pélope, o rei, o acolhe sem restrições.

Crísipo, filho adolescente de Pélope, ao ver Laio, apaixona-se de imediato por ele, no que é plenamente correspondido. Ambos, às escondidas, vivem um amor irrefreável. Descobertos no idílio secreto, Laio, em desespero, tenta raptar o amado. O povo escarnece, impiedoso, e Crísipo suicida-se. Laio, temendo Pélope, retorna a Tebas reavendo o reino perdido.

Pélope, o pai duas vezes ferido, em vergonha e luto, lança tão veemente maldição contra Laio, que esta é imediatamente endossada no Olimpo. Estava, assim, traçado, junto ao de Laio, o destino daquele que um dia iria matá-lo e possuir seu reino e mulher. O homossexualismo e sua amaldiçoada consequência precedem, na tragédia de Édipo, ao incesto e ao parricídio. (NETO, 1985, p. 19)

O autor continua seu texto, não se referindo à irônica potência criadora da homossexualidade como busquei apontar, mas remetendo ao caráter ameaçador da mesma, tendo em vista o temor do povo ao saber de Laio e Crísipo:

Neste sentido, o caráter ameaçador do homossexualismo, visível no mito pelo escárnio do povo em relação ao idílio de Laio e Crísipo – escárnio este, como



uma expressão de temor – parece ser sua tendência a interferir, negativamente, na unificação do Ego, com implicações no narcisismo, na manutenção de auto-imagem e a todo possível desenvolvimento mental a partir daí. (NETO, 1985, p. 20)

Katz e Gley explicam o que acontece com a libido homossexual no processo de desenvolvimento dentro da trajetória edípica:

Inicialmente se reconhecem os objetos como similares ao ego, isto é, sem diferenças sexuais, portanto, investidos de libido homossexual. Mais adiante, quando a pessoa percebe a diferença entre os sexos, sua escolha objetal é heterossexual, e o que resta da libido homossexual é sublimada, dessexualizada, passando a sustentar as ligações sociais, como as amizades, e a facilitar as sublimações. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1062)

No trecho anterior percebemos a importância da libido homossexual, em que ela é dessexualizada para facilitar as amizades, de acordo com o texto. Será que, a partir da lógica então destacada, é possível uma amizade entre pessoas de sexos diferentes? A libido heterossexual sempre será sexualizada? A lógica do excerto acima é de que a homossexualidade tem o seu papel na constituição da heterossexualidade. Outros autores e outras autoras também trabalham nessa perspectiva. No bloco a seguir busco entender quais são as homossexualidades possíveis no discurso psicanalítico.

### **6.5 A homossexualidade como algo possível**

Nos artigos que tinham como palavras-chave os termos homossexual e/ou homossexualidade e/ou homossexualismo, obviamente tais expressões estiveram mais presentes. Era possível se falar da homossexualidade, pois ela já não estava mais invisibilizada no discurso, como vimos no capítulo anterior quando usamos por palavra-chave o “complexo de Édipo”. Mas qual homossexualidade é possível aparecer? Qual é a homossexualidade permitida no discurso psicanalítico? Podem-se verificar alguns movimentos de ruptura à lógica que fomos observando ao longo dos capítulos, mas que a rede enunciativa presente na maioria dos textos remete ao discurso que sustenta e afirma a heterossexualidade como norma. A homossexualidade permitida é aquela que faz parte do processo de produção da heterossexualidade. A homossexualidade permitida é aquela que não resulta no homossexual

ou na homossexual. Esse tipo de homossexualidade é muitas vezes usada como recurso terapêutico a fim de se resgatar a homossexualidade estruturante, responsável também no caminho rumo à estrutura neurótica do sujeito. Mais uma vez, como vimos na história de Laio, pai de Édipo, a homossexualidade precede o tabu do incesto e a heterossexualidade, e é, a partir daquela, que esta se concretiza. Não se tratando da homossexualidade como processo, outra forma que aparece é a de existência possível, mas não permitida, ou seja, que deve ser tratada – forma entendida como problema.

No sentido de que as homossexualidades permitidas são aquelas que participam do processo edípico, trago um fragmento em que Rocha (1995) relata um caso clínico. Segundo o autor, é necessário o desenvolvimento da homossexualidade estruturante, a qual foi falha em seu processo pré-edípico. Ele contextualiza o que chamou sua atenção no início da análise destacando os “aspectos ‘limites’ do analisando talvez em função de se tratar de um “pai (que) é ‘frouxo’, que abandona, que não impede o incesto-fusão, é um pai que não o separa, não o castra da mãe, não o livra de uma relação de indiferenciação narcísica: a loucura”. (ROCHA, 1985, p. 181). Após apresentar o caso, mostrando que se trata de uma estrutura psíquica que tem aspectos limites em sua organização, o autor lança a pergunta: “Seria o apoio paterno – homossexualidade simbólica estruturante – o que possibilitaria uma saída para a pré-geritivalidade narcísica?” (ROCHA, 1985, p. 184). Na sequência do texto é apresentada a resposta, a partir de Freud, abordando a universalização da homossexualidade estruturante para os homens:

A homossexualidade estruturante é, segundo Freud, a possibilidade de captação simbólica do falo paterno num movimento identificatório que implica uma identificação feminina – uma castração. É um momento comum a todos os homens, o lado difícil da superação do complexo de Édipo, que não seria completo sem ele. (ROCHA, 1985, p. 184)

Butler pode nos ajudar a pensar esta questão quando afirma, a partir do Três Ensaio da Sexualidade de Freud:

Em outras palavras, para que a heterossexualidade permaneça intata como forma social distinta, ela *exige* uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente ininteligível. Na psicanálise, a bissexualidade e a homossexualidade são consideradas predisposições libidinais primárias, e a heterossexualidade é a construção laboriosa que se baseia em seu

recalcamento gradual. Ao mesmo tempo que esta doutrina parece encerrar uma possibilidade subversiva, a construção discursiva da bissexualidade e da homossexualidade presente na literatura psicanalítica refuta a afirmação de seu *status* pré-cultural. (BUTLER, 2003, p. 116)

No caso relatado anteriormente, Rocha mostra que essa homossexualidade estruturante da heterossexualidade vai sendo reconstruída na clínica. Esta é a homossexualidade como predisposição libidinal primária conforme aponta Butler a partir de Freud. Butler propõe que pensemos sobre tais predisposições – a bissexualidade e a homossexualidade – e por que elas teriam que ser abandonadas. No caso clínico, Rocha afirma: “Existia uma busca de transferência homossexual que era trazida como material ligado ao pai. O ‘apoio’ e o personagem do sonho que tenta penetrá-lo por trás estão relacionados à transferência comigo.” (ROCHA, 1985, p. 186). Ele ainda faz uma analogia a algumas vezes em que o analisando precisou entrar de carro em marcha à ré pela rua do consultório como parte do processo terapêutico: “A marcha à ré conotaria, ao mesmo tempo, um movimento que diria respeito à busca da homossexualidade simbólica estruturante e um movimento regressivo em direção a um estado fusional de indiferenciação narcísica.” (ROCHA, 1985, p. 188).

Neste ponto é importante a descrição freudiana da resolução do Complexo de Édipo: “As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao Complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro lado, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual da criança” [Freud, 1976 – A dissolução do Complexo de Édipo (1924) In *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Edição Standard Brasileira, Volume XIV, Imago]. Em Antoine este movimento estruturante encontra-se prejudicado. (ROCHA, 1985, p. 185)

Katz e Gley (1996) também apresentam um caso clínico e falam da escolha homossexual como uma etapa do desenvolvimento. O texto foi publicado uma década após a publicação do artigo de Rocha (1985), abordado anteriormente, mas a rede enunciativa segue-se a mesma:

A escolha homossexual do objeto forma-se com base no modelo de relação do sujeito com a sua própria pessoa, isto é, tem características marcadamente narcisistas. Nas suas primeiras elaborações da noção de narcisismo, Freud [Freud, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. *S.E.*, vol. XIV] fez da escolha narcisista homossexual uma etapa do desenvolvimento normal que leva o sujeito do narcisismo à heterossexualidade. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1064)

No parágrafo seguinte, os autores falam da falha no processo de desenvolvimento, em função de alguma fixação em determinada etapa, como foi o caso clínico analisado. Nas palavras dos autores:

Em muitas circunstâncias ocorre uma fixação nesta etapa do desenvolvimento e, embora o indivíduo manifestamente seja um heterossexual, existe uma disposição a uma escolha homossexual que se mantém escondida, como podemos constatar em Daniel. (KATZ; GLEY, 1996, p. 1064)

O enunciado da homossexualidade escondida também aparece no artigo “Mito e *Malleus Maleficarum* – a misoginia a serviço da religião”. O autor faz uma análise sobre as mulheres consideradas bruxas na Idade Média e sobre a Inquisição. Discute a constituição do feminino e do masculino. Especificamente sobre a homossexualidade, a partir do resumo do artigo, é possível destacar o termo homossexualidade inconsciente:

O autor também discute as possíveis razões dinâmicas do comportamento dos Inquisidores, centrando-se em sua necessidade de culpabilizar, sua homossexualidade inconsciente e a cisão da imagem materna entre mãe demonificada, de um lado, e mãe idealizada, de outro. (PERDIGÃO, 1992, p. 539)

A homossexualidade inconsciente pode ser mencionada no discurso psicanalítico desde que integre a ordem do patológico. Ela acomete heterossexuais, mas segundo o texto, está no âmbito paranoide. Seria uma homossexualidade possível, mas não permitida, visto ser um problema a ser tratado:

Os Inquisidores exigiam descrições detalhadas de todas as minúcias. Frosch [Frosch, J. (1983). *The psychotic process*. Madison, CT: International Universities Press], discutindo o papel da homossexualidade inconsciente na constelação paranoide, descreve homens que, como pré-requisito para excitação sexual, têm que ouvir suas mulheres ou amantes descreverem atos

sexuais praticados por outros homens. Para esses homens, a mulher tem a função de estabelecer um contato direto com outro homem. Além disso, ela é usada de objeto sacrificial para prevenir o contato indireto com outro homem. (PERDIGÃO, 1992, p. 548)

Seguindo o enunciado de que a homossexualidade possível é a que não resulta em um sujeito homossexual, Nepomuceno busca apoio em McDougall para enfatizar a importância do desejo bissexual ou homossexual a favor do que me permiti chamar de “bom heterossexual”. De acordo com o texto, a libido homossexual, se bem conduzida, traz benefícios importantes. A possibilidade do sujeito ser homossexual não é considerada:

McDougall [McDougall, J. (1998). O pai morto: sobre o trauma psíquico infantil e sua relação com o distúrbio na identidade sexual e na atividade criativa. In *O enigma dos Sexos*. Rio de Janeiro: Imago] diz que a libido homossexual, desviada do seu duplo objeto originário (“possuir o genitor do mesmo sexo... e ser o genitor do sexo oposto”), encontra muitas vias de integração na personalidade adulta: enriquece a auto-imagem narcísica de cada indivíduo, como também, o próprio relacionamento heterossexual (através da identificação com o prazer do parceiro) e, por outro lado, tem papel importante no processo criativo geral (bastante dependente da integração de impulsos e fantasias bissexuais). (NEPOMUCENO, 2001, p. 1033)

Nigri, por sua vez, aborda em seu artigo a inveja do pênis, e fala de uma homossexualidade da ordem do impossível ou, pelo menos, do evitável. Segundo o autor, na condução da análise há o perigo de se criar uma mulher-homem (será uma lésbica?), retomando o enunciado de que a homossexualidade é algo a ser evitado, algo a se temer. O discurso reitera a heteronormatividade em vários aspectos. A ideia de que uma mulher deva desenvolver sua feminilidade (normativa) fica bem evidente no texto. Criar uma mulher-homem é um problema para o autor. Além disso, ele recorre a outro enunciado: o psicanalista ou a psicanalista é um ser de grande poder na adequação da sexualidade ao sexo do sujeito.

O que conseguimos em geral numa análise a respeito da inveja (do pênis) é retirar o caráter destrutivo da mesma, diminuir o sentimento de culpar persecutório e proporcionar condições do analisando de obter seus próprios meios o objeto invejado. A primeira parte disto conseguimos quanto à inveja do pênis primária, mas a segunda é de resolução duvidosa: se, raciocinando por absurdo, imaginarmos uma mulher obtendo realmente um pênis, estaríamos resolvendo um problema mas às custas de criar uma mulher-homem. Talvez nesse caso, realmente, o melhor é que tal desejo do pênis

possa ser sublimado diminuindo assim a necessidade de inveja e proporcionando à mulher maior possibilidade de investimento libidinal em sua feminilidade. (NIGRI, 1981, p. 213)

Esse mesmo autor traz um caso clínico em que relata uma relação homossexual de uma analisanda, esta teria por motivação evitar o contato com o pênis, objeto invejado:

Foi então visto que a relação homossexual seria uma maneira de não entrar em contacto com o pênis, o objeto desejado. Fugia dele como fugia das sessões pela inveja que sentia de mim. Passou a vir com assiduidade às sessões, está agora tentando conseguir outro emprego para também poder sair da casa dos pais. Continua insistindo na “paquera” a uma mulher e neste ponto que se encontra sua análise. (NIGRI, 1981, p. 216)

Embora o autor faça algumas considerações sobre o que levaria a moça à homossexualidade, não faz julgamento moral e tampouco estabelece uma estratégia de procedimento analítico para reversão do quadro. No artigo, não mostra como a análise continua, mas parece que aí temos uma homossexualidade possível sem ser um processo para a heterossexualidade. Entretanto, outro trecho retirado desse mesmo artigo indica que o analista nunca teve em sua prática clínica pessoas que usassem do “homossexualismo” senão para evasão de angústias. Sendo assim, o enunciado possível de homossexualidade é o que remete a alguém necessariamente angustiado:

Desejo deixar claro que o termo Homossexualismo, neste trabalho, denomina as funções duma relação sensual e/ou sexual entre indivíduos do mesmo sexo *quando tais funções visam à evasão de angústias*. Não vejo como implícito que todo contato daquele tipo tivesse tais funções evasivas. Podem não ter e serem apenas uma maneira de se obter prazer com o próprio corpo ou de outrem; contudo jamais tive oportunidade de ver, na prática analítica, casos assim, em que a relação homossexual funcionasse apenas como forma de obtenção de prazer sensorial, dissociada de angústias. (NIGRI, 1981, p. 216)

Butler (2003) afirma que não ser reconhecido socialmente como heterossexual implica na perda de uma identidade social que é pertinente “em troca de uma que é radicalmente menos sancionada”. (BUTLER, 2003, p. 117). Esta última – a homossexualidade no nosso caso de análise – talvez possamos chamar de possível apenas se estiver dada como um problema ou como etapa de um processo, mas não como fim, senão ela circula pela ordem daquilo que Butler chama de *impensável*. “O ‘impensável’ está assim plenamente dentro da

cultura, mas é plenamente excluído da cultura *dominante*.” (BUTLER, 2003, p. 117). Quanto ao fato de a teoria psicanalítica presumir a bissexualidade ou a homossexualidade como etapas do processo do desenvolvimento antes do período edípico (ou, como nos coloca Butler, “antes” da cultura, como “fonte de uma subversão pré-discursiva”), faz com que ela (a cultura e a psicanálise como integrante desta cultura) autorize a homossexualidade e a defesa (como processo) ao passo que se opõe a ela e a proíbe (como resultado).

Além da teoria supostamente defender a homossexualidade (ao menos enquanto processo e não como fim), há quem diga que Freud também era um defensor das minorias sexuais. A seguir, no último bloco deste capítulo, destaco alguns enunciados sobre a defesa freudiana da homossexualidade, junto com algumas considerações que julguei pertinentes. Este Freud subversivo – trazido por alguns e por algumas – parece estar em um âmbito do que poderíamos chamar de pré-discursivo ou anterior à cultura psicanalítica, tendo em vista que ele não é tomado pela mesma, e parece, pelo contrário, encaixar-se na mesma lógica apresentada no parágrafo anterior: a defesa que alimenta a proibição.

## 6.6 Freud – simpático aos homossexuais e às homossexuais

Para fechar este capítulo ressaltando a sensação de ambiguidade que referi algumas vezes aqui e de forma mais intensa no início da tese, destaco a importância dada em alguns textos à simpatia de Freud em relação às homossexuais e aos homossexuais. Os trechos citados são dos textos mais recentes que se destacaram no bloco analisado que revia e questionava a psicanálise. É um contra-discurso semelhante ao contido no livro “As homossexualidades na Psicanálise” (QUINET; JORGE, 2013), que busca uma certa torção no discurso psicanalítico, torção esta que considero um pouco perigosa, pois parece que se coloca um tapete (mágico?) sobre toda a rede enunciativa que vimos até aqui e que é o que estrutura o discurso psicanalítico.

Um autor fala das biografias de Freud e de uma suposta homossexualidade do mesmo:

Por outro lado, na esfera privada. Freud era bem mais matizado em relação a esse tema. Assim, tanto em suas biografias críticas [Isbister, J. N. (1985). *Freud – An introduction to his life & work*, Cambridge: Polity Press], como nas favoráveis [Gay, P. (1989) *Freud – Uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras], há referências explícitas aos elementos homossexuais da sua relação com Fliess, embora, claro, em tons

diferenciados. E, como frisa Gay, Freud não se furtava a falar, por iniciativa própria, daqueles elementos em si e no seu amigo Fliess, nos seus discípulos (como Adler, Stekel, Jung e Ferenczi) e até mesmo na relação com seu cirurgião, Prof. Pischler. Acrescenta, aquele autor, que Freud concorda com Jones, quando este interpreta sua relação com Fliess em termos de uma relação homossexual. Falando, ainda, da importância da relação de Freud com Fliess e sua “mais fiel tradução”, Jung, na construção das suas concepções sobre paranóia e homossexualismo (considerando o episódio um exemplo da capacidade sublimatória de Freud). (NEPOMUCENO, 2001, p. 1030)

Mais adiante acrescenta outros pontos que justificariam um Freud favorável à homossexualidade: sendo contrário a Jones na recusa de um candidato homossexual à formação analítica, além de outras assinaturas a manifestos e publicações de Freud. O autor, fato que achei bastante destacável, não fala da carta à mãe norte-americana de um homossexual dizendo que a homossexualidade não é doença nem vergonha, a qual frequentemente é citada quando estamos diante de enunciados que trazem Freud como um simpatizante da homossexualidade:

Há, ainda, um Freud simpático aos direitos homossexuais, revelado em situações apontadas por Lewes [Lewes, K. (1995). *Psycho-analysis and male homosexuality*. Northvale, NJ: Jason Aronson]. Em 1921, Freud desaprova a atitude de Jones que recusara um candidato homossexual à formação analítica, afirmando que “... não podemos excluir tais pessoas sem outras razões ... (e) ... uma decisão em tais casos deve depender de um completo exame de outras qualidades do candidato”. A posição de Jones, oficialmente, era baseada no fato de que o candidato, na condição de homossexual, não seria, segundo ele, analisável e assim não poderia, por sua vez, analisar pacientes. Ou, a real base de sua posição era o compartilhar da opinião, apontada por Calligaris [Calligaris, C. (2000). Escoteiro, homossexual e gentleman. *Folha de S. Paulo* (4 de maio, “Ilustrada”: 10)] como “preconceituosa”, mas comum a muitos, de que quem não é “conforme o figurino (heterossexual) deve ser especialmente obcecado por sexo”? A propósito, uma das questões levantadas por Kernberg [Kernberg, O. F. (1998). Conferência e debate realizados na Assoc. Médica de Brasília (organizados pela SPB, em 24 de agosto) a respeito de candidatos homossexuais, é se eles podem sustentar, efetivamente, a situação transferencial com mulheres. Em 1928, segundo ainda Lewes, Freud contribuiu para a coletânea de artigos feita em homenagem ao *scholar* homossexual Magnus Hirschfeld (aquele com quem polemizara nos “Três ensaios...”); em 1930 assina manifesto público pela descriminalização da homossexualidade na Áustria e na Alemanha e, em torno também dessa época, concede entrevista a jornal vienense, afirmando que o homossexualismo não era doença, e, mesmo classificando como perversos “grandes pensadores e estudiosos de todos os tempos”, frisava que eles eram



admirados exatamente pela sua “saúde mental”. (NEPOMUCENO, 2001, p. 1031)

Pergunto, entretanto, em que isso muda o que temos de produção discursiva até aqui? Se Freud era homossexual (ou melhor, sublimava sua homossexualidade), se Freud apoiava os homossexuais, isto não é o que venho encontrando na rede enunciativa que organiza a teoria psicanalítica no recorte escolhido. A vida de Freud pode ter impacto para um documentário, para suas biografias. O fato é se realmente Freud era um defensor da homossexualidade, o discurso psicanalítico se mostra ainda mais forte em relação a tratar a homossexualidade como algo anormal, visto que mesmo com o pai da teoria sendo favorável a ela – seguindo o que os dois excertos anteriores apontam –, não é isto que se observa ao buscar quais efeitos sua obra produziu na cultura. Nesta tese, circunscrevo a cultura psicanalítica brasileira tradicional – representada pela Revista Brasileira de Psicanálise. Entretanto, considerando o psicanalismo de Robert Castel e a ideia de norma em Foucault, tenho claro que não estou falando apenas dessa cultura circunscrita, mas sim de tudo que se produz a partir dela e tudo que também a produz. Correa faz um comentário que responsabiliza os psicanalistas e as psicanalistas pelo caminho trilhado, afirmando que Freud não teria dito que se corrigissem os homossexuais. A autora evidencia com sua fala o discurso psicanalítico que traz a homossexualidade como erro, apesar de questionar a ação da psicanálise:

O que nos interessa é discutir como e porque os psicanalistas trabalharam durante anos a questão dos invertidos, aqueles que “têm sentimentos sexuais contrários” [Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII], como algo a ser corrigido, ou transformado, já que ele nos diz que há alguns invertidos que consideram legítima a sua opção, e que outros se revoltam, e que é com estes últimos que “a psicanálise pode agir”. (CORREA, 2003, p. 1109)

Talvez estejamos no caminho de novas construções, mas há muito muro para se destruir; mais do que isso, há muito alicerce para se desenterrar, e talvez o Édipo seja o mais profundo. Questiono-me, inclusive, se não se trataria da pedra fundamental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se compus ou não o que outrora chamei de uma obra de arte particular, ainda não sei. Lá no início eu falava que a escrita para mim teria que ter algo que me afetasse, algo de frio na espinha, algo que chamo de arte. Não sabia como a escrita acadêmica conseguiria chegar perto disso. Descobri, ao longo do processo, que é justamente ele (o próprio processo) o que mais importa, e por ele fui afetada. Mais do que escrever esta tese, eu me senti sendo escrita por ela. É impossível registrar em um texto a intensidade do pensamento. A escrita me pareceu um exercício de captura de ideias ou a tentativa disso. Foi também um exercício de respeito a muitas ideais de vários outros e outras. Existia, diante do teclado, que clamava por produção, alguém com crenças, verdades e ideais. E esse alguém – no caso, eu – se propôs a fazer um exercício arqueológico. Convidou, então, outros e outras com suas crenças, suas verdades e seus ideais para um baile. Baile que aquela que estava diante do teclado tencionava apenas registrar. Mas a intenção não se concretizou porque ali havia algo passional. Eu era uma arqueóloga que também tinha parte de si enterrada naquele sítio em que trabalhava. Acabei bailando junto. Mas bailei sem uma coreografia ensaiada, em uma mistura de valsa com dança contemporânea. Em uma parte, ao longo dessas páginas, falei de *um intenso e encadeado bailar da formação discursiva* que eu ia mapeando para compor o texto. Espero que tenha conseguido abrir as chaves dos cadeados desse baile, desencadeando a cadência nem que seja apenas um pouquinho, ou, ao menos, mostrando minha vontade de fazê-lo e desejando que tal vontade atinja outros e outras.

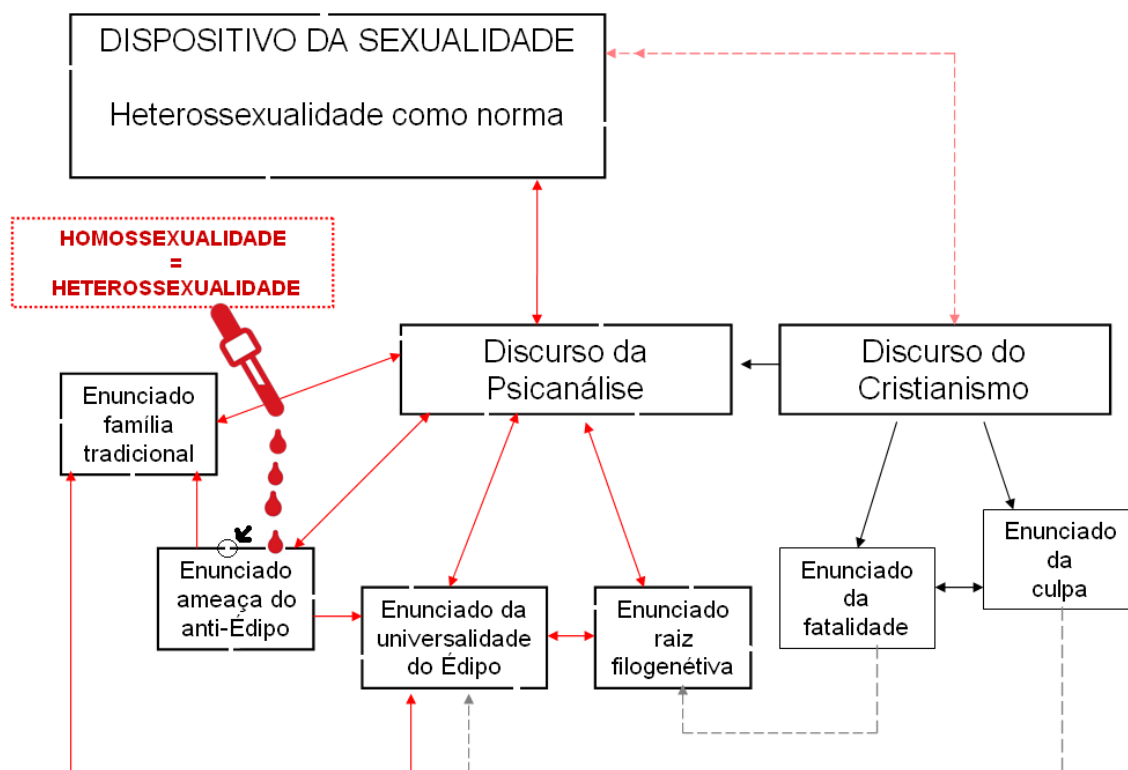
Fui desenhando, colando elementos daqui e dali. E ao olhar o caminho trilhado, sinto o frio na espinha. Aí falo do espetáculo particular que o processo me propiciou: a tese escrita é como um retrato dele, impossível narrar toda sua potência. E muitas coisas que se tornaram tão evidentes, pareciam aqui, ao final, tão óbvias. Mas foi necessário um longo percurso para enxergá-las assim. Por exemplo, diferente de eu pensar que a psicanálise não falasse muito de homossexualidade, ela é tagarela a seu respeito, mesmo que seja pela via do silêncio. A homossexualidade corre viva nas veias da psicanálise. Ela é tão central quanto o complexo de Édipo. É central porque, afinal, a sexualidade é a base da teoria. É a partir do comportamento homossexual – condenado na história mitológica grega – que surge a profecia que daria origem ao mito edípico. A partir do castigo de Laio – pai de Édipo –, a saga edípica se

instaura. A homossexualidade não é esquecida, não é negada, ela é o pontapé inicial. Se Foucault nos coloca que nunca se falou tanto em sexo quanto no início do século XX, da mesma forma nunca a homossexualidade esteve tão presente em uma teoria quanto na psicanálise. Ela estava presente mesmo na sua ausência na escrita. Ela se fazia presente como o mais eficiente sinalizador. Era o temporizador do processo: indicava a fase do desenvolvimento, comunicava que algo não ia bem, ou se calava enunciando o sucesso. A homossexualidade moldou a psicanálise. Assim como um fantasma, algo que estava ali, todos e todas sabiam, todos e todas consideravam, não precisava se falar a respeito, era uma fala sem palavras e isso ficou evidente na sua invisível presença nos artigos que continham o termo complexo de Édipo. Quando Freud usou o termo “invertido” nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, em 1905, ele assinou o contrato de fidelidade. A psicanálise não se sustenta sem a homossexualidade. Entretanto, ela apenas permite um tipo de homossexualidade que está completamente arraigado na heteronormatividade. Ela dá um valor imenso à homossexualidade primária, a qual chama por vezes de estruturante – sem ela não há o Édipo. Mas tal como no mito – Laio parece ter esquecido Crísipo –, o sujeito sublima o amor homossexual e deve achar uma Jocasta para se apaixonar. Em uma primeira leitura, achei que teria me dado conta de algo inovador: a homossexualidade de Laio seria o mito fundador do Édipo e, por sua vez, da psicanálise que o tem como central. Doce ilusão da jovem pesquisadora! O que isso tem de inovador? Nada. Esta é exatamente a teoria. Freud traz a bissexualidade primária, ele a aponta claramente. É a homossexualidade ou a bissexualidade primárias, forjadas como pré-discursivas, que posteriormente serão proibidas de integrar a cultura, como Butler nos alerta. Édipo é o que inicia a cultura e o caso de Laio fica omitido. A história só começa a ser contada mais tarde, a era do discurso é tardio e é ele que salva o sujeito – seguindo o modelo de *via crucis* do cristianismo –, levando-o a integrar o mundo pela via do que foi nomeado de neurose, sendo, finalmente, um sujeito heterossexual. A homossexualidade – a qual caracteriza *gays* e *lésbicas*, não a primária e estruturante – é a prova cabal de que o processo falhou, de que o sujeito – talvez seu pai, talvez sua mãe – não seguiu as palavras da salvação psicanalítica de maneira adequada!

Retornando ao tom de ambiguidade que acompanhou momentos desta escrita, depois de um parágrafo crítico à teoria psicanalítica, preciso mencionar algumas brechas. Ao longo do texto mostrei um esquema em que injetava com uma seringa a homossexualidade

equiparada à heterossexualidade e propunha o risco de tal esquema desmoronar. Observando outras possibilidades, artigos e autores e autoras que traziam outras abordagens, pensei: e se fosse com um conta-gotas?

Figura 4 – Esquema ilustrativo de rede discursiva com a introdução, através de conta-gotas, da homossexualidade equiparada à heterossexualidade



Fonte: A autora.

Existem movimentos nesse jogo discursivo, uma vez que o discurso não é algo estanque, que causam pequenas fissuras (como busquei destacar na imagem), que, talvez, abalariam o esquema. Podemos imaginar uma gota caindo em um lago de água parada ou uma gota de água caindo em um terreno arenoso ou lodoso. Há movimento onde a gota cai.

Se imaginarmos uma bacia de água (para delimitarmos nosso lago) tingida com corante amarelo e pingarmos gotinhas azuis veremos que, entorno do pingo, a coloração fica esverdeada. Por que faço todas essas perguntas? Não é a intenção demonstrar um experimento

didático de química. A ideia é pensar, a partir dessas imagens, no efeito conta-gotas. Um exemplo, mesmo não estando contemplado no período analisado, é o volume 48 da Revista Brasileira de Psicanálise (número 4 de 2014) que traz uma edição especial sobre Sexualidade. Neste volume aparece o único artigo que tem tanto o termo complexo de Édipo quanto homossexualidade nas palavras-chave, título ou resumo, desde o primeiro volume analisado de 1980 (são quatro volumes por ano) até o primeiro volume de 2015. Para chegar a esta afirmação, busquei os artigos das edições que (ainda) não estão indexadas (da primeira de 2011 até a última publicada em 2015) e sinalizei aquelas que continham os termos complexo de Édipo e homossexual, homossexualidade ou homossexualismo.<sup>29</sup> Com o termo complexo de Édipo encontrei oito artigos, com os termos homossexual, homossexualidade ou homossexualismo foram quatro e o único que se repetiu em ambas as categorias foi o texto intitulado Repensando o complexo de Édipo. (FIORINI, 2014). É um artigo curto, de oito páginas, mas que levanta várias questões importantes. Um dos primeiros pontos a destacar é o peso institucional da autora. No artigo consta que ela é médica, psicanalista didata e presidente da Associação Psicanalítica Argentina (APA). Além disso, foi diretora editorial da Associação Internacional de Psicanálise e da APA. O texto traz mais perguntas do que respostas. A autora apresenta a teoria freudiana, afirmando criticamente que a resolução edípica na teoria original sempre leva à heterossexualidade: “Com qualquer uma dessas explicações, a resolução edípica indica a escolha heterossexual do objeto, no âmbito da unificação pulsional, o acesso à exogamia e a formação do Superego.” (FIORINI, 2014, p. 49). Fiorini traz o complexo de Édipo como uma metáfora, divergindo da ideia de mito universal cunhada por Freud, ao afirmar que “sustento também que não haveria uma ordem simbólica eterna e imutável”. (FIORINI, 2014, p. 48).

A autora ainda corrobora com a ideia de a homossexualidade ser relacionada à perversão na psicanálise tradicional e se posiciona contrária a tal afirmação, salientando “que homossexualidade e perversão não podem ser automaticamente equiparadas. Não existe *uma* homossexualidade e nem todas as homossexualidades são perversão.” (FIORINI, 2014, p. 52).

Este artigo é importante no sentido de criar brechas ao que estou apresentando, uma vez que ele foi publicado na Revista Brasileira de Psicanálise. O texto afirma a existência de um discurso em que a homossexualidade é vista como perversão e da existência de um mito

---

<sup>29</sup> Apresento uma tabela com os artigos encontrados nos Apêndices A e B.

universal que indica a heterossexualidade como desfecho “normal” e, além disso, coloca tais pontos em questão.

Em resumo, nossa proposta baseia-se na necessidade de distinguir entre as diferentes formas de homossexualidade, acentuar que cada uma delas corresponde a mecanismos psíquicos distintos, enfatizar que são conseqüência de processos de historicização particulares de cada sujeito, descentrar as equiparações indiscriminadas entre homossexualidade e perversão, e recordar que as perversões existem tanto heterossexualidade quanto na homossexualidade. (FIORINI, 2014, p. 52)

É o que chamei de efeito conta-gotas. Talvez isso sinalize uma possibilidade de mudança no discurso dentro da psicanálise tradicional. É um texto que não nega a construção feita pela psicanálise até o momento, examinando e apontando falhas e sugerindo mudanças. É importante, além de considerarmos o peso institucional da autora como presidente da APA, o fato de a Argentina ser, ao mesmo tempo, a nação da América do Sul com a maior penetração da psicanálise e também o país com a legislação mais democrática no que tange à orientação sexual e, sobretudo, à identidade de gênero. Tais condições podem potencializar o encontro de duas formações discursivas (a que sustenta o complexo de Édipo e a que constrói uma alternativa social à ameaça do anti-Édipo), o que pode mostrar o efeito do encontro.

Nos artigos analisados, destaquei um, no trecho que chamei de Oásis. Hanly (1995), um autor no deserto que não invisibilizava e também não tratava a homossexualidade como algo anormal. Este autor, por sua vez, é um psicanalista canadense, foi presidente da IPA de 2009 a 2013. Convém destacar que o Canadá foi um dos primeiros países a reconhecer a união civil e o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Mais uma vez as duas formações discursivas, conforme apontei anteriormente, talvez tiveram seu encontro potencializado. Como gotas no esquema que apresentei, existem artigos que trazem a possibilidade de ruptura no discurso hegemônico. Cito estes dois em especial por estarem inseridos no veículo de informação escolhido como campo de análise para esta arqueologia. É evidente que temos outros autores e outras autoras que propõem uma revisão da teoria psicanalítica se sairmos do âmbito do que chamei de psicanálise tradicional ligada a IPA. O argentino Ricardo Rodulfo é um exemplo que convém mencionar, uma vez que ele critica o complexo de Édipo como centralidade da teoria psicanalítica. Rodulfo (2001) critica os psicanalistas e as psicanalistas

que acreditam cegamente na pureza e na autonomia dos conceitos psicanalíticos, propondo a desconstrução de um de seus conceitos mais estabilizados, o complexo de Édipo.

Rodolfo publica o livro *Padres e Hijos* (2012) e continua, a partir de Derrida, com a ideia de uma psicanálise sem centro. Afirma que ao pensarmos um sistema teórico, como Freud, Klein ou Lacan, elegemos um centro organizador em que tudo passa a se referenciar. Rodolfo mostra como Freud traz o Édipo como um conceito central na vida e na forma psíquica e critica tal posicionamento ao afirmar que, no momento que se institui um centro, fica-se vinculado a ele, devendo-lhe obediência. Rodolfo trabalha com a lógica do vazio, de produzir um vazio. Vê nisso que ele chamou de *vazio de centro* a possibilidade de deslizar e criar um pensamento que saia desta lógica marcada pelos conceitos centrais dada pela psicanálise tradicional. Outros autores e outras autoras talvez também estejam produzindo o efeito conta-gotas. Destaco alguns e algumas: Monique David-Ménard, Michel Tort, Jessica Benjamin, Márcia Arán, Jurandir Freire Costa e Joel Birman.

E seguindo as contradições que desde o início da tese apareciam ao se falar de Freud e da Psicanálise, lembrei de meu primeiro caso de amor para com a psicanálise. Eu fazia a disciplina de Fundamentos da Clínica Psicológica – ênfase em psicanálise – quando ainda cursava a graduação em Psicologia. Era o meu primeiro contato com a psicanálise, minha maior aproximação a Freud até então. Produzi, em aula, um texto que buscava dar conta do que fora solicitado – “Refleta sobre o esforço operativo do Ego na relação com o Id e o Superego e as vicissitudes para a produção de vida” – com o intuito de ser a avaliação da primeira etapa do semestre. Fiquei com vontade de compartilhar ele aqui. Certamente tem muita análise a ser feita quanto aos enunciados que aparecem, mas não é esse meu propósito, é uma escrita de principiante apaixonada. Minha vontade é apenas de mostrar, como uma ilustração, na parte final deste processo particular, como fiquei mobilizada pela teoria, pela possibilidade de o que no texto chamei de “Clínica”:

O Ego é o mágico, ou melhor, o Ilusionista, que nos permite sobreviver aplaudindo o nosso espetáculo, a nossa própria ilusão. Mas o efeito da mágica logo vira pó e o Ilusionista já quase frustrado deve achar forças para transgredir, para recriar... Se não houver novidades, novas ilusões, novos objetos, os aplausos cessam. E o nosso Ilusionista precisa cada vez mais de objetos que para ele são certos, são perfeitos. Mas como não existe objeto total, a busca é sempre contínua. Bem, não é exatamente ele que precisa... E o que será certo, o que será perfeito? Quem o aplaude tanto ou

não o aplaude? A quem e a que ele tem que dar conta? A força e a necessidade para a busca de objetos vêm das pulsões. É o Id, através das pulsões de vida e de morte, que dá vetores de força ao Ego. As pulsões de vida permitem movimentos de ligação, faz com que esse artista “workaholic”, “compulsivo” Ego busque no outro (coisa ou sujeito) o esvaziar dessa pulsão. Mas não é o Id que faz o Ego ser, em termos, tão chato. O Id ajuda de certa forma o Ego a transgredir, já que não existe objeto total, e como a pulsão nunca acaba, pois se acabar chegaremos à estabilidade total de forças (a morte), ele faz com que o Ilusionista sempre busque novas ilusões. Isso torna o Ego persistente, mas não chato, até porque para satisfazer a carga pulsional qualquer objeto serve. Aí entram as representações verbais, o recalcado, a moral, a ideia calcificada de certo e errado. Surge, então, aquele que quase nunca aplaude, ou melhor, que nunca aplaude, pois o Ego jamais consegue, com o seu Ego Ideal, chegar ao Ideal de Ego do Super-Ego. E o Super-ego sempre vai dizer que a mágica não foi boa, que o objeto foi mal escolhido. Isso porque os valores não são construídos e sim impostos. O Super-ego já entregou ao Ego o “script” do espetáculo, o show deve ser da forma que o Ego já sabe, tudo está pormenorizado. Mas o Ilusionista não dá conta e se frustra. E se conseguir, ele morre. O Super-ego é resultado da internalização dos valores do mundo: o internalizamos por traumas ou dívidas amorosas. Por vezes, o Ego não busca mais objetos externos (libido objetal) e busca objetos internos (libido narcísica). O processo de identificação, encontrando objetos internos, poupa energia, é menos arriscado e não desgasta tanto o Ego, mas será que a felicidade está nesse controle que é prazeroso? Acho que não, não me parece produzir vida.

A produção de vida está em tornar esse Ego cada vez mais criativo, de encontrar objetos transgressores, de fazer mágicas diferentes sem culpa. Para isso a Clínica, para ouvir as metáforas do sujeito e fazer com que o recalcado, nesse gigantesco “rizoma” (no sentido dado por Deleuze), se torne latente. E deixar, talvez, esse Ilusionista menos chato, passível de mais objetos rompendo, assim, um pouco a lógica do circuito neurótico, “escravo” (como diria Naffah). A vida está no embate de ficar entre o que o Id e o Super-ego nos demandam. Tentando romper um pouco o circuito, talvez o Mágico (sempre no sentido de ilusionista) já possa, ao invés de querer (e precisar) de uma caixinha branca 30cm x 30cm, de madeira, com pontinhos amarelos de 10mm de diâmetro (quase tão igual ao “script” do Super-ego), escolher uma bola azul, um círculo verde ou azul ou colorido ou qualquer coisa, não exatamente qualquer, mas mais objetos do que o ideal de ego no atual momento o permite. (Daiane Maus – atividade de Grau A – 15/04/2004).

Conservo ainda dentro de mim essa potência que a psicanálise tem e na qual eu acredito. A potência do inconsciente, a potência do reinventar, do recriar, do devir. A psicanálise como transgressão, não como dogma, nem como redenção. Talvez seja duro – e para mim foi – ler o que escrevi nas páginas anteriores e se deparar com uma psicanálise-fascista, psicanálise-homofóbica – se também posso forjar predicativos junto a tantos que já



existem. Mas é preciso. Acredito que não podemos mais *tapar o sol com a peneira*, acredito que temos que *pôr o dedo na ferida*, acredito que precisamos ter a humildade, como psicanalistas, psicólogos, psicólogas, acadêmicos, acadêmicas, leitores ou leitoras, de admitir que o discurso psicanalítico fez e ainda faz mal a muitas pessoas, neste recorte, aos homossexuais e às homossexuais. E um discurso desse porte não se desfaz, ele é a cultura – como matéria que alimenta ao mesmo tempo em que se forma a partir dela – e está arraigado, é um amálgama com o qual teremos que conviver. Mas precisamos falar dele para que não passe por algo naturalizado, para que seja visto, apontado. Sei que como eu tenho um carinho enorme à psicanálise que me conquistou nos bancos acadêmicos, muitos e muitas também o têm. Mas é preciso um debate ético para olhar para qual psicanálise se está aplicando, se está ensinando, se está propagando na mídia. E perguntar se ela ainda é possível. E não basta dizer: “isso não é a minha psicanálise, é a psicanálise-predicativo do colega ou da colega”, pois ela é sim sua também, ela é criada na mesma rede discursiva da sua Psicanálise. É evidente que lemos e produzimos teorias críticas – que sigamos assim –, mas não podemos ignorar o que busquei mostrar nesta análise arqueológica: há algo que a psicanálise produz e produziu que tem impactos na nossa constituição como sujeitos. A forma que o complexo de Édipo é tratado nos programas televisivos; a forma que *blogs* explicam a causa da homossexualidade a partir de uma mãe forte e de um pai fraco; as piadas envolvendo *bichas* nos programas de humor; a vigilância das famílias ao tipo de brinquedo com o qual a criança brinca ou a roupa que ela quer usar: são práticas que não se constituíram do nada. E se a psicanálise não é culpada por ser combustível para todas essas mazelas (embora eu considere que ela tenha contribuído para quase todas), ela pode ser pelo fato de não combatê-las tendo em vista o estatuto de poder – com seus altos e baixos – que ela ocupa desde o início do século XX. Não proponho o fim da psicanálise, não proponho o fim de Freud, nem dos psicanalistas e das psicanalistas. Proponho uma psicanálise não-fascista, uma psicanálise não-homofóbica. Mas pergunto: será isso possível com a permanência do complexo de Édipo? Poderia existir uma psicanálise que abolisse o Édipo, mesmo sendo este base de grande parte da teoria? Não responderei a estas questões, mas pretendo deixá-las aqui como alças de apoio para percorrer o terreno escorregadio da psicanálise *versus* homossexualidade que continuaremos trilhando na clínica, na vida, nos anúncios televisivos, nas rodas de amigos e amigas, nos congressos – sejam eles acadêmicos ou de representatividade política.

## REFERÊNCIAS

- ALIZADE, Marian. Feminilidade primária. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 4, p. 153-160, dez. 2008.
- ANDRADE, Victor Manoel. Sexo e vida em Freud. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 799-820, 1996.
- ARAN, Márcia. Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, Jun/2000.
- AZAMBUJA, Deodato Curvo de. Terror, representação e psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 39, n. 3, p. 109-112, 2005.
- AZAMBUJA, Sonia Curvo de. A formação analítica em nossos dias: um analista para nossos tempos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 32, n. 4, p. 675-84, 1998.
- AZOUBEL, Lenise Lisboa. Um caso de homossexualidade masculina: considerações clínicas e teóricas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 1011-20, 1996.
- BRAGA, João Carlos. Função feminina, função masculina e função alfa. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 997-1004, out./dez. 1996.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, 2003b.
- CALLIGARIS, C. Escoteiro, homossexual e gentleman. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 mai. 2000. Ilustrada, 10.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. Complexo de Édipo, vista grossa, curiosidade e catástrofe psicológica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 27, n. 4, p. 607-26, 1993.
- CASTEL, Robert. **O psicanalismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- CASTEL, Robert. **A Gestão dos Riscos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.
- CECCARELLI, Paulo R. O que as homossexualidades têm a dizer à psicanálise (e aos psicanalistas). **Bagoas**, v. 06, n. 08, jul./dez. 2012.
- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. Reflexões sobre algumas desordens do pensamento em pacientes não psicóticos: alguns distúrbios do pensar em indivíduos e grupos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 23, n. 1, p. 155-172, 1989.
- CITATI, P. **Proust**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à Questão Sexual. Resolução CFP nº 001/99 de 22 de março de 1999. **Lex:** Site do Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: <[http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)> . Acessado em: mar. 2015.

CORREA, Celmy. Sodoma e Gomorra. Mille e tre ensaios sobre a sexualidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 37, n. 4, p. 110-1118, 2003.

COSTA, Gley P. A identificação e suas vicissitudes em relação com o caráter histérico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 29, n. 2, p. 349-364, abr./jun. 1995.

COSTA, Gley P. A tentação anti-edípica e o desenvolvimento da psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 29, n. 3, p. 615-630, jul./set. 1995.

COSTA, Gley P.; ROMANOWSKI, Romualdo. Aspectos dinâmicos da agressão no filme “Irmão sol, irmã lua”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 14, n. 2, p. 217-234, 1980.

COSTA, Gley P.; KATZ, Gildo. Considerações sobre a psicogênese da neurose e do caráter obsessivos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 19, n. 1, p. 69-85, 1985.

COSTA, J. **A inocência e o vício – estudo sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DAVIDOVICH, Eugenio. Continuidade e renovação na obra de Melanie Klein. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 16, n. 4, p. 439-446, 1982.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Entrevista sobre o anti-édipo. In DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. p. 23-36.

DRESCHER, J. Queer diagnoses: parallels and contrasts in the history of homosexuality, gender variance, and the diagnostic and statistical manual. **Archives of Sexual Behavior**, v. 39, n. 2, p. 427-60, abr. 2010.

DUNKER, Christian I. L. Aspectos Históricos da Psicanálise Pós-freudiana. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006. p. 387-412.

FIGUEIREDO, Luís Claudio. Os casos-limite: senso, teste e processamento de realidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 38, n. 3, p. 503-519, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal; 2006.

\_\_\_\_\_. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos**. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. v. 2.

FREUD, Sigmund. **Lettre de Freud à Mrs N. N...: Correspondance de Freud 1873-1939**. Paris: Gallimard, 1967.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

\_\_\_\_\_. **Conferência XXXII – Feminilidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1933. v. 22.

\_\_\_\_\_. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. **ESB v. 7**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1914). **Introducción al narcisismo. Obras Completas**. Tradução de Ballesteros. v. 1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.

\_\_\_\_\_. (1910). **Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. Obras Completas**. Tradução de Ballesteros. v. 2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1948.

\_\_\_\_\_. (1910). **Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância**. **ESB v. 11**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1917 [1915]). **Luto e melancolia**. **ESB v.14**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1923). **O ego e o id**. **ESB v. 19**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1924). A dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. **Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FROSCHE, J. **The psychotic process**. Madison, CT: International Universities Press, 1983.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GILLESPIE, W. H. Symposium on Homosexuality. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 45, p. 203-299, 1964.

GOMES, Maria Cecília Andreucci Pereira. O renascimento de Édipo ou A importância da função paterna na configuração das famílias atuais. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 35, n. 3, p. 843-871, 2001.

GOMES, Maria Cecília Andreucci Pereira. Os filhos de Jocasta: uma abordagem psicanalítica sobre a sexualidade feminina. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 1115-1146, out./dez. 1996.

GOMES, Ronaldo Fabiao. Nota previa: a psicanálise, o psicanalista e a instituição. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 15, n. 2, p. 137-143, 1981.

GRAÑA, R. **Além do desvio sexual**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

HALBERSTADT-FREUD, H. C; NOVINSKY, Ilana W. Electra cativa. Sobre a simbiose e a ilusão simbiótica entre mãe e filha e as conseqüências para o complexo de Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 35, n. 1, p. 143-168, 2001.

HANLY, Charles. Sobre fatos e idéias em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 29, n. 2, p. 395-404, abr./jun. 1995.

ISBISTER, J. N. **Freud – An introduction to his life & work**. Cambridge: Polity Press, 1985.

JONES, Ernest. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

KATZ, Gildo; COSTA, Gley P. Sexualidade e escolha de objeto. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 1059-69, 1996.

LANDER, R. Existe el sexo real? (1994). In: LANDER, R. **Las perversiones en la práctica psicoanalítica**. Caracas: Vadell Hermanos, 2001.

LEWES, K. **Psychoanalysis and male homosexuality**. Northvale, NJ: Jason Aronson, 1995.

LISONDO, Alicia Beatriz Dorado de. A reintegração da tragédia de Édipo á luz da adoção e dos estados primitivos do desenvolvimento do psiquismo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 26, n. 4, p. 527-38, 1992.

LISONDO, Alicia Beatriz Dorado de. Teorias sexuais infantis. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 873-890, out./dez. 1996.

LONGMAN, José. Estágios primitivos da mente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 28, n. 2, p. 253-60, 1994.

- LOUREIRO, Inês. Luzes e Sombras. Freud e o advento da psicanálise. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006. p. 371-386.
- MACHADO, Roaldo Naumann. As teorias sexuais da infância e o pré-consciente. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 865-872, out./dez. 1996.
- MACIEL, Auterives. Os muitos nomes do amor: o mito de Poros e Penia. In: Gravado em fita cassete. **Seminário**. Rio de Janeiro: Biblioteca da SBPRJ, 2002.
- MANHÃES, M. P. Paternidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 15, n. 4, p. 285-96, 1981.
- MANHÃES, Maria P. Considerações sobre o complexo de Édipo tardio na mulher: a filha mais velha e o pai idoso, a mãe viúva, a mãe solteira. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 36, n. 1, p. 109-125, 2002.
- MARCHON, Paulo. -A imagem sob a perspectiva de algumas teorias psicanalíticas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 33, n. 1, p. 39-59, 1999.
- MARQUES, Luciana R. As Homossexualidades na Psicanálise. **Trivium**, n. 1, dez. 2010. Disponível em <<http://www.uva.br/trivium/edicao1-dez-2010/artigos/3-as-homossexualidades-na-psicanalise.pdf>>. Acessado em: 30 mai. 2013.
- MAUS-MARQUES, Daiane. **A(s) Clínica(s) Psicológica(s) e a Diversidade Sexual: percorrendo trajetórias de vida**. 2010. 94f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- MAYA, Acyr. O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? **Psyche**, São Paulo, v. 11, n. 21, dez. 2007.
- MCDUGALL, J. (1998). O pai morto: sobre o trauma psíquico infantil e sua relação com o distúrbio na identidade sexual e na atividade criativa. In: GREEN, D. (Org.). **O enigma dos Sexos**. Rio de Janeiro: Imago.
- MEURER, José Luiz. Transferência e contratransferência eróticas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 837-46, 1996.
- MEYER, Alan Victor. Psicanálise e teatro. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 37, n. 2/3, p. 805-813, 2003.
- MONTEIRO, Denise B. R.; JACÓ-VILELA, Ana M. Fios, seduções e olhares: os primórdios “psi” nas terapias para corpos e mentes perturbados. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006. p. 141-158.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, aug. 2004.

NARDI, Henrique Caetano; TITTONI, Jaqueline; RAMMINGER, Tatiana. Fragments of a health work genealogy: genealogy as a research technique. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 4, jul./ago. 2005.

Nardi, Henrique C. e Machado, Paula, S. **Heteronormatividade**. In: Fleury, Elizabeth & Meneghel, Stela. Dicionário Feminino da Infâmia. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2015 (no prelo).

NEPOMUCENO, José. Sexualidade e criatividade: algumas considerações, com ênfase no masculino. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 35, n. 4, p. 1023-1038, 2001.

NETO, Avelino Ferreira Machado. Homossexualismo: uma aproximação clínico-teórica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 19, n. 1, p. 7-21, 1985.

NIGRI, Isaac Jose. A inveja do pênis. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 15, n. 3, p. 207-224, 1981.

NOSEK, Leopoldo. **Álbum de Família: Imagens, Fontes e Idéias da Psicanálise em São Paulo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NOTO, Iara Spada Bondioli de Souza. Mater certa, Pater incertus: sobre a possibilidade de exercer a função paterna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 35, n. 2, p. 317-333, 2001.

O'SHAUGHNESSY, Edna. Melanie Klein (1882-1960) – uma visão atual. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 16, n. 3, p. 275-290, 1982.

OUTEIRAL, José; CELERI, Eloisa Helena Rubello Valler. A tradição freudiana de Donald Winnicott – A situação edípica. E sobre o pai? **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 36, n. 4, p. 757-777, 2002.

PARISOTTO, Luciana et al. Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológico, psicanalítico e evolucionista. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, p. 75-87, abr. 2003.

PERDIGÃO, Heitor Gunther. Mito e Malleus Maleficarum: a misoginia a serviço da religião. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 26, n. 4, p. 539-552, 1992.

PEREIRA, J. O. Breve estudo sobre a interação feminilidade-masculinidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 21, n. 4, p. 547-579, 1987.

PONTE, Carlos Fidelis da. **Médicos, psicanalistas e loucos: uma contribuição à história da psicanálise no Brasil**. 1999. 190f. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.

QUINET, Antônio (Org.); JORGE, Marco Antonio Coutinho (Org.). **As homossexualidades na psicanálise:** na história de sua despatologização. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

RATTO, Cleber Gibbon. Compulsão à comunicação – modos de fazer falar de si. **Educação e Realidade**, v. 31, n. 2, p. 27-42, 2006.

REZENDE, Antonio Muniz de. Depois de Freud, Bion nos ajuda a trabalhar com o Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 37, n. 2/3, p. 539-546, 2003.

REZZE, Cecil Jose. Transferência: rastreamento do conceito e relação com transformações em alucinação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 31, n. 1, p. 137-166, 1997.

RIBEIRO, Paulo de Moraes Mendonça. Repensando a neurose obsessiva à luz das primitivas experiências do self. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 37, n. 1, p. 119-144, 2003.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

ROCHA, Fernando J. B. Complexo de Laio: mito estruturante ou deslizamento em direção ao gozo total? **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 27, n. 4, p. 673-80, 1993.

ROCHA, Fernando J. B. Viagem analítica e mudança psíquica: de Tebas a Colono. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 29, n. 2, p. 381-394, abr./jun. 1995.

ROCHA, Fernando J. B. Em marcha à ré pela fonte da saudade: da separação e emergência do sujeito na cena psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 19, n. 2, p. 171-224, 1985.

ROCHA, Fernando J. B. A sexualidade na teoria e prática psicanalítica: sobre o complexo de Édipo e de castração. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 891-904, out./dez. 1996.

ROSA, Dirceu de Santa. Édipo e cultura narcisismo e culpa. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 849-854, out./dez. 1996.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Em defesa da psicanálise:** ensaios e entrevistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROUGHTON, R. (2002). Rethinking Homosexuality: What it teaches us about Psychoanalysis. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 50, n. 3, p. 733-763, 2002.

RUSSO, Jane A. O Movimento Psicanalítico Brasileiro. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. **História da Psicologia:** rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006. p. 413-424.



SALDANHA, Marco Antonio Brant. Paixão e destino em Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 2, p. 307-321, abr./jun. 1996.

SANDLER, Paulo César. O quarto pressuposto. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 35, n. 4, p. 907-934, 2001.

STEINER, John. A luta pela dominação na situação edipiana. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 34, n. 2, p. 285-97, 2000.

SOUSA, Edson Luiz Andre de; ENDO, Paulo Cesar. **Sigmund Freud: ciência, arte e política**. Porto Alegre : L&PM, 2009.

TAVARES, Idésio Milani. Perseu – o mito e o complexo: uma variante do complexo de Édipo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 25, n. 2, p. 303-16, 1991.

TOURNIER, Michel. **Sexta-feira ou Os Limbos do Pacífico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1972.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait; PEREIRA, Denise Zimpek T; MATTOS, Maria Isabel Perez; CHEM, Vera Dolores Mainieri; MELLO, Vera Maria Homrich Pereira de. Revisitando Sófocles: a trilogia tebana sob a lente transgeracional. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 35, n. 1, p. 129-141, 2001.

VALLADARES, Maria Silvia R. M. Sexualidade e cultura. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 4, p. 855-864, out./dez. 1996.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. Rev. **Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151861482009000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482009000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acessado em: 04 jun. 2013.

ZIMERMAN, David Epelbaum. A face narcisista da sexualidade edípica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 31, n. 2, p. 495-514, 1997.

**APÊNDICE A – Tabela com artigos com o termo “complexo de Édipo”**

Tabela 4 – Artigos da Revista Brasileira de Psicanálise. Período: 2011 a 2015. Termo pesquisado: “complexo de Édipo”

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
1	2012	complexo de Édipo	Leonardo A. Francischelli	Psicanalisar hoje
2	2012	complexo de Édipo	Vera L. C. Lamanno-Adamo	Complexo de Édipo e pensamento complexo
3	2013	complexo de Édipo	Luis Kancyper	As transferências na psicanálise com crianças e adolescentes: narcisista, edípica, fraterna e a amizade de transferência
4	2013	complexo de Édipo	René Diatkine	“Tão negra quanto a madeira desta moldura...”
5	2013	complexo de Édipo	Gisèle de Mattos Brito	O Amor como elemento estruturante da continência na situação edípica
6	2014	complexo de Édipo	Raul Hartke	Édipo e Narciso na encruzilhada de Pótnias e no monte Fíquion
7	2014	complexo de Édipo	Ronaldo Manzi Filho	Seria o falo uma questão anatômica ou não? Levando ao extremo certa desconfiança de Butler sobre a teoria lacaniana
8	2014	complexo de Édipo	Leticia Glocer Fiorini	Repensando o complexo de Édipo

Fonte: A autora.

**APÊNDICE B – Tabela com artigos com o termo homossexual e homossexualidade**

Tabela 5 – Artigos da Revista Brasileira de Psicanálise. Período: 2011 a 2015. Termo pesquisado: homossexual, homossexualidade, homossexualismo

ORDEM	ANO	TERMOS	AUTOR/AUTORA	TÍTULO
1	2013	Homossexual	Rosine Jozef Perelberg	A multiplicidade das configurações sexuais
2	2013	Homossexualidade	Rubens Marcelo Volich	Remotas paisagens. Joyce McDougall e os destinos do psicossoma
3	2014	Homossexual Homossexualidade	Oswaldo Ferreira Leite Netto	Psicanalistas diante da questão homossexual: perplexidade?
4	2014	Homossexualidade	Leticia Glocer Fiorini	Repensando o complexo de Édipo

Fonte: A autora.